

DANIELA CABEZ SANTOS PEREIRA NODA

**RELAÇÃO ENTRE INTENÇÕES EMPREENDEDORAS E
ESTILOS DE APRENDIZAGEM EM UNIVERSITÁRIOS**

CAMPO LIMPO PAULSTA

2017

FACULDADE CAMPO LIMPO PAULISTA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO DAS MICRO E
PEQUENAS EMPRESAS

DANIELA CABEZ SANTOS PEREIRA NODA

Relação entre Intenções Empreendedoras e Estilos de
Aprendizagem em universitários

Orientador – Professor Doutor Marcos Hashimoto

**Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Mestrado em
Administração das Micro e Pequenas
Empresas da Faculdade Campo Limpo
Paulista para obtenção do título de
Mestre em Administração.**

**Este exemplar corresponde à versão final da
dissertação defendida pela aluna Daniela Cabez Santos
Pereira Noda e orientada pelo Prof. Dr. Marcos
Hashimoto.**

Orientador - Assinatura

CAMPO LIMPO PAULISTA
(Ano - 2017)

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

--

CAMPO LIMPO PAULISTA

FACULDADE DE CAMPO LIMPO PAULISTA

REALÇÕES ENTRE INTENÇÕES EMPREENDEDORAS E ESTILOS DE APRENDIZAGEM EM UNIVERSITÁRIOS

Autora: Daniela Cabez Santos Pereira Noda

Orientadora: Professor Doutor Marcos Hashimoto

PÁGINA DE APROVAÇÃO

Professor Marcos Hashimoto (Presidente / Orientador)
Faculdade Campo Limpo Paulista – FACCAMP

Professora Doutora Patrícia Viveiros de Castro Krakauer (Membro Interno)
Faculdade Campo Limpo Paulista – FACCAMP

Professor Doutor Orlando Roque da Silva (Membro Externo)
Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU)

Data: _____

DEDICATÓRIA

Aquele que me conhece desde o ventre da minha mãe, a quem devo meu infinito amor, dedico a ti meu Deus, pois sem tua misericórdia e sem a sabedoria que me concedes dia após dia não chegaria aqui. A minha amada mãe Leila Cabez que sem seu amor incondicional a mim e aos meus filhos eu não teria conseguido estrutura, e a todo incentivo que sempre me deu desde a minha infância. Ao meu pai Rogério Santos Pereira (*in memoriam*) que apesar de pouco convivermos, disse as palavras certas nos momentos oportunos e me manteve segura e convicta em minhas atitudes e decisões.

Aos meus filhos que nunca questionaram minha ausência e concentração em todo o percurso e são minha razão de tudo: Caíque Matheus, agradeço por ter me incentivado a dar continuidade em um momento que não conseguia mais; Carine Mayumi por toda sua dedicação e ajuda desde meu primeiro trimestre além da paciência e companheirismo; Gabriel Katsuyuki por já me ajudar a pensar no doutorado e meu caçula Giovanni Minoru por abrir mão de muitas coisas em detrimento da conclusão dessa etapa da minha vida e aos filhos do coração: minha nora Laís e meu futuro genro Davi que sempre se mostraram interessados em minha jornada. Trata-se de um sonho familiar, e que foi e será vivido por todos nós. Espero ter plantado sementes do saber naqueles que conviveram no meu dia a dia, e, pensando assim, não posso esquecer dos meus alunos que desde 2008 são a essência de toda essa determinação. O meu crescer também é por vocês!

AGRADECIMENTOS

O agradecimento nesse trabalho representa a participação de todos os envolvidos para eu chegar até essa etapa de realização: familiares que encorajaram, mestres que incentivaram, alunos que são a razão principal, aos irmãos na fé que compreenderam meu afastamento, aos amigos pessoais, de mestrado e de profissão que sempre estiveram presente com a mão estendida.

Não quero ser injusta em citar nomes, mas alguns precisam, pois fizeram parte ativa: meu esposo Francisco Katuyuki Noda que sempre me apoiou e me deu estrutura familiar, meu Mestre e Orientador Prof. Dr. Marcos Hashimoto por ter me aceito e acreditado na colaboração da minha pesquisa, minha Mestra Prof^a. Dra. Patrícia Viveiros de Castro Krakauner pela dedicação e palavras de conforto, minhas amigas que apoiaram desde a inscrição do Programa de Mestrado até esse exato momento: Kelli Cristina Batista, Joice Bresciane e mais recente Fernanda Lobo De Sordi, além dos amigos que participaram de alguma forma durante essa minha trajetória mas não menos importantes quanto aos que aqui estão listados nome a nome. Meus amigos de mestrado que me deram palavras e apoio pontualmente: Cláudia Paz, Marcelo Vasconcelos, Simone Leite e Marcelo Rivellino.

À instituição FACCAMP agradeço por eu ter sido acolhida desde a graduação e pela confiança e incentivo até a conclusão dessa etapa. Pela contribuição dos meus diretores, Prof^a. Patrícia Gentil e Prof. Nelson Gentil, os quais são fundamentais na minha formação. Às secretárias do mestrado e graduação que sempre estiveram prontas para ajudar-me: Tatiane, Bruna, Talita, Joice e Michele, agradeço o apoio.

Até aqui, a vocês o meu agradecimento!

" Ora, desde o ventre materno dependo de ti, das entranhas de minha mãe me separaste; dia após dia és motivo de todo o meu louvor". (Romanos

71:6 - Bíblia Sagrada)

RESUMO

Introdução - Apresentar dentro do tema empreendedorismo relações de intenções de empreender e estilo de aprendizagem para alicerces do ensino empreendedor. Visa-se proporcionar ao discente melhor autonomia para aproveitamento do seu aprendizado, auxiliando os profissionais da educação- sobretudo das disciplinas voltadas à formação empreendedora- a direcionarem o conteúdo de forma a obterem resultados satisfatórios. **Objetivo** - identificar a correlação entre estilos de aprendizagem e intenção empreendedora dos universitários que passaram pelo ensino de empreendedorismo na IES. **Métodos** - A população foi constituída por 172 alunos, de seis cursos diferentes da graduação, de 1º a 10º semestre na Instituição de Ensino Superior de Campo Limpo Paulista. Para a obtenção dos dados sobre a Intenção Empreendedora e Estilos de Aprendizagem de Kolb optou-se pela aplicação de questionário impresso via presencial. Utilizou-se para tratamento dos dados o software estatístico comercial Jump versão 12.0.1 para a análise estatística descritiva, análise de correlação de Pearson e teste de Wilcoxon. **Resultados** - São 66,7% homens e 33,72% mulheres na faixa etária de 18 a 25 anos que somam o total de 57,55% da amostra; 65% são trabalhadores de empresa privada e 49,42% já participaram de uma atividade empreendedora; 56,98% dos participantes se enquadram na dimensão Intenção Empreendedora, seguido do Estilo de Aprendizagem Acomodador com 63,81%. O resultado de maior influência é que não existe correlação significativa entre as variáveis, independente da área do saber. **Conclusões** - elevar o nível da educação se faz pertinente, ensino empreendedor é ensinar a cada indivíduo como atuar naquilo que lhe dá mais prazer e, também, faz de melhor, gerando uma sociedade de pessoas com atitude.

Palavras-chave: Ensino de Empreendedorismo, Empreendedorismo no Ensino Superior, Intenção Empreendedora, Estilos de Aprendizagem.

ABSTRACT

Introduction - Introduce within the entrepreneurship theme relations between entrepreneurial intentions and learning styles as the foundation of entrepreneurial teaching. It aims to provide the student with a better autonomy to take advantage of their learning, helping education professionals- especially of disciplines dedicated to entrepreneurial teaching- to guide the content in order to obtain satisfactory results. **Objective** - To identify the correlation between learning styles and undergraduate students' entrepreneurial intentions who have gone through the teaching of entrepreneurship in HEI. **Methods** - The population consisted of 172 students, from six different undergraduate courses, from 1st to 10th semester in Campo Limpo Paulista's Higher Education Institute. In order to obtain the data on the Entrepreneurial Intention and Learning Styles of Kolb, a questionnaire printed via attendance was used. The commercial statistical software Jump version 12.0.1 for descriptive statistical analysis,

Pearson correlation analysis and Wilcoxon test was used for data treatment. **Results** - 66.7% are men and 33.72% are women between the ages of 18 and 25 years, accounting for a total of 57.55% of the sample; 65% are employees of private companies and 49.42% have already taken part of entrepreneurial activities; 56.98% of the participants fall into the Entrepreneurial Intention dimension, followed by the Accompanying Learning Style with 63.81%. The result of the greatest influence is that there is no significant correlation between variables, regardless of the area of knowledge. **Conclusions** - raising the level of education is relevant, entrepreneurship teaching is to teach each individual how to act in what gives him the most pleasure and also do better, creating a society of people with attitude.

Key words: Entrepreneurship Education, Entrepreneurship on College, Entrepreneurial Intention, Learning styles.

LISTA DE FIGURA

Figura 1.	Fundamentos da pesquisa.	15
Figura 2.	Framework Geral.	15
Figura 3.	Processo Empreendedor.	21
Figura 4.	Intersecção entre as Teorias Andragógicas.	38
Figura 5.	Ciclo de Aprendizagem experiencial de Kolb.	42
Figura 6.	Estilos de Aprendizagem de Kolb.	43
Figura 7.	Ciclo Kolbiano.	44
Figura 8.	Modelo TCP de Ajzen (1991).	49
Figura 9.	Modelo Liñán e Chen (2009).	50
Figura 10.	Tipo de pesquisa.	54
Figura 11.	Estrutura do procedimento para a coleta de dados.	59
Figura 12.	Plano cartesiano de Kolb.	70
Figura 13.	Ciclo Kolbiano.	81
Figura 14.	Ciclo Kolbiano com as definições de cada quadrante.	94
Figura 11.	Sugestão para a aplicação do Ciclo de Kolb na fundamentação de conceitos.	106

LISTA DE QUADROS

Quadro1.	Tema por curso na graduação	2
Quadro2.	Número de pesquisas de 2000 a 2015 com o tema Empreendedorismo.	2
Quadro3.	Levantamento dos temas nas Plataformas de Pesquisa.	13
Quadro4.	Conceitos de Empreendedorismo.	18
Quadro5.	Empreendedorismo: abordagem de estudo.	20
Quadro6.	Ensino de empreendedorismo na visão de especialistas.	26
Quadro7.	Modelos e Objetivos de Aprendizagem.	30
Quadro8.	Diferença entre os termos: andragogia e pedagogia	31
Quadro9.	Modelos Andragógicos.	33
Quadro10.	Teorias de aprendizagem: abordagem/seminal e conceituação.	35
Quadro11.	Interação entre modelo e resultado de aprendizagem.	40
Quadro12.	Dimensões e Eixos do Ciclo Kolbiano.	42
Quadro13.	Intenção Empreendedora: estudos seminais.	47
Quadro14.	Construtos apresentados na TCP.	48
Quadro15.	Quantidade de alunos que cursaram a disciplina de empreendedorismo por curso, na FACCAMP.....	57
Quadro16.	Construtos e questões do Questionário de Intenções Empreendedora.	62
Quadro17.	Demonstrativo de questionários aplicados.	65
Quadro18.	Exemplo de tabulação dos dados: Questionário de Intenção Empreendedora.	66
Quadro19.	Primeiro passo para o tratamento do Inventário de Estilos de Aprendizagem.	67
Quadro20.	Quantidade de participantes por curso.	75
Quadro21.	Atividades empreendedoras realizadas pelos participantes.	76
Quadro22.	Percepções do Ensino Empreendedor na graduação.	77
Quadro23.	Percepções das ações pedagógicas e metodológicas.	78
Quadro24.	Pontuação das dimensões do Questionário de Intenção Empreendedora. ...	79
Quadro25.	Pontuação dos Estilos de Aprendizagem de Kolb.	80

Quadro26. Resultados das Hipóteses.	88
Quadro27. Predominância de Estilos de Aprendizagem da atual pesquisa.	94
Quadro28. Pesquisas anteriores sobre Estilo de Aprendizagem de Kolb e Intenções Empreendedoras.	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Indicador Serasa Experian de Nascimento de Microempresas Individuais.	3
Tabela 2.	Inventário de Estilos de Aprendizagem: Escore	69
Tabela 3.	Resultados dois a dois para definição do Estilo de Aprendizagem...	69
Tabela 4.	Tabela de coeficiente de correlação de Pearson.	83
Tabela 5.	Coeficiente de correlação de Pearson.	83
Tabela 6.	Transformações que a disciplina promoveu na vida do aluno por curso.	84
Tabela 7.	Contribuições das ações pedagógicas e metodológicas.	85
Tabela 8.	Questionário de Intenção Empreendedora.	86
Tabela 9.	Questionário de Estilo de Aprendizagem por curso.	87

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Problema da pesquisa.....	9
1.2 Questão de Pesquisa	10
1.3 Objetivos.....	11
1.4 Justificativa da Pesquisa.....	12
1.5 Organização da dissertação.....	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 Empreendedorismo.....	17
2.2 Ensino de Empreendedorismo no Ensino Superior.....	22
2.2.1 Aprendizagem Formal e Informal.....	28
2.3 Teorias da aprendizagem e Estilos de aprendizagem.....	31
2.3.1 Estilos de Aprendizagem	39
2.3.1.1 Estilo de aprendizagem de Kolb	39
2.3.1.2 Modelo de Aprendizagem de Kolb	41
2.4 Intenção Empreendedora	45
2.4.1 Modelo de Intenção Empreendedora: Teoria do Comportamento Planejado - TCP.....	48
2.5. Síntese dos conceitos	51
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	53
3.1 Caracterização geral da pesquisa.....	53
3.2 Procedimentos da pesquisa	56
3.2.1 População e Amostra	56
3.2.2 Procedimento para coleta de dados	58
4. ANÁLISE ESTATÍSTICA E RESULTADOS DOS DADOS.....	72
4.1 Análise descritiva dos dados.....	73
4.2 Análise estatística das relações entre as variáveis	81
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	90
5.1 Limitações da pesquisa.....	107
CONCLUSÃO	107
Pesquisas futuras	112
Recomendações Finais	113
REFERÊNCIAS.....	115

1. INTRODUÇÃO

As Micro e Pequenas Empresas representam um papel importante para a economia do país, espalhadas em nosso território nacional, gerando produção e empregos, e conseqüentemente gerando melhorias na distribuição de renda. O Empreendedorismo vem ganhando força e atenção de pesquisadores por ser visto como prenunciador na capacidade produtiva gerando benefícios para a sociedade, novos conhecimentos e gerando por certas vezes novas tecnologias.

Observamos na atualidade a quantidade de revistas, programas de televisão, matérias jornalísticas e cursos voltados ao Empreendedorismo, juntamente com esse crescimento nota-se a abertura das disciplinas incorporadas a Educação Empreendedora propostas nas Instituições de Ensino Superior as quais vem crescendo como um papel fomentador das intenções empreendedoras (SEBRAE NACIONAL, 2017), e uma oportunidade de investigação da IES no contexto regional e local sendo associado ao estilo de aprendizagem que melhor se adequa a determinados grupos, trás novas perspectivas teóricas para assuntos específicos. Atualmente, há uma extensa produção científica acerca do empreendedorismo (CAMPOS, *et al.*, 2012), aumentando o interesse da pesquisadora em buscar dentro do tema empreendedorismo relações de intenções de empreender e estilo de aprendizagem para alicerce da educação empreendedora. Entendemos, no entanto, que a educação empreendedora se faz necessária também em outros cursos da graduação, não sendo somente nos de administração, como é mais comumente apresentado nas pesquisas (Quadro 1), uma vez que outros cursos também habilitam o profissional para ampla atuação no mercado de trabalho, incluindo a gestão de seu próprio negócio.

Quadro 1 - Tema por curso na graduação

CURSOS DE GRADUAÇÃO	PALAVRA-CHAVE	
	Empreendedorismo	Educação Empreendedora
Administração	168	63
Engenharia	90	23
Ciência da Computação	19	10

Fonte: Capes MEC (2017), elaborado pela autora

O Quadro 2, representa o número de pesquisas ao tema Empreendedorismo em um espaço de 5 anos, de 2000 a 2015.

Quadro 2 - Número de pesquisas de 2000 a 2015 com o tema Empreendedorismo

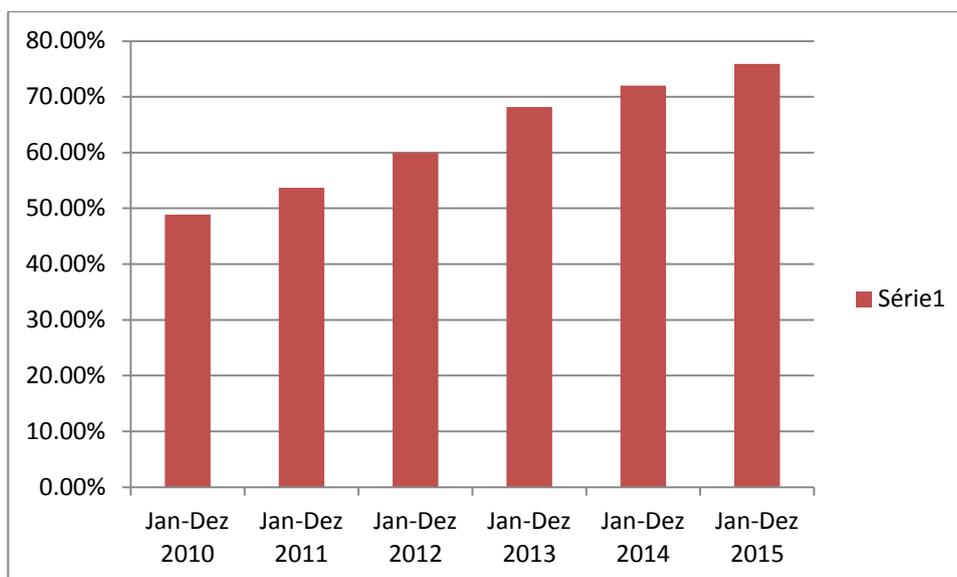
Tema/Agência de fomento	2000	2005	2010	2015
Empreendedorismo / CAPES	2	10	58	62
Empreendedorismo / SPELL	1	14	27	38

Fonte: Elaborado pela autora

Esse número crescente se deve a grande importância que se dá à criação de empresas, com a perspectiva de gerar prosperidade econômica à região, já como comentado por Schumpeter (1934) sobre o desenvolvimento econômico que a abertura de novas empresas propiciam, tendo em vista que a capacidade empreendedora é vital para o crescimento econômico.

Na pesquisa realizada pela Serasa Experian, de acordo com o indicador de nascimento de microempresas, das 1.963.952 novas empresas criadas no ano de 2015, 1.491.485 (75,9% do total) foram de Microempreendedores individuais (MEIs). Conforme a Tabela 1, em cinco anos, o crescimento foi de 49,0% (2010) para 75,9% (2015) ou seja, mais de dois terços deste total, conforme anunciado em 17/02/2016.

Tabela 1 - Indicador Serasa Experian de Nascimento de Microempresas Individuais



Fonte: Serasa Experian (2016), adaptado pela autora

Segundo dados quantitativos, obtidos através do relatório do GEM - Global Entrepreneurship Monitor/SEBRAE (2015), a taxa total de empreendedores - TTE - (iniciais e estabelecidos) manteve-se crescente desde 2011 (26,9%), superando em 2014 (34,4%). Já a taxa de empreendedores iniciais - TEA - foi de 21% em 2015, sendo 17,2% em 2014, e, em 2013, 17,3%, podendo esta queda ou estabilidade, entre 2013 e 2014, possa estar atrelada à crise econômica financeira (como mencionado no relatório), na qual, segundo a Agência Brasil, a dívida brasileira cresceu de 51,3% para 57,2% do PIB em 2014. Dessa forma, o tema empreendedorismo mantém-se crescente e atual nos temas de pesquisas acadêmicas, na medida em que, como já mencionado, ganha destaque em sua importância na criação de empresas visando trazer a prosperidade da economia em todo o mundo.

Assim, uma das formas de inserção no mundo dos negócios é o Empreendedorismo, o qual, segundo Kao (1995) pode ser entendido como a criação de novos empregos com o propósito de gerar riqueza para o indivíduo e adicionar valor a sociedade, e cuja inserção pode ser fomentada através do ensino de empreendedorismo. Este, por sua vez, se dá através da construção do conhecimento empreendedor por meio de ações concretas e que sobretudo levem a aliar a teoria à prática, como sugere a base de Educação

Empreendedora do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2016).

Lima *et al.* (2014, p.27) afirmam que os resultados apresentados pelo Estudo GUESS Brasil confirmam a importância de estudos em universidades, e trazem contribuições capazes de nortear ações para as mais diferentes esferas, como a reafirmação do papel das universidades como capacitadoras e fomentadoras de novos empreendedores.

Pelo fato de a IES possuir uma grade curricular com foco na formação de profissionais capacitados a gerir o próprio negócio, este se mostra um território fértil ao desenvolvimento da intenção empreendedora por meio do ensino de empreendedorismo, tanto que para Filion (1999) formação empreendedora volta-se ao tema da educação e abrange intenção empreendedora.

As Instituições de Ensino Superior (IESs) podem auxiliar os discentes em desenvolver suas capacidades empreendedoras, oferecendo uma metodologia didática que se adeque ao estilo de aprendizagem de maior predominância apresentado pelo grupo de alunos participantes da pesquisa. Dessa forma fornecer subsídios para a teorização e confecção de didáticas de ensino que possam ser aplicadas de forma direcionada, através das análises dos resultados sobre os Estilos de Aprendizagem e de que forma contribui para a Intenção Empreendedora.

O empreendedorismo, segundo Schumpeter (1947) e Drucker (1987), está associado com a inovação. Seguindo essa linha de estudo, o empreendedorismo envolve oportunidades, transformações no meio social e intenção de se criar algo. Quando nos referimos ao ensino de empreendedorismo, estamos inferindo ao estudo do comportamento do indivíduo frente aos seus desafios. Diante dessa definição de empreendedorismo, Drucker (1987) nos trás que a essência de empreendedor é transformar ideias inovadoras em ações lucrativas, já que o empreendedor vê nas transformações oportunidades de negócios. Torna-se o empreendedor aquele que está aberto ao aprendizado, ao conhecimento e à percepção da melhor forma de absorver as informações inseridas em seu meio.

A partir dessas reflexões, suscitou-se o interesse de perceber, em sequência aos dados da pesquisa, se os fatores motivacionais, intencionais e de atitude conforme a Teoria da Ação Planificada (TAP) de Ajzen (1991), aliados ao ensino de empreendedorismo, levam à formação do indivíduo empreendedor.

A atual pesquisa parte da verificação da presente pesquisadora em analisar o Estilo de aprendizagem dos alunos que já cursaram a disciplina de empreendedorismo, observando todas as áreas do saber dos cursos oferecidos na graduação pela Instituição de Ensino Superior considerada nesta pesquisa, relacionando o estilo de aprendizagem predominante à Intenção Empreendedora dos alunos.

Conhecer os tipos de Estilos de Aprendizagem dos discentes com Intenção Empreendedora em abrir um negócio, e relaciona-los com o estilo predominante de aprendizagem para maior adequação da educação empreendedora, compõem a produção de conhecimentos fundamentos no Estudo de Estilos de Aprendizagem Kolb (1978), que analisa a forma que o indivíduo aprende e como que interage com as condições de aprendizagem, e em que medida conhecer o estilo, auxilia o aprendizado. Será abordado nessa pesquisa, como o indivíduo recebe o aprendizado e o ensino de empreendedorismo. Este será um dos pontos de análise que a pesquisa espera responder.

A verificação do estilo de aprendizagem predominante do indivíduo nesta pesquisa é importante no contexto atual porque torna-se facilitador para obtenção dos resultados que produzem o sucesso. Visa-se proporcionar ao discente melhor autonomia para aproveitamento do seu aprendizado, auxiliando os profissionais da educação, sobretudo das disciplinas voltadas à formação empreendedora a direcionar o conteúdo de forma a obter resultados satisfatórios. A presente pesquisa vislumbra analisar qual a relação entre estilo de aprendizagem e a influência que exerceu as aulas de empreendedorismo com a intenção empreendedora dos jovens universitários que cursaram a disciplina, verificar o estilo de aprendizagem (KOLB, 1978) mais predominante nos estudantes universitários, evidenciando o aprendizado do

empreendedorismo de forma a adequar-se ao estilo, achando um ponto em comum entre os fatores sociais e pessoais que compõem a intenção empreendedora.

Segundo Davidsson (1995), a intenção é formada antes de se concretizar uma ideia e pode prever o comportamento de um indivíduo pretendo a estabelecer seu próprio negócio. Partindo desse pressuposto, do ponto de vista prático, a identificação dos valores, percepções sobre a atividade empreendedora, apoio social e as intenções de empreender permite conhecer os indivíduos diante da intenção empreendedora, e a partir desta identificação desenvolver adequações que possam ser efetivas em motivar a intenção e conseqüentemente incentivar um dado comportamento em uma série de aplicações práticas, auxiliando neste caso, o aumento da taxa de empreendedores nas regiões pesquisadas.

Com a análise entre as dimensões da Intenção Empreendedora, sob o viés do Estilo de Aprendizagem será quantificado se há mais de um estilo predominante e identificar as relações entre os estilos com as variáveis gênero, idade, semestre e modalidade, assim como a intenção de empreender do discente.

Segundo Cerqueira (2000) o estudo e a análise dos estilos de aprendizagem e estilos cognitivos oferecem aos indivíduos indicadores que os ajudam a guiar suas interações com as realidades existenciais vivenciadas.

O estilo de Kolb é evidenciado nessa pesquisa como fonte de estilo de aprendizagem a ser utilizada com os alunos universitários, de acordo com a predominância de estilo, exemplificar as metodologias aplicadas no ensino superior. Kolb (p. 134, 1984) menciona que o "conhecimento" é resultado da adaptação prática, uma característica definitiva da aprendizagem humana, a qual aliada a estímulos culturais e conhecimento social transformam-se em conhecimento pessoal. É criado então um ambiente dinâmico de aprendizagem e desenvolvimento, no qual o ser humano se adapta na medida em que elementos culturais mudam, como cita Cerqueira (2000) é o resultado do conhecimento social e pessoal. Busca adquirir o conhecimento de forma

prática. O estilos de aprendizagem colaboram com a forma do indivíduo perceber, organizar, processar e compreender a informação.

Muitas das necessidades em buscar conhecimentos, informações e conteúdos específicos podem ser sanadas pela Instituição de Ensino. No caso, da presente pesquisa, iremos configurar o ensino de empreendedorismo no ambiente de Ensino Superior, pois a Instituição de Ensino Superior tem como objetivo transmitir conhecimento, e de uma certa forma demonstrar comprometimento com a realidade social. Cerqueira (2000) comenta que a preocupação com o desenvolvimento científico e tecnológico do país deve caminhar ao lado da necessidade de proporcionar aos alunos uma formação que lhes possibilite não somente exercerem sua futura profissão mas, também, que corresponda às exigências que uma sociedade em constante mudança apresenta.

Na formação universitária existe a preocupação da instituição em desenvolver o discente de acordo com as exigências do mundo corporativo, aprimorando sua capacidade de participação e habilidades práticas, reforçando suas competências como forma de auxílio para se sentir confiante e preparado para o primeiro emprego e fortalecendo aqueles que já estão no mercado de trabalho - percepção e conhecimento adquirido pela pesquisadora no tempo de atuação com os jovens universitários em rodas de conversas e questionamentos sobre futuro -, convergindo com a realidade apresentada por resultados do GEM Brasil (2015) que revelou que a população brasileira com idade entre 18 a 64 anos representa 52 milhões de indivíduos, sendo que entre os empreendedores iniciais a proporção de homens e mulheres é praticamente a mesma, 51% e 49% respectivamente, e 39,3% destes formam o percentual representativo da taxa total de pessoas envolvidas na criação ou manutenção de algum negócio na condição de empreendedor - TTE (iniciais e estabelecidos)-, sendo que, deste percentual, empreendedores com ensino superior, são menos ativos, 11% para TTE (taxa total de empreendedorismo para o Brasil) e 17% para TEA (taxa de empreendedores iniciais).

Reforçando a pesquisa, conforme apresentado pela ENDEAVOR (2016), em parceria com o Sebrae, os dados da Quarta Edição da Pesquisa

Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras demonstram a importância das Instituições de Ensino Superior em contribuir com o desenvolvimento econômico e social do Brasil atuando como um agente-chave do desenvolvimento do ecossistema empreendedor local, preparando melhor os professores e agentes universitários, desde que estabeleçam estratégias para multiplicar o número de universitários que criam empresas inovadoras e transformam os setores em que atuam.

O estudo entrevistou 2.230 alunos e 680 professores pertencentes a mais de 70 instituições de ensino superior de todas as regiões do país. Por mais que cerca de 65% dos professores estejam satisfeitos com iniciativas de empreendedorismo dentro da universidade, a média entre os alunos é de apenas 36%. Outro ponto importante é o relacionamento entre universidades e empreendedorismo, verificou-se que as instituições não são vistas como um ponto de apoio para aqueles que querem empreender.

Como possível consequência da falta de diálogo entre universidade e as necessidades dos alunos, estes não veem o professor como ponto de apoio: cerca da metade dos empreendedores universitários, 48,5%, não conversam sobre seu negócio com o professor ou com outros profissionais da sua universidade. Quase 50% dos alunos empreendedores conversam com executivos e empreendedores e acreditam que essa é uma boa tática para se conectar com o mercado e suas oportunidades, ao passo que apenas 6,3% dos professores fazem o mesmo. A pesquisa (ENDEAVOR, 2016) constatou que aos alunos de ensino superior no Brasil que 5,7 já empreendem (empreendedores), 21% pensam em empreender no futuro (potenciais empreendedores) e 73,3% dos alunos não têm a intenção de abrir um negócio (não empreendedores). A pesquisa também mostra que 66% dos alunos acreditam que a disciplina de empreendedorismo é essencial para melhor prepará-lo para empreender.

1.1 Problema da pesquisa

Marczyk e colaboradores (2005) indicam que os bons problemas de pesquisa devem seguir três critérios, descrever o relacionamento entre duas ou mais variáveis, ter forma de questão e deve ser passível de ser testado empiricamente. Sob o viés dessas recomendações e fundamentado nos constructos abordados, e considerando que o problema de pesquisa é a base do desenvolvimento da mesma, com a problemática percebida através da inquietação da presente pesquisadora, foi constituído que o problema da pesquisa é de como a Instituição de Ensino Superior pode ser alicerce para o ensino de empreendedorismo dos discentes, se o Estilo de Aprendizagem desses discentes está adequado ao formato das disciplinas que compõem a educação Empreendedora oferecida, contribuindo para o aprendizado de forma a motivar na intenção de empreender, abrir e manter novos empreendimentos, visto que a educação é um dos pilares para as competências e habilidades empreendedoras serem estimuladas no indivíduo. A educação para o empreendedorismo tem sido considerada um dos principais instrumentos para aumentar e amparar as atividades empresariais, bem como o desenvolvimento social (LIÑÁN; SANTOS, 2007), proporcionando ao aluno uma visão aberta e abrangente do mundo (HASHIMOTO, 2009: 2013).

Considerando que a intenção normalmente os impulsiona a buscar a preparação para empreender (LIMA *et al.*, 2015, *apud.*, FAYOLLE; GAILY; LASSAS - CLERC, 2006), visto que, também, pode ser grande propulsora e viabilizadora do empreendedorismo, conforme comentado pelos autores Lima (*et al.*, 2015) esse potencial é visto como a condição de entender o ambiente empreendedor. A Educação por sua vez é um dos pilares para as competências e habilidades empreendedoras serem estimuladas no indivíduo.

Após a exposição da problematização da pesquisa torna-se necessário nortear o arcabouço teórico para algumas questões presentes como: educação de empreendedorismo no ensino superior, a percepção do aluno quanto ao seu aprendizado da temática empreendedorismo, o estilo de aprendizagem predominante da amostra, o direcionamento da metodologia mais adequada

para chegar ao conhecimento, o que pode alicerçar a intenção empreendedora e dessa forma contribuir para a formação empreendedora dos discentes.

1.2 Questão de Pesquisa

A atual pesquisa buscará responder a seguinte questão da pesquisa: **Qual a correlação entre estilo de aprendizagem e intenção empreendedora nos jovens universitários que cursaram a disciplina de Empreendedorismo de acordo com suas percepções sobre a didática aplicada no conteúdo de formação empreendedora?** Vislumbra-se com os resultados e discussão da pesquisa, subsidiar com sugestões para futuro aprimoramento da educação empreendedora no quesito ensino, considerando o estilo de aprendizagem predominante do grupo, onde professores e alunos possam somar esforços na construção e desenvolvimento do conjunto de elementos que compõem o ensino de empreendedorismo, no fortalecimento da intenção empreendedora, na formação profissional facilitando e estimulando o comportamento empreendedor dos discentes e como a influência dos antecedentes pessoais, das competências empresariais já adquiridas, e do ambiente institucional favorece à educação empreendedora.

Krakauer (2014), comenta que ensinar é uma problemática existente dentro do contexto do ensino do empreendedorismo e cita o autor Jeff Vanevenhoven que considera, que o próximo passo é no sentido de entender metodologias específicas para se ensinar a disciplina denominada empreendedorismo, considerando ainda os atuais estudos como sendo contraditórios. Sendo assim, será verificado qual o estilo de aprendizagem predominante entre os discentes, e sua dimensão de intenção empreendedora para que as abordagens de ensino sejam sugeridas ao estilo correspondente, facilitando o aprendizado, contribuindo com a formação empreendedora e intensificando ou não a intenção de empreender do indivíduo.

1.3 Objetivos

A presente pesquisa tem como seu objetivo geral identificar a correlação entre estilos de aprendizagem e intenção empreendedora dos universitários que passaram pelo ensino empreendedor na IES .

Como objetivo secundário espera-se:

- Verificar se a disciplina de Empreendedorismo reforçou, na percepção dos alunos, a construção e ao direcionamento para um pensamento empreendedor, e se promoveu transformações em sua vida pessoal, profissional e acadêmica
- Analisar se a forma que se aprende e a didática aplicada ao ensino de empreendedorismo, influenciam os alunos a terem intenções empreendedora.
- Sugestionar a didática de ensino de empreendedorismo condizente com o Estilo de Aprendizagem predominante a realidade dos discentes, contribuindo assim para o aprendizado de forma a motivá-los na intenção de empreender.

Como hipótese principal podemos testar a existência de uma correlação significativa entre intenção empreendedora, estilo de aprendizagem e a contribuição da disciplina na vida dos alunos, em relação as diferenças de cursos tecnólogos e bacharel. Como hipóteses podemos apresentar:

- Hipótese 0: As Proporções de estilo de aprendizagem, Intenção Empreendedora e acreditar que a disciplina de empreendedorismo promoveu transformação para sua vida, NÃO VARIA entre participantes dos cursos tecnólogos e participantes de curso bacharel.
- Hipótese 1: As Proporções de estilo de aprendizagem, Intenção Empreendedora e acreditar que a disciplina de empreendedorismo promoveu transformação para sua vida, VARIA entre participantes dos cursos tecnólogos e participantes de curso bacharel.

O desdobramento desta pesquisa poderá também levantar algumas questões como o reconhecimento entre os diferentes Estilos de Aprendizagem, direcionando o discente a uma atenção sobre suas necessidades, proporcionando autonomia, satisfação sobre seus estudos e assimilação do conhecimento.

Através do exposto acima, é justificável e significativo que o discente possa conhecer seu nível de intenção de empreender, assim como seu estilo de aprendizagem e se existe consonância das duas temáticas para sua formação empreendedora, bem como a sugestão da didática de ensino de empreendedorismo que mais se adequa a realidade dos discentes, na IES de estudo de caso.

1.4 Justificativa da Pesquisa

Espera-se contribuir, como justificativa da atual pesquisa, com o estudo sobre Educação Empreendedora. Através dos resultados obtidos será traçado um cenário de como o ensino de empreendedorismo na IE de estudo de caso, está contribuindo para a formação e desenvolvimento empreendedor, assim como, se a educação empreendedora recebida vem estimulando a intenção de empreender desses alunos. Para Filion (1999) formação empreendedora volta-se ao tema da educação e abrange intenção empreendedora.

Procura-se permitir o enriquecimento teórico na área com os dados obtidos, servindo de parâmetro para nortear e realizar novas pesquisas. Como apresentado no Quadro 3, observa-se que possuem poucos conteúdos relacionados a pesquisa, no tema Empreendedorismo, no contexto da análise da Intenção Empreendedora e no estudo do Estilo de Aprendizagem. Juntamente com essa inquietude parte-se para a reflexão de analisar o Estilo de aprendizagem dessa população-alvo e se realmente existe intenção empreendedora significativa desse grupo verificado, trazendo assim um estudo específico que corrobora com futuros comparativos na mesma área do saber porém, em outras regiões ou até mesmo comparando com outras áreas do

saber, ou vislumbrando uma análise de direcionamento didático de ensino adequado aos resultados de estilo de aprendizagem predominante, fomentando novas perspectivas no modelo de ensino da disciplina para a própria Instituição de Ensino pesquisada, proporcionando ao estudante de graduação maior satisfação, autonomia e conhecimento de suas características no processo de aprendizagem.

Quadro 3 - Levantamento dos temas nas Plataformas de Pesquisa

Palavras-chaves	CAPEs	SciELO	SPELL
Estilos de Aprendizagem	101	52	12
Empreendedorismo	654	243	160
Intenção empreendedora	12	4	4

Fonte: da autora (CAPEs; SCIELO; SPELL, 2016)

Na relevância prática, relaciona-se ao fato que o ambiente universitário tem aparecido nas pesquisas como fomentador e facilitador para o desenvolvimento social, de novos empreendedores e sobretudo novos negócios, devido ao aprendizado coletivo que contribui com o desenvolvimento e por meio do ensino empreendedor que através da sua didática mescla teoria e prática em um processo de contínuo aprendizado e encorajamento. Dessa forma a contribuição que os resultados podem trazer para a instituição e região que está inserida, é de relevância ao desenvolvimento social e local. Ainda no contexto regional, a pesquisa tem o intuito de contribuir para o aperfeiçoamento dos contextos ainda não explorados, sendo estes, em uma IES no interior de São Paulo e utilizando uma população-alvo de variadas áreas do saber.

Almeida (2013, p. 346) recomenda pesquisas com essa percepção, pois comenta que cada região pesquisada possui seus valores, costumes, visões de mundo e a associação de valores com atitudes e intenção empreendedora, e que parece sofrer influências culturais.

A relevância pessoal justifica-se com a afinidade da pesquisadora com o tema e também porque que o mestrado profissional objetiva, segundo definido pela Capes (2016), desenvolver a profissionalidade do discente, e tratando-se da mestranda da atual pesquisa ser docente na Instituição de Caso de Estudo, faz-se o interesse particular na área da pesquisa, onde atualmente a instituição

de Estudo de Caso possui uma média de 4.500 alunos que já cursaram a disciplina de empreendedorismo.

A Capes - De acordo com o artigo 3º da Portaria Normativa n.17, 28 de dezembro de 2009, a modalidade mestrado profissional parte da experiência prática do discente, e deve ser levado às atividades e produções técnico-científicas e de inovação em pesquisa aplicada, bem como na solução de problemas específicos da área de formação (KRAKAUER *et. al.* 2015)

Na inquietude e percepção profissional da pesquisadora, a qual já trabalha como docente na instituição cenário da pesquisa, desde 2008, percebe-se uma lacuna prática em evidenciar a amostra da pesquisa ao curso de Engenharia, visto que a quantidade dos alunos da Engenharia é quatro vezes maior que o curso de Administração, o qual, o curso de Administração, comumente faz parte de amostras para pesquisas nessa temática. Como percebido em pesquisa ao tema no Portal Periódicos - CAPES/MEC - o tema Empreendedorismo na Administração aparece em 153 pesquisas, quanto o tema Empreendedorismo na Engenharia aparece em 13 pesquisas. Apenas para esclarecimento, fizeram parte da amostra todos os cursos que possuem disciplina de empreendedorismo, assim nos fornece amplitude nos resultados podendo ser feito algumas comparações por áreas de cursos. Os cursos que fizeram parte da pesquisa estão mencionados no capítulo Procedimento Metodológico.

Justifica-se a pesquisa por ser tratar de um tema atual, podendo contribuir academicamente como um passo no entendimento de um tema ainda em evolução e, na prática, com os demais programas de empreendedorismo.

1.5 Organização da dissertação

Dessa forma, apresenta-se na Figura 1 a construção dos tópicos que fundamentam a pesquisa:

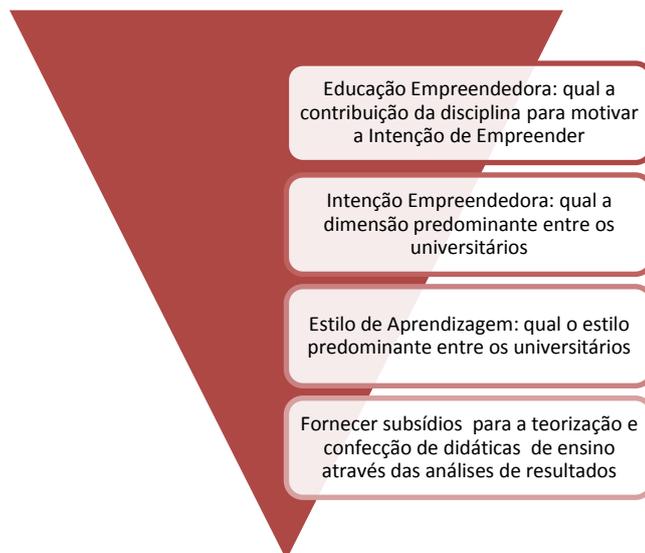


Figura 1 - Fundamentos da Pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora

Para facilitar a leitura da pesquisa a Figura 2 indica como os capítulos principais apoiam o cumprimento dos objetivos:

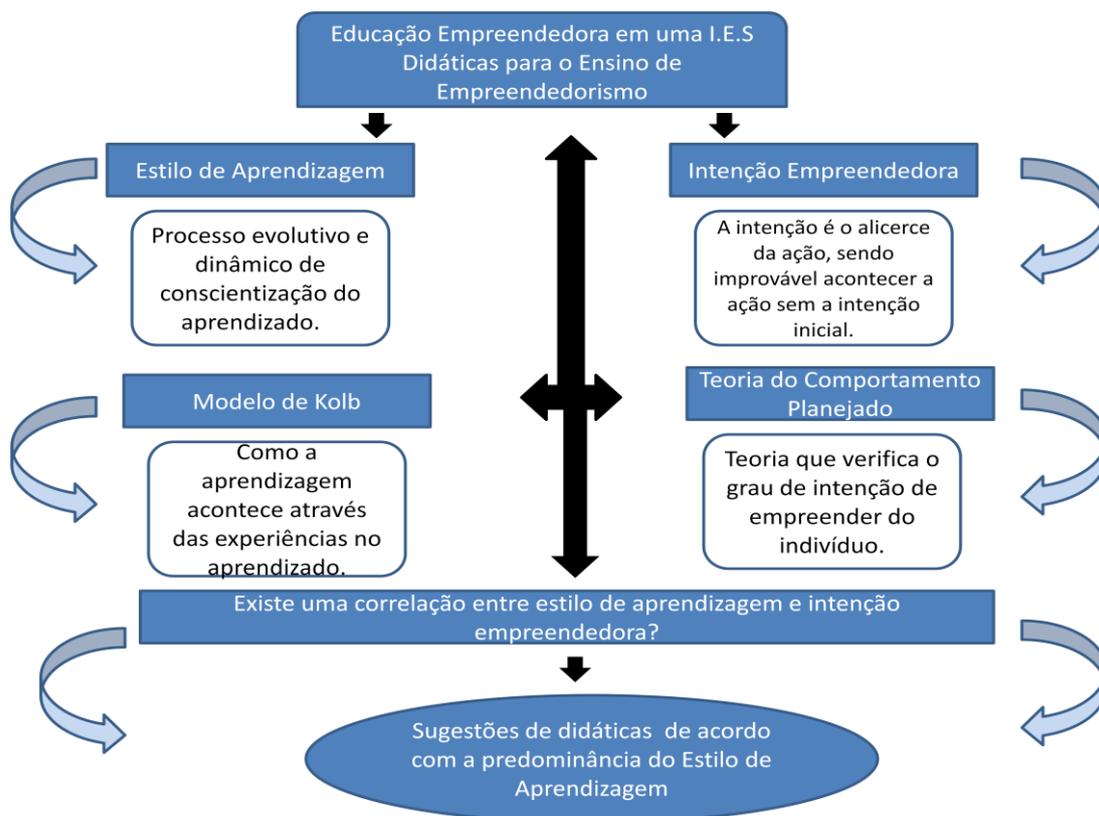


Figura 2 - Framework geral

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Kolb (1978) e Ajzen (1991).

O projeto está estruturado em cinco capítulos, contando com essa introdução, a qual constitui-se no problema e questão da pesquisa, objetivos e justificativa. O segundo capítulo é dedicado ao desenvolvimento do referencial teórico, voltando-se aos conceitos de: empreendedorismo; intenção empreendedora, onde será abordado o modelo de escala psicométrica, que trata-se justamente do modelo de questionário usado nessa pesquisa; abordagem dos conceitos, definições e formulação teórica dos autores selecionados em relação a Educação do Empreendedorismo no ensino superior e com isso os Estilos de Aprendizagem de Kolb, o qual está intrinsicamente ligado a discutir a referente pesquisa, em qual estilo de aprendizagem dos discentes que fazem parte da amostra se sobressaem.

A metodologia da pesquisa é o terceiro capítulo, onde está descrito os procedimentos utilizados para o levantamento dos dados, assim como a amostra e os questionários aplicados, que proporcionará análise dos dados e a discussão de resultados alcançados pela pesquisa, o que dará sequencia a conclusão e reconsiderações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Os principais conceitos utilizados para composição dessa pesquisa serão apresentados neste capítulo. Foram identificados os autores e artigos após uma pesquisa bibliográfica o que levou a abordagem dos principais construtos. As principais bases de dados para a consulta dos artigos foram: EBSCO, Portal Capes, Proquest, *Web of Science* e Dedalus.

2.1 Empreendedorismo

O empreendedorismo traz diversos conceitos na literatura que nos faz refletir o quanto é complexo o tema. Podemos observar o conceito de Timmons (1994) que ao de encontro com nossa realidade atual: "*o empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que a Revolução Industrial foi para o século XX*". Segundo Cotrim (2002, p. 233), graças a revolução Industrial, o capitalismo da Época Moderna pôde amadurecer e constituir - se num sistema econômico, acompanhado por notável evolução tecnológica. Fase de modernização nos sistemas de comunicação e descoberta de novas fontes energéticas, propiciando a empresa a ter maior produtividade e maior lucro.

Segundo o especialista André Luz, Doutor em Engenharia Mecânica Aeronáutica, ao longo das últimas duas décadas as empresas tecnológicas focaram-se no setor dos serviços, desde a digitalização completa de todos os processos industriais até aos inquéritos de satisfação do cliente, havendo grandes oportunidades de negócios para organizar e desenvolver um sistema de empreendedorismo específico para a indústria 4.0 (LUZ, 2017).

Considerando que a palavra empreendedorismo (derivada da palavra francesa *entrepreneur*) significa aquele que assume riscos e começa algo novo (DORNELAS, 2001) e diante da necessidade da globalização nos pressiona a desenvolver produtos cada vez mais competitivos, intensificamos a certeza de um movimento industrial que exige cada vez mais características empreendedoras. Conforme apontam Hisrich e Peters (2002), o termo já era

usado desde a Idade Medieval para descrever tanto um ator quanto uma pessoa que gerenciava grandes projetos.

Nas duas últimas décadas, o tema empreendedorismo vem sendo citado com maior intensidade nos meios acadêmicos e, amparando-nos no cenário econômico atual, reforçamos que o preparo educacional de um país o torna mais importante em sua riqueza de pessoas: indivíduos comprometidos e autoconfiantes que praticam atitudes adequadas à sua nova realidade, aplicando em suas práticas experiências já vivenciadas e estabelecendo uma harmonia com sua capacidade criativa. Tal ideal de pessoas vai ao encontro ao elucidado por Hashimoto (2009, p. 43), onde o diferencial que deve ser notado no aluno - trazendo para o contexto da presente pesquisa - está na capacidade criativa, na atitude, na iniciativa, no poder de criar redes de relacionamento, na habilidade de influenciar pessoas, de defender suas ideias e valores. São alguns componentes que movem o ato de empreender, ato esse que converge em algo que surge da criação, do ato de inovar e é citado por autores economistas e comportamentalistas, conforme apresentado no Quadro 4:

Quadro 4 - Conceitos de Empreendedorismo

AUTOR, ANO	CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO
Jean - Baptiste Say, 1816	Criação de novos empreendimentos que evidenciavam o desenvolvimento econômico.
Schumpeter, 1928	Percepção e exploração de novas oportunidades, utilizando possíveis recursos disponíveis, de maneira inovadora. Importante no desenvolvimento econômico.
Gatner, 1985	Pode ser explicado através de quatro dimensões, as quais determinam a criação de novos negócios: o indivíduo, o processo, a organização e o ambiente.
Degen, 1989	Desenvolvimento (com o processo da destruição criativa) da capacidade do país em produzir, em quantidade suficiente e a preços cada vez mais acessíveis, os bens e serviços necessários ao bem-estar da nossa população.
Filion, 1999	Transformar matéria-prima em produtos e serviços com valor econômico. continua...

Shane e Venkataraman, 2000	Uma área de negócios que busca entender como surgem as oportunidades para criar algo novo (produtos ou serviços novos mercados, novos processos de produção ou matérias-primas e novas formas de organizar as tecnologias existentes).
Hisrich e Peters, 2004	Processo de criar algo diferente e com valor.
Baron e Shane, 2007	Requer a criação ou o reconhecimento de uma aplicação comercial para algo novo.
Zarpellon, 2010	Visto mais como um fenômeno individual, ligado à criação de empresas, quer através de aproveitamento de uma oportunidade ou simplesmente por necessidade de sobrevivência, do que também um fenômeno social que pode levar o indivíduo ou uma comunidade a desenvolver capacidades de solucionar problemas e de buscar a construção do próprio futuro, isto é, de gerar Capital Social e Capital Humano.

Fonte: elaborado pela autora.

A abordagem com que se pretende trabalhar para a revisão do conceito é a apresentada por Hisrich e Peters (2004, p.29), que mencionam que o empreendedorismo é o

processo de criar algo diferente e com valor, dedicando o tempo e o esforço necessário, assumindo riscos financeiros psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação econômica pessoal

Formando, no conceito exposto pelos autores, todas as outras linhas de pensamento dos autores seminais da literatura sobre Empreendedorismo como um processo que ocorre em diferentes ambientes e situações empresariais, provocando mudanças através da inovação, gerando emprego, impostos, e até criação de novos métodos de produção (FIALHO *et. al*, 2006; SCHUMPETER, 1947; DRUCKER, 1987).

Segundo os autores (HISRICH E PETERS, 2009), a econômica, a gestão e a psicologia, são as principais áreas que estudam o empreendedorismo, conforme o Quadro 5:

Quadro 5- Empreendedorismo: abordagens de estudo

ÁREA DO SABER	PENSAMENTO
Economia	Introduz mudanças, inovações; combina fatores que tornam os seus valores maiores.
Gestão	Melhores formas de utilizar os recursos; Aliado, cliente ou concorrente agressivo
Psicologia	Forma de conseguir algo novo. experimentar, atingir algo e/ou escapar de ser submetido a autoridade de outros (chefia).

Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Hisrich e Peters (2009).

Filion (1999) comenta haver uma confusão com os conceitos dos termos "empreendedor" e "empreendedorismo". Conforme apresentado no Quadro 4 os termos aparecem um momento fazendo a vez do outro, em relação a geração de negócios (ato de criação) e ao indivíduo (iniciativa de implementar). Dornelas (2001) aponta atenção a quantidade de estudos sobre os conceitos empreendedorismo/empreendedor a cerca de explicá-los. Essa coesão entre as abordagens é comentada por Shane e Venkataraman (2000).

Encontramos na literatura um conceito de Hisrich e Peters (2002) para processo empreendedor, o qual nos elucida os termos empreendedorismo/empreendedor de forma que o empreendedorismo é trazido como o início do processo e a figura do empreendedor é a ação do indivíduo em criar algo, conforme Figura 3:

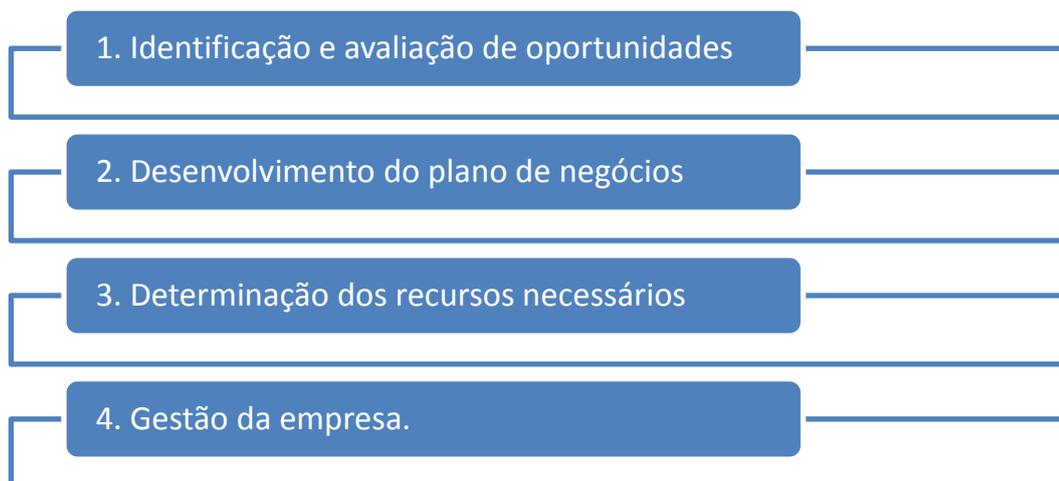


Figura 3: Processo Empreendedor

Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Hisrich e Peters (2002).

Schumpeter (1949), menciona que inovar dentro de um negócio já existente é empreendedorismo, ou seja, o indivíduo identifica e avalia oportunidades. Para Drucker (1987:2000), o empreendedorismo não é nem arte, nem ciência, ele é, sim, uma prática. Prática esta, gerada em todo o processo de empreendedorismo assim como na gestão do negócio como menciona os autores Hisrich e Peters (2002) na figura anterior.

No cenário brasileiro, a abertura da economia ao comércio internacional, na década de 90, possibilitou a dinamização do crescimento de micro e pequenas empresas, trazendo o tema do empreendedorismo, inevitavelmente, cada vez mais aos olhos dos pesquisadores. Ainda à luz dos autores supracitados, também parece existir consenso entre acadêmicos e praticantes do empreendedorismo no que se refere a não existir um padrão definitivo a respeito da forma ideal de se estabelecer um novo empreendimento, e também no que diz respeito a um modelo de decisão clássico para a criação de novos negócios (TASIC, 2007).

O empreendedorismo é entendido como um processo complexo que reconhece as variáveis sociais, econômicas e psicológicas como influenciadoras no ato de empreender, segundo Fayolle (2002), pois é

necessário que variáveis como: cultura, mobilidade social, política públicas, incentivo de trabalho, capital de risco e outros façam parte do desenvolvimento empreendedor.

Assim, caminhamos para o pensamento de se esperar por indivíduos melhor preparados, com conhecimento e autoconfiança suficientes para criarem e empreenderem.

2.2 Ensino de Empreendedorismo no Ensino Superior

Realizando uma breve evolução do ensino do Empreendedorismo, iniciamos com as primeiras iniciativas de ensino de Empreendedorismo em 1947 com o professor Myles Mace o qual ofereceu o primeiro curso de Empreendedorismo na Universidade de Harvard e do professor Peter Drucker na Universidade de Nova York (gestão de pequenas empresas e inovação), onde a origem do empreendedorismo está associada aos cursos de administração de empresas como uma necessidade prática segundo Lavieri (2010).

Dolabela (2001) menciona que o ensino do Empreendedorismo no Brasil iniciou em 1981 no curso de Especialização em Administração da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, como disciplina - Novos Negócios - na especialização em Administração para Graduados, ministrada pelo Professor Ronald Degen, em São Paulo, e três anos mais tarde como Almeida (2013) menciona em sua pesquisa, o conteúdo foi estendido para a graduação da do curso de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, através da disciplina de Criação de Negócios - Formação de Empreendedores, assim como foram criadas na mesma época disciplinas semelhantes na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (USP) e no Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A partir de Dolabela e Fillion (2000), verificamos a história do empreendedorismo no Brasil, considerando seus protagonistas e cursos,

percebemos que o ensino de empreendedorismo nasce em 1981 na faculdade de Administração chegando em 1996 ao curso de ciência da computação.

Segundo Andreassi e Fernandes (2010), os indivíduos que constroem empreendimentos a partir de ideias inovadoras, despertam o interesse das escolas, pelo ensino do empreendedorismo como método de atração e retenção de aluno. Para Lopes (2010), a educação empreendedora pode focar a formação do indivíduo ou focar naquele que se interessa por uma oportunidade e que estaria numa fase anterior à criação de um negócio. Dessa forma contribui Lima et. al. (2014) quando menciona que os estudantes podem se beneficiar com o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades do empreendedorismo com a EE mesmo que não queiram ter seu próprio negócio.

Considerando o conceito de Empreendedor segundo Schumpeter (1949) o empreendedor é uma pessoa que destrói a ordem econômica existente, introduzindo novos produtos e serviços, criando novas formas de organização e explorando novos materiais. Com isso a importância da formação do indivíduo com conhecimento empreendedor também é uma forma de direcionamento a futuras aberturas de MPEs. Entende-se portanto que o ensino superior viabiliza o crescimento do conhecimento de inovação, inclui o discente na sociedade com suas novas competências adquiridas no desenvolvimento do aprendizado do empreendedorismo e cria uma economia competitiva. Assim, Hisrich e Peters (2004) reconhecem a importância das micro e pequenas empresas na geração de empregos e na inovação, em contraponto com as grandes empresas que não proporcionam espaço para realização pessoal, colaborando assim para a atenção pela educação empreendedora.

Guerra e Grazziotin (2010) referem-se ao crescimento das micro e pequenas empresas como fundamentais no crescimento e na mudanças de vários setores do mercado de trabalho, multiplicando assim, o ensino de empreendedorismo nos cursos de administração e aos referidos à tecnologias, devido a pressão que o mercado exerce. Chamado por Lavieri (2010, p.12) como franco "processo de valorização" uma vez que Henrique e Cunha (2006) já apontavam a multiplicação do ensino de empreendedorismo em diversas áreas, e principalmente nos grandes centros de graduação e pós graduação do

país. Também é de conhecimento que o fator realização pessoal na atividade empreendedora, faz com que a atividade profissional e o prazer andem juntos.

Segundo Costa e Carvalho (2011), estas diversas movimentações acerca do empreendedorismo bem como o volume de recursos investidos neste sentido direcionam o olhar acadêmico para a exploração da educação empreendedora. As autoras citam que a educação para o empreendedorismo pode ser definida como a educação com o objetivo de criar um novo produto ou serviço, com valor econômico, dirigido a pequenas empresas, ao autoemprego e ao desenvolvimento de novas competências (HANSEMARK, 1998). Porém, Novaes e Gil (2009, p.151) ressaltam que “as múltiplas manifestações de empreendedorismo indicam a necessidade de novas abordagens acerca do fenômeno empreendedor, que possibilitem o entendimento do processo empreendedor com base na experiência de vida e nas representações das pessoas”. O mundo pede por mudanças a todo momento e para tanto, pessoas com capacidade de pensar além. Esse estímulo pode ser oferecido no ensino de empreendedorismo, assim como mencionado por Hashimoto (2009, p. 34,) "procuro desenvolver em meus alunos essa visão mais aberta e abrangente do mundo para estimular a capacidade criativa", estimula o "pensar fora da caixa" como libertador para processo criativo.

Situações ideais de aprendizagem no ensino superior segundo Garrison e Archer (2002) serão aquelas em que se verifique: que o aprendente tem uma experiência de vida relevante onde é capaz de desenvolver um empreendimento baseado no conhecimento; que assumem responsabilidade pela própria aprendizagem; podem adquirir competências de pensamento crítico; as metas educacionais são de acordo com a capacidade do aprendente; que o aprendente possui motivação para aprender. Fazendo intensificar a conclusão da pesquisa de Costa e Carvalho (2011), onde foi percebido a relação de interdependência entre o incentivo do empreendedorismo e a disponibilidade de infra-estruturas e o desenvolvimento e ofertas de programas curriculares e extra-curriculares. Fillion (1999) já havia abordado que nos países da América, não existiam mais praticamente nenhuma instituição de ensino superior que não apresentasse, em seu currículo, ao menos um curso de

empreendedorismo. Intensificando cada vez mais o crescimento do ensino de empreendedorismo ao longo dos anos.

É importante citar que o brasileiro é visto como aquele que detêm capacidade empreendedora (BERTASSO, 2006), mas ainda assim, não é preparado para ter seu próprio negócio. As instituições de ensino superior não se preocupam em preparar os jovens para encarar as dificuldades da economia (MARQUES, 2006), ainda recente, ou seja, de acordo com o momento que vivemos, mediante a crise econômica no Brasil.

Ainda na visão de Marques (2006), quando a IES aposta no empreendedorismo de forma a combinar que o professor leve para dentro de sala de aula como criação de condições para o desenvolvimento dos alunos, as empresas juniores, por exemplo, com a intenção de oferecer ao aluno a oportunidade de exercer a gestão e incentivos de tomar decisões.

Filion (2000) refere-se que do ensino fundamental ao superior os projetos pedagógicos, são desenvolvidos apenas em função dos empregos existentes desconsiderando a vontade de empreender do estudante. O mesmo autor cita que , “Todo o sistema de educação é concebido como se os empregos esperassem pelas pessoas no fim do percurso” (FILION, 2000, p.39). Igualmente, Hisrich e Peters (2004) apontam que os atributos e os modelos de educação ofertados não promovem as habilidades específicas vitais à geração de um novo negócio. Guerra e Grazziotin (2012, p. 72) criticam este sentido da educação acadêmica do país de formar “reprodutores de tecnologia importada”, tornando o indivíduo parte de mecanismo. Para Lopes (2012) as práticas ofertadas ao aluno envolvido no desenvolvimento pessoal são mais cruciais do que os tópicos das matérias. Retratando assim o referenciado nos parágrafos anteriores.

O desafio dessas instituições, mencionado em 2001, era de inserir o ensino de empreendedorismo como parte de todos os cursos superiores oferecidos, independente da área de conhecimento (SEBRAE, 2001), focando o desenvolvimento da capacidade empreendedora dos estudantes, como ferramenta de suporte ao desenvolvimento de novas e inovadoras atividades, buscando a geração de novas fontes de emprego e renda e o conseqüente

desenvolvimento local e regional, já que este é um dos temas fundamentais do empreendedorismo (ANTONELLO; DUTRA, 2005). Já em 2013 o presidente do SEBRAE Luiz Barretto, em entrevista concedida a revista EXAME, comenta que a inserção da educação empreendedora, no ensino formal, estimula o empreendedorismo, uma vez que o mundo do trabalho exige flexibilidade, capacidade de iniciativa e de adaptação a mudanças (BARRETO, 2013).

Partiremos, nesta pesquisa, da premissa de que todos temos capacidade de aprender sobre empreendedorismo e, a partir desse aprendizado, nos tornarmos ou não empreendedores, mas com a certeza que houve oportunidade de aprender e de entender o conceito. Segundo Kuratko (2004) a perspectiva empreendedora pode ser desenvolvida nos indivíduos. No Quadro 6 ressalta-se as diferentes perspectivas dos profissionais especialistas, que estão envolvidos com o ensino de empreendedorismo:

Quadro 6 - Ensino de Empreendedorismo na visão de especialistas:

Relatos	Especialistas
<p>Muitos jovens universitários estão em busca do primeiro emprego quando deviam receber incentivos para criarem a sua própria empresa. O jovem universitário que é versado em conhecimentos de informática e Internet, fala inglês, detentor de alguma de experiência, oriunda de estágio supervisionado, e com disponibilidade para viajar, se lhes forem desenvolvidas qualidades pessoais como responsabilidade, iniciativa, perseverança, capacidade de trabalho em equipe, paciência e prática, é possível transformar esse jovem em um empreendedor (LEITE, 2013).</p>	<p>EMANUEL LEITE; Pós-doutor em Inovação e Empreendedorismo.</p>
<p>Estudos acadêmicos já abandonaram esse debate, sobre ensino de empreendedorismo, e admitiram que não existe um perfil empreendedor, ou seja, não é possível elencar atributos que sejam obrigatórios para o sucesso. Portanto, a primeira lição sobre o ensino de empreendedorismo é que a falta de alguma característica inata não impede a pessoa de ser um grande empreendedor.[...] empreendedorismo se ensina, sim, mas quanto mais cedo, melhor. Mais cedo não é</p>	<p>MARCOS HASHIMOTO; Doutor em Administração de Empresas</p> <p style="text-align: right;">Continua...</p>

<p>quando a pessoa resolve se tornar empreendedor. Mais cedo significa criança, talvez até bebê, com técnicas que provocam o uso dessas competências e favorecem o aprendizado a partir das experiências práticas. Assim, qualquer um pode aprender a empreender. As pessoas podem fazer cursos, ler livros, assistir a palestras, navegar na internet e explorar qualquer forma de aquisição de conhecimento. Também podem buscar viver situações que despertem e desenvolvam certas competências e treinar algumas técnicas específicas para esse fim (HASHIMOTO, 2016).</p>	
<p>Sobre Proliferação de cursos de Empreendedorismo pelo mundo: isso é positivo porque simboliza um aumento da cultura empreendedora. Agora, o próximo passo é aumentar a especificidade desses cursos para que haja mais cursos focados nos pequenos negócios. Atualmente, os cursos de administração — como gestão de pessoas, gestão de empresas — são muito focados em grandes negócios (SARFATI, 2013).</p>	<p>GILBERTO SARFATI; Pós-doutor em Administração de Empresas</p>
<p>Sobre Proliferação de cursos de Empreendedorismo pelo mundo: os cursos de empreendedorismo constituem uma condição desejável, mas não suficiente. Eles requerem, antes de tudo, uma boa estruturação de suas propostas de ensino, combinando valores, princípios e conceitos. Além disso, é preciso</p>	<p>JACQUES MARCOVITCH; Pós-doutorado pelo International Management Institute</p> <p style="text-align: right;">Contiua...</p>

alinhar esse ensino com a vida prática. A meu ver, esses cursos devem conter um ciclo básico, destinado a identificar e incentivar a vocação e o verdadeiro potencial do aprendiz. Seria um bom filtro para selecionar quem quer ou não ser mesmo empreendedor. Não se lava em terra estéril (MARCOVITCH, 2013).	
--	--

Fonte: Elaborado pela autora e adaptado por entrevista concedida a Revista Pequenas Empresas Grandes Negócios (2013).

A adequação dos conteúdos e práticas pedagógicas devem ser apropriados para atingir os objetivos do ensino, a transmissão de conhecimentos se limita a métodos do ensino tradicional e não devem ser unicamente utilizados, buscando o novo e criativo além do tradicional (HENRIQUE e CUNHA, 2006).

Souza *et al.* (2004, p.4), trazem uma definição sobre o que o ensino empreendedor deve representar: “desenvolver o perfil empreendedor é capacitar o aluno para que crie, conduza e implemente o processo criativo de elaborar novos planos de vida, de trabalho, de estudo, de negócios, sendo, com isso, responsável pelo seu próprio desenvolvimento e o de sua Organização”.

O ensino de empreendedorismo não se restringe somente à transmissão de conhecimentos, vai além, representando o processo da formação de atitudes. Para tanto, reforça que é de grande importância de que o corpo docente utilize diversos métodos de ensino, sendo aceitas as estratégias que permitam reflexão sobre o próprio comportamento (CUNHA, 2014).

Seguiremos no subtópico abaixo com modelos de aprendizagem os quais influenciam o indivíduo em sua vida pessoal e profissional, como aprende e de que forma agrega valor ao seu conhecimento.

2.2.1 Aprendizagem Formal e Informal

Iniciamos do pressuposto conceitual, que a aprendizagem pode ser definida como toda mudança relativamente permanente no potencial de comportamento, que resulta da experiência (LEFRANÇOIS, 2008). Coelho e

Borges (2008) partem da premissa de que há a possibilidade de adquirir conhecimentos o tempo todo, tratando-se da aprendizagem como um processo pessoal, gradativo, cumulativo e constante.

As situações que surgem, por exemplo, em nosso dia a dia, segundo Antonello (2005), servem como veículo para o desenvolvimento de um processo de aprendizagem. A aprendizagem informal reforça o conhecimento mais efetivamente que a aprendizagem formal.

Se fizermos uma analogia didática para entendermos a diferença entre as duas aprendizagens com nosso cotidiano, podemos apresentar o ato de dirigir um ônibus, pois existe uma rota determinada para aquela linha, e independente do objetivo individual de cada passageiro, o motorista seguirá sua rota sem que nenhuma circunstância o faça parar. No formato de aprendizagem informal, as necessidades individuais ditam o caminho, como se ao invés de andarmos de ônibus estivéssemos de bicicleta, e nossas necessidades e decisões determinam as paradas e rotas a seguir.

Nesta pesquisa enfatizaremos a aprendizagem formal, que é aquela que depende de sala de aula, um professor e é institucionalizada. Geralmente a que o indivíduo aprende em cursos formais, salientando no nosso estudo de caso uma Instituição de Ensino Superior.

As autoras Marsick e Watkins (1990), mencionam a aprendizagem formal como aquela patrocinada pela instituição, com alta qualidade, estrutura e baseada em sala de aula. O aprendiz é o responsável pelo controle do aprendizado. E para a aprendizagem informal as autoras (*Ibid.*,1992) relacionam, o aprendizado, sendo a partir de experiências formalmente estruturadas, ou seja, que podem ser planejadas ou não, promovendo no indivíduo que aprende um grau de consciência ou não. O quadro 7, compara as categorias de aprendizagem e como o indivíduo aprende, enfatiza as experiências vividas (ANTONELLO, 2005), relacionando ao Modelo de Kolb (1984) que evidencia o processo de aprendizagem.

Quadro 7 - Modelos e Objetivos de Aprendizagem

Motivação para aprender	Objetivos da aprendizagem	Aplicação
Aprender para resolver problemas	Resolver situações consideradas problemáticas	A necessidade de resolver o problema o levou a buscar aprendizado e conhecimento.
Aprender para executar uma nova tarefa	Executar uma tarefa nova	O surgimento de algo novo em sua rotina, a experiência do novo.
Aprender a superar os desafios	Encarar desafios	Os desafios desenvolvem consciência de suas limitações e abre espaço para se conhecer e superar os desafios.
Aprender a ter autonomia	Ter autonomia	A independência de outros profissionais gera confiança.

Fonte: Adaptação da autora segundo Camilis e Antonelo (2010, pp. 24-25)

O modelo de processo de aprendizagem, é a solução de problemas. Combinado a características de aprendizagem com a solução do problema passa a ser um processo único (KOLB *et al.*, 1978), é o gerar conhecimentos a partir de sua experiência, regras, conceitos e princípios que geram o comportamento, com a intenção de aumentar a eficiência em cima dos conceitos aparentes. Complementando, os autores Henry; Hill; Leitch (2005) trazem que o aprendizado nos programas de empreendedorismo devem ser expostos em situações reais, para compor o que foi aprendido. Tanto que para Politis (2005), aprender empreendedorismo deve ser de forma experiencial, ou seja, transformar a experiência em conhecimento. Se aprende algo de fato, quando as pessoas conseguem internalizar um conceito por meio da correlação com suas experiências pessoais, segundo Hashimoto (2009, p. 42).

Segundo alguns autores (LOPES, 2010; FERREIRA, MATTOS, 2003) as metodologias enfatizam que os alunos aprendem fazendo, mas, grande parte das metodologias são baseadas em métodos tradicionais de ensino que nem serem propiciam a prática e a experiência adquirida através dela, aos alunos no ensino de empreendedorismo (HENRY; HILL; LEITCH, 2005). Algumas das principais ferramentas de aprendizagem que podem ser utilizadas nas disciplinas de empreendedorismo são: plano de negócios, contatos com empresas iniciantes, conversas com empreendedores, simulações computacionais, simulações comportamentais, história de vida dos

empreendedores, viagens a campo e uso de vídeos e filmes (MARTENS; FREITAS, 2006 *apud* SOLOMOM *et. al.* 2002).

O indivíduo, com o passar do tempo, acaba utilizando algumas habilidades de aprendizagem e passa a deixar outras de lado. Isso acontece devido às experiências pelas quais as pessoas passam, o ambiente onde estão inseridas e suas características pessoais (KOLB, 1997). No modelo proposto por Kolb, percebe-se que o aprendizado efetivo não ocorre sem a experimentação concreta, o indivíduo precisa vivenciar a experiência. Podemos salientar que o aprendizado do empreendedorismo também deve apresentar circunstâncias que permita o aprendiz a experimentar situações que lhe possibilitem desenvolver características e habilidades empreendedoras. Nos tópicos seguintes abordaremos os Estudos de Kolb com maior ênfase.

2.3 Teorias da aprendizagem e Estilos de aprendizagem

Sobre Aprendizagem, temos Cunha (1986) apresentando como raiz etimológica "aprender" que é adquirir conhecimento, e segundo Cope (2005, p. 387) é " um processo dinâmico de conscientização, reflexão, associação e aplicação". Trata-se de um processo evolutivo, onde se utiliza, também, o aprendizado vivencial para elucidar a ação, utilizando-se ainda do reforço positivo ou negativo.

Para tanto, podemos ressaltar que as técnicas de Skinner (1967) tem sido mencionadas e aplicadas na área educacional, treinamento em empresas, em métodos de ensino programado e para a aplicação prática em sala de aula das teorias. Trata a aprendizagem como processo positivo e negativo, onde o positivo está condicionado a um processo em que o estímulo é reforçador, e o processo negativo, para afastar de um comportamento indesejado. Percebe-se que há um aproveitamento do aprendizado vivencial, trazendo ao indivíduo experimentar situações que lhe possibilitem desenvolver as características e habilidades para serem utilizadas.

Como exemplo de aprendizagem vivencial no campo do empreendedorismo no ensino superior, temos as incubadoras como

laboratórios de aprendizagem, por meio dos quais o aluno pode relacionar os conceitos aprendidos na teoria ou em situações novas, com a experiência da ação (FIALA; ANDREASSI, 2013). Passa-se a executar na prática uma teoria e obter-se assim de resultados positivos ou negativos.

Para o aprendizado de adultos, considerando o nível superior de ensino, o qual abrange a presente pesquisa, utilizaremos o conceito de andragogia, que segundo Malcolm Knowles, na década de 70, definiu como a arte de orientar adultos a aprender, na publicação do seu livro *The modern practice of adult education*, esse conceito é "integrativo e diferenciador" (KNOWLES, 2009, p.63).

A Andragogia é o caminho educacional que busca compreender o adulto, em meio a um somatório de trocas de conhecimentos entre o facilitador do conhecimento e o estudante e suas experiências de vida (HAMZE, 2008), abaixo, no Quadro 8, segue explícitas as diferenças entre Pedagogia e Andragogia em seus conceitos:

Quadro 8 - Diferença entre os termos: Andragogia e Pedagogia

Características da Aprendizagem	Pedagogia (aprendizagem centrada no professor)	Andragogia (aprendizagem centrada no aprendiz)
Relação Professor/Aluno	O professor é o centro das ações, decide o que ensinar, como ensinar e avalia a aprendizagem.	A aprendizagem adquire uma característica mais centrada no aluno, pressupõe ser baseada em experiências do aluno.
Razões da Aprendizagem	Crianças (ou adultos) devem aprender o que a sociedade espera que saibam (seguindo um currículo padronizado). A aprendizagem é caracterizada por técnicas de transmissão de conhecimentos (aulas, leituras designadas)	Pessoas aprendem o que realmente precisam saber (aprendizagem para a aplicação prática na vida diária). A aprendizagem é caracterizada por projetos inquisitivos, experimentação e estudo independente.
Experiência do Aluno	O ensino é didático, padronizado e a experiência do aluno tem pouco valor. A avaliação é realizada	A experiência é rica fonte de aprendizagem, através da discussão e da solução de problemas em grupo. As

	basicamente por meio de métodos externos (notas de testes e provas).	pessoas são centradas no desempenho de seus processos de aprendizagem.
Orientação da Aprendizagem	Aprendizagem por assunto ou matéria. Os aprendizes são motivados de forma extrínseca (recompensas, competição, etc.)	Aprendizagem baseada em problemas, exigindo ampla gama de conhecimentos para se chegar a solução. Os aprendizes são motivados de forma intrínseca (satisfação gerada pelo aprendizado)

Fonte: Elaborado pela autora a partir de DeAquino (2007, p.12).

A seguir, o Quadro 9 mostra as características da Andragogia a qual se centra no aprendiz, tornando o indivíduo um ser comprometido, responsável, que busca nas suas experiências ou nas demais vivenciadas pelos colegas, um novo conhecimento. Os alunos adultos conseguem manter suas trajetórias, mesmo se opondo às imposições apresentadas pelo planejamento, ajudando no direcionamento no ensino pelo professor, de acordo com suas expectativas sobre como o conhecimento deve ser agregado de forma positiva. Com conceitos andragógicos nos currículos e abordagens didáticas dos cursos superiores, dificilmente se chegará a resultados negativos, pois estão adequados a atraírem e satisfazer as necessidades do aluno. Hoje temos mais evidências sobre os resultados da aplicabilidade da teoria andragógica no ensino superior, conforme comentado por Knowles (2009, p.65), os programas de educação de adultos foram operacionalizados, quanto ao modo que os professores de adultos estão sendo treinados e como o aluno adulto pode ser auxiliado a aprender. Para reforço do modelo andragógico, ressaltamos no Quadro 9 as pressuposições de Chotguis (2007), em contraposição aos modelos pedagógicos.

Quadro 9: - Modelo andragógico

Diante da atitude do indivíduo:	Resultado
Na necessidade de Saber.	Os adultos investem energia investigando o que ganharão em aprender algo, assim, necessitam saber PORQUÊ aprender. continua...

No autoconceito do Aprendiz	Os adultos respondem ao autoconceito de serem responsáveis pela própria vida e pelo que acontece com ela, inclusive pelo que aprende.
No Papel das Experiências dos Aprendizes	Os adultos acumulam mais experiências e de diferentes tipos, do que na juventude.
Em estar Prontos para Aprender	Adultos estão prontos para aprender o que vai fazer diferença em sua vida cotidiana, em situações reais.
Na Motivação	As pressões internas, como desejo de satisfação no trabalho e auto-estima são motivadores mais potentes para os adultos do que as externas, como melhor emprego, salário etc.

Fonte: Chotguis (2007)

Essas exigências do aluno adulto perante o professor deve-se a esse aluno ter consciência e habilidades perante suas experiências e esperar do professor maior envolvimento no processo de aprendizagem (BELLAN, 2005).

Algumas das principais teorias da aprendizagem possuem pontos em comum, assim como se oporem umas as outras, como cita Cerqueira (2000, p.9 *apud* Pfromm Netto, 1987, p. 14), "refletem diferenças de perspectivas de linguagem, de metodologia de pesquisa e da ênfase dada a esta ou aquela categoria de aprendizagem pelos diversos pesquisadores. Convém ter em mente que nenhuma delas responde de modo plenamente satisfatório [...]." No Quadro 10 apresentaremos as relevâncias de cada teoria da aprendizagem e trataremos a discussão do papel de cada uma na construção do conhecimento para a área do ensino empreendedor, o qual trata-se de um dos tópicos abordados nessa presente pesquisa. Para não parecermos tendenciosos no quadro, não utilizaremos ordem cronológica justamente para aguçar a percepção do leitor quanto as diferenças e semelhanças entre elas.

Quadro 10: Teorias de Aprendizagem: Abordagem/Seminal e conceituação.

Epistemologia Genética de Piaget	Construtivista de Bruner	Sócio-cultural de Vygotsky	Baseada em Problemas - Problem Based Learning (PBL) / Problematização
<p>Ponto central é a estrutura cognitiva do sujeito. O aprendizado é natural onde o aluno participa espontaneamente do processo de construção do conhecimento e das trocas de informações. As estruturas cognitivas mudam através dos processos de adaptação: assimilação e acomodação. A assimilação envolve a interpretação de eventos em termos de estruturas cognitivas existentes, enquanto que a acomodação se refere à mudança da estrutura cognitiva para compreender o meio. Níveis diferentes de desenvolvimento cognitivo.</p>	<p>O aprendizado é um processo ativo, no qual o aluno constrói ideias, baseado em seus conhecimentos prévios e os que estão sendo estudados. O aprendiz filtra e transforma a nova informação, infere hipóteses e toma decisões. Aprendiz é participante ativo no processo de aquisição de conhecimento. Instrução relacionada a contextos e experiências pessoais. O papel do instrutor é o de incentivador dos alunos no sentido de descobrirem por si mesmos os princípios do conteúdo a ser aprendido.</p> <p>Aprendizagem construtivista "(...) não basta que os alunos deparem-se com conteúdos para aprender, é necessário que diante dos conteúdos possam utilizar seus esquemas de conhecimentos, contrastá-los com o que é novo, identificar semelhanças e discrepâncias, integrá-los em seus esquemas, (...)" (Zabala, 2002, p.102)</p>	<p>O indivíduo deve estar inserido em um grupo social e aprende o que seu grupo produz; o conhecimento surge primeiro no grupo, para só depois ser interiorizado. A aprendizagem ocorre no relacionamento do aluno com o professor e com outros alunos. O desenvolvimento pode ser entendido com referência ao contexto social e cultural no que está inserido. Existem dois níveis de Desenvolvimento - Um real: adquirido ou formado, que determina o que o aluno é capaz de fazer por si próprio e um potencial: capacidade de aprender com outra pessoa. A aprendizagem interage com o desenvolvimento, produzindo uma abertura nas zonas de desenvolvimento proximal - ZDP - (distância entre aquilo que o indivíduo é capaz de fazer por si próprio e o que ele é capaz de fazer com a ajuda de</p>	<p>Observação da Realidade: Aprendizagem se inicia com um problema a ser resolvido. Teorização; Hipóteses de Solução e Aplicação à Realidade (prática). As atividades de aprendizado e ensino devem ser criadas em torno de problemas da vida real, servindo de estímulo para o desenvolvimento do pensamento crítico, de habilidades de resolução de problemas e da aprendizagem dos conceitos que integram o conteúdo programático.</p>

		outra pessoa .	
Flexibilidade Cognitiva - TFC	Aprendizado Situado de Lave	Gestáltica	Experimental de Rogers
<p>Criação de condições e situações para que os profissionais/aprendizes aprendam numa perspectiva construtivista. Aprender a pensar, isto é, a analisar e refletir sobre as situações de ensino-aprendizagem. Trata da transferência do conhecimento e das habilidades. As atividades de aprendizado precisam fornecer diferentes representações de conteúdo.</p>	<p>Aprendizagem ocorre em função da atividade, contexto e cultura e ambiente social na qual está inserida. O aprendizado é fortemente relacionado com a prática e não pode ser dissociado dela. O problema se define na resposta e a resposta se desenvolve durante o problema, ambos se formam em um contexto particular estruturado culturalmente.</p>	<p>Enfatiza a percepção ao invés da resposta. A resposta é considerada como o sinal de que a aprendizagem ocorreu e não como parte integral do processo. Não enfatiza a seqüência estímulo-resposta, mas o contexto ou campo no qual o estímulo ocorre e o insight tem origem, quando a relação entre estímulo e o campo é percebida pelo aprendiz, ou seja, não dá primazia ao indivíduo, tampouco ao meio ambiente, mas aos eventos que emergem na fronteira, no encontro entre as necessidades dele e os objetos do meio que irão produzir a sua satisfação.</p>	<p>Deve-se buscar sempre o aprendizado experimental (significativo), pois as pessoas aprendem melhor aquilo que é necessário. O interesse e a motivação são essenciais para o aprendizado bem sucedido, é direcionado para as necessidades e desejos do aprendiz. O professor e o aluno aparecem como os co-responsáveis pela aprendizagem, uma vez que o indivíduo tem dentro de si mesmo as respostas mais importantes, e que o papel do professor é criar um ambiente de suporte para este indivíduo descobrir estas respostas.</p>
Inteligências múltiplas de Gardner	Experiencial de Kolb	Autodirecionada de Knowles	Pedagógica Crítica de Freire
<p>No processo de ensino, deve-se procurar identificar as inteligências mais marcantes em cada aprendiz e tentar explorá-las para atingir o objetivo final, que é o aprendizado de determinado conteúdo. Segundo Gardner (1996, p.20),</p>	<p>Modelo de como as pessoas aprendem através do vivencial. Como a aprendizagem acontece através das experiências no aprendizado. Através de dois eixos dimensionais. O primeiro eixo dimensional apresenta a experiência concreta</p>	<p>O Adulto como aprendiz, torna-se capaz de se auto-dirigir, desenvolvendo assim, uma necessidade psicológica profunda de ser percebido, tanto por si mesmo, como pelos outros. Inicia-se um</p>	<p>A pedagogia construtivista é relacional. O professor acredita que seu aluno é capaz de aprender de forma continuada e a partir do que o aluno construiu até hoje, ocorre nova construção</p>

<p>"Atualmente , a maioria dos cientistas cognitivos é proveniente das fileiras de disciplinas específicas - em especial, da filosofia, da psicologia, da inteligência artificial, da linguística, da antropologia e da neurociências (Eu me referirei a essas disciplinas conjuntamente como 'Ciências Cognitivas')."</p>	<p>em um lado e a conceituação abstrata na outra extremidade. O segundo eixo dimensional representa a experimentação ativa de uma lado e a reflexiva na outra extremidade. Dessa forma o indivíduo se envolve em novas experiências, refleti e as observas sob diferentes perspectivas, criando conceitos que transformem suas observações em teoria, e as utilizem para a resolução de problemas e posteriores tomadas de decisão amparadas em experiências vivenciais.</p>	<p>processo de auto-aprendizagem, desde o planejamento didático em que os próprios alunos assumem a responsabilidade de definir o que estudarão a como serão auto-avaliados. O professor assume o papel de "recurso disponível" e facilitador do processo de aprendizagem.</p>	<p>de conhecimento. "O professor, além de ensinar, passa a aprender; e o aluno, além de aprender, passa a ensinar"</p>
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de LeFrançois (2008)

Todas as teorias devem ser levadas em consideração para o aprimoramento e contribuições a aprendizagem. Em alguns momentos determinadas teorias conduzem a um melhor resultado que outras. Servem como norteadoras do processo da aprendizagem, e esta, no entanto se dá a partir de um ambiente onde professores e alunos podem aprender e ensinar juntos, assim como mencionado por Isaia e Bolzan (2004) sobre a docência superior, esta ocorre no espaço de articulação entre modos de ensinar e aprender, em que professores e alunos intercambiam as funções de ensinantes e de aprendentes. Nesse sentido, pode-se falar em aprendizagem compartilhada.

Os teóricos mencionados no quadro anterior se convergem quanto ao indivíduo aprender com suas próprias experiências, desenvolvendo assim seu conhecimento, transmitindo o aprendido, e se alimentando novamente do mesmo saber, só que agora com uma visão mais aprofundada da situação, um vez que o mesmo já vivenciou e produziu novos conhecimentos em cima de problemas reais. A figura seguinte apresenta de forma ilustrativa o ponto de Intersecção entre as teorias, procurando salientar suas peculiaridades:

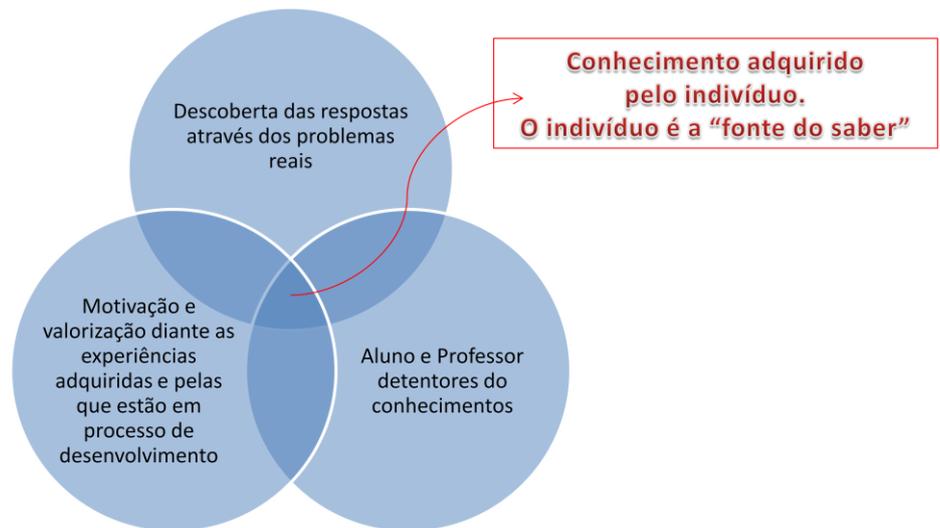


Figura 4: Intersecção entre as Teorias andragógicas.

Fonte: Adaptado pela autora a partir de vários autores.

Ressaltado por Malcolm Knowles "[...] se ajuda adulto a aprender, não se ensina [...], fato que Masetto (2012, p. 61-62) reforça a teoria e interage com as outras explicitadas no Quadro 10 (Teorias de Aprendizagem: Abordagem/Seminal e conceituação), onde menciona:

Os adultos podem ser fortemente motivados para aprender nas áreas relevantes para o desenvolvimento de suas tarefas e de seus papéis sociais e profissionais; aprender mediante variados estilos de aprendizagem e por diferentes caminhos que precisam ser respeitados; aprender pela troca de ideias, por informações e experiências.

No processo de desenvolvimento empreendedor cada indivíduo o recebe e o absorve de uma maneira, onde entendemos que a aprendizagem com suas diversas formas de análise e aplicações podem servir de estrutura para o ensino de empreendedorismo.

Cabe aprofundar-nos mais no tema quanto a sugestões de metodologias que estejam relacionadas ao estilo predominante de aprendizagem, tratando-se que seja um dos objetivos que se pretende alcançar na pesquisa presente, já se aprofundar nas teorias não faz parte da essência desta pesquisa, mas torna-se um convite, devido ao terreno fértil e atrativo, para intenções de próximos estudos.

2.3.1 Estilos de Aprendizagem

Quanto ao estilo de aprendizagem, Cerqueira (2000) menciona que os estudos sobre estilos de aprendizagem e estilos cognitivos derivam de diversos referenciais teóricos, provenientes das escolas: gestáltica, cognitiva, psicanalítica e comportamental, gerando dessa forma dificuldades de definições e conceitos. Algumas abordagens denominam estilo cognitivo como aquela que se refere mais aos estilos de aprendizagem. São conceitos, que até o momento, empregadas pelos pesquisadores sem claras diferenças. Enquanto outro diferenciam os termos e definem distintamente (CERQUEIRA, 2000).

As preferências de aprendizagem do aluno adulto devem estimular suas capacidades e promover um auto direcionamento, capaz de reconhecer o seu próprio estilo cognitivo e de aprendizagem e refletir sobre as potencialidades e restrições de cada estilo de aprendizagem.

A precursora do cognitivismo, é a teoria da Gestalt, o processo de aprendizagem se dá por *insights*. Menciona Hill (1981), que o indivíduo que tem um *insight* vê uma situação de uma nova maneira, essa percepção conduz a conhecer e entender melhor o mundo. Promove a motivação no processo de aprendizagem (BARROWS, 2010), considerando-se também a interação social como condição para o desenvolvimento do processo da aprendizagem do indivíduo (VYGOTSKY, 1991) e indissociavelmente a relação sujeito-sujeito e sujeito-mundo segundo Freire (2002, p.68), como forma de desenvolvimento para uma educação libertadora.

Nesta pesquisa a autora utiliza a aprendizagem vivencial como sendo a que mais apresenta elementos norteadores para o aprendizado do aluno, os quais estão explicitados nas outras teorias.

2.3.1.1 Estilo de aprendizagem de Kolb

A Teoria da Aprendizagem Experiencial (TAE) proporciona uma visão diferenciada dos processos tradicionais baseado em contínuo aprendizado, sendo o processo pelo qual o conhecimento é gerado a partir da transformação da experiência, pelo qual ocorre o desenvolvimento do indivíduo. Na origem da

aprendizagem experiencial estão os modelos de Dewey, Lewin e Piaget, que acreditam que a própria natureza do aprendizado preconiza uma relação de tensão e conflito através da interação do indivíduo com o seu ambiente (KOLB, 1984). O indivíduo agrega valor ao seu conhecimento com as experiências, trata-se de um processo contínuo.

As transações entre o indivíduo e seu meio ambiente, definem o estilo de aprendizagem experiencial, onde essas transações se dão a partir das dimensões de desenvolvimento: estrutura afetiva; estrutura perceptual; estrutura simbólica e estrutura comportamental.

Cerqueira (2000) menciona o modo como é processado o curso do desenvolvimento em nível de estrutura interativa nos quatro modos de aprendizagem, onde o indivíduo utiliza das conquistas que seu desenvolvimento proporcionou. O Quadro 11 mostra a interação entre o modo de aprendizagem com o resultado:

Quadro 11 - Interação entre Modelo e Resultado de Aprendizagem

MODO DE APRENDIZAGEM	RESULTADO NA APRENDIZAGEM
Estrutura afetiva na experiência concreta	Vivência de sentimentos mais importantes
Estrutura perceptual na observação reflexiva	Observações mais aguçadas
Estrutura simbólica na conceituação abstrata	Criação de conceitos mais apurados
Estrutura comportamental na experimentação ativa	Atos maiores e mais complexos

Fonte: Adaptado de Cerqueira (2000), pela autora.

Segundo Kolb (1984), o desenvolvimento se dá no momento em que as dimensões se interagem ao máximo, pela forma que o indivíduo lida com o mundo e suas experiências.

Segundo Lopes (2010) no ensino de empreendedorismo, o uso de metodologias de se aprender fazendo, são empregadas com o objetivo de trazer a realidade ao aprendizado confrontando o aluno a ter reações críticas que forcem a pensar de maneira diferente buscando soluções.

O estilo de Kolb é evidenciado nessa pesquisa como fonte de estilo de aprendizagem a ser utilizada com os alunos universitários, com a aplicação do Modelo de Kolb, e de acordo com a predominância de estilo, exemplificar as metodologias aplicadas no ensino superior.

2.3.1.2 Modelo de Aprendizagem de Kolb

O questionário diagnóstico de estilo de aprendizagem para estudantes universitários, escolhido para esta pesquisa, é o Inventário de Estilos de Aprendizagem desenvolvido por Kolb (1993), pois esse instrumento é amplamente utilizado por pesquisadores de diferentes países, pela dedicação de Kolb em estudar estilos de aprendizagem (CERQUEIRA, 2000), permitindo o aluno a experimentar situações que lhe possibilitem desenvolver habilidades empreendedoras, transformando experiências em conhecimentos.

Quando o indivíduo vivencia a experiência ocorre a experimentação concreta, ou seja, o aprendizado efetivo, o que é proposto no Modelo de Kolb, onde através de aprendizagem experiencial classifica-se os estilos de aprendizagem, e foi com a transformação da experiência em conhecimento que Kolb desenvolveu o Inventário de Estilos de Aprendizagem, que auxilia na identificação de como o indivíduo aprende.

Krakauer (2014) relaciona as quatro etapas de Kolb em dois eixos dialéticos (adotando sentido horário para leitura do Ciclo de Kolb) - dimensão Observar-Fazer (Transformação da Realidade): eixo Observação Reflexiva (OR) e Experimentação Ativa (EA); e dimensão Sentir-Pensar (Compreensão da Realidade): eixo Experiência Concreta (EC) e Conceituação Abstrata (CA) - a teoria representa o ciclo de aprendizagem experiencial, permitindo ao indivíduo visualizar seus modos de adaptação preferenciais, representada no que se chamou como ciclo de Kolb e pode ser visualizado na Figura 5, abaixo:

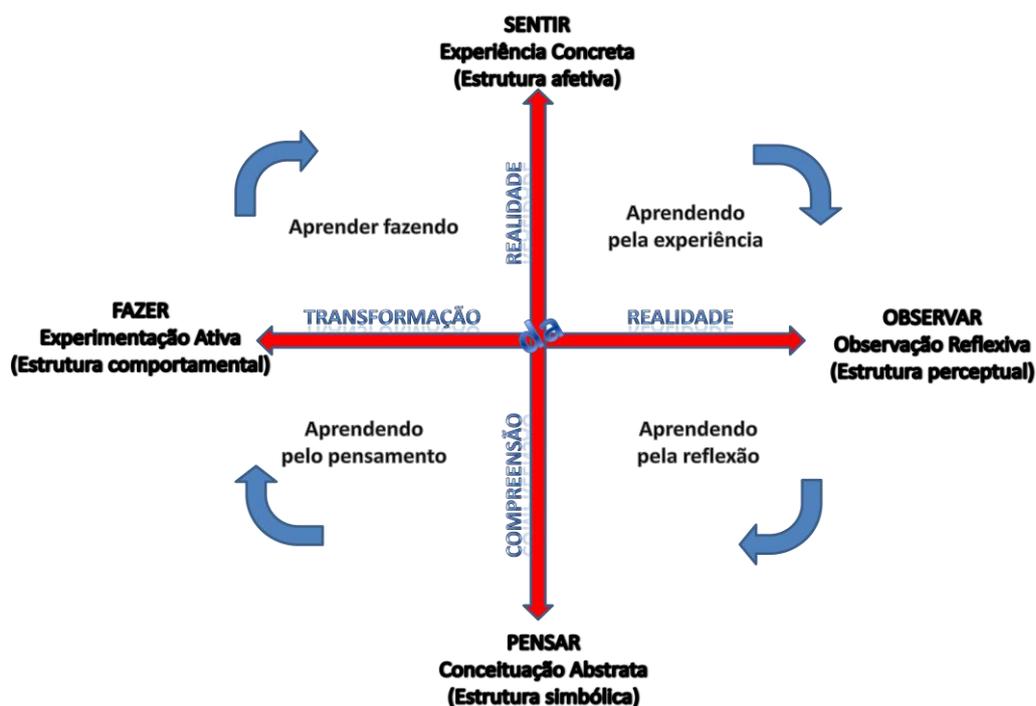


Figura 5 - Ciclo da aprendizagem experiencial de Kolb

Fonte: Adaptado de Krakauer (2014); Sharlanova (2004); Kolb (1976:1984) e de Cerqueira (2000), pela autora.

Essas dimensões fundamentais para o processo de aprendizagem, foram desenvolvidas por Kolb (1976:1984) para compor o instrumento de medida de Inventário de Estilos de Aprendizagem, são duas dimensões constituídas em duas orientações: Apreensão/Compreensão e Transformação, conforme Quadro 12:

Quadro 12 - Dimensões e Eixos do ciclo kolbiano

Como absorve experiência			Transformação da experiência em conhecimento		
APREENSÃO/COMPREENSÃO			TRANSFORMAÇÃO		
Experiência Concreta (EC)	<i>versus</i>	Conceitualização Abstrata (CA)	Observação Reflexiva (OR)	<i>versus</i>	Experimentação Ativa (EA)
EC	x	CA	OR	x	EA

Fonte: da autora, adaptado por Krakauer (2014)

Quanto à forma que acontece o conhecimento, existe quatro possibilidades nos dois eixos, compondo os Estilos de Aprendizagem, segundo Kolb (1984): Divergente, Assimilador, Convergente e Acomodador, conforme apresentado na Figura 6 de forma a conceituar cada uma das possibilidades de acontecer o conhecimento:

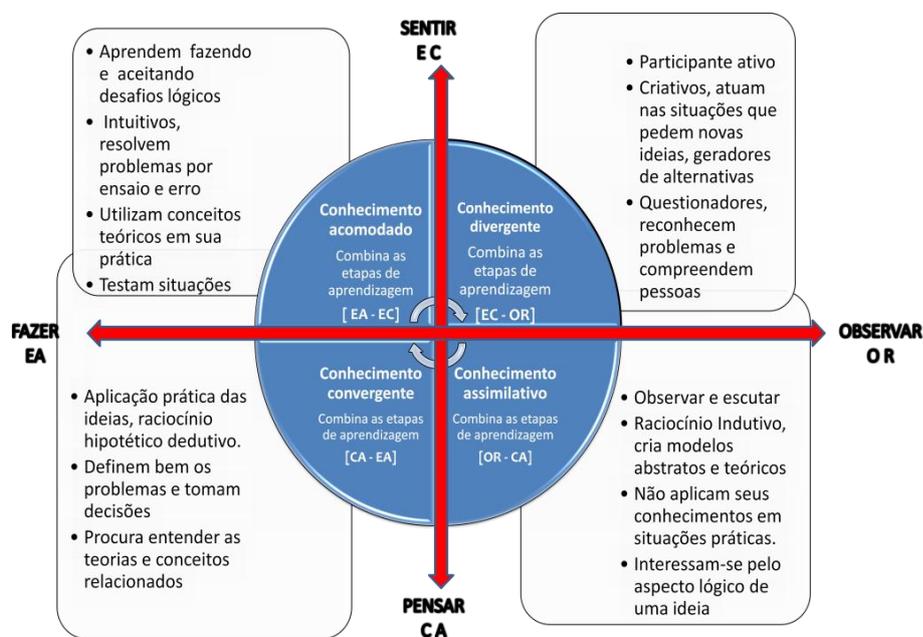


Figura 6 - Estilos de Aprendizagem de Kolb

Fonte: da autora, adaptado de Cerqueira (2000); Sobral (2005); Krakauer (2014) e Kolb (1976:1984)

Kolb (1984) menciona que o "conhecimento" como citado na Figura 6, é o resultado do conhecimento social e pessoal. Busca adquirir o conhecimento de forma prática. O estilos de aprendizagem colaboram com a forma do indivíduo perceber, organizar, processar e compreender a informação. O autor (*Ibid.*) ressalta a importância de se passar pelos quatro estilos de aprendizagem para se obter a aprendizagem eficaz. Cerqueira (2000) intensifica a proposta do autor salientando que "para um estudante ser eficaz, ele deve mudar sua atitude conforme a necessidade, sentir/estar envolvido (Experiência Concreta), observar/escutar (Observação Reflexiva), pensar/criar ideias (Conceituação Abstrata) e fazer/tomar decisões (Experimentação Ativa).

De forma compilada, onde podemos observar todas as conceituações aplicadas ao ciclo, apresentamos a Figura 7:

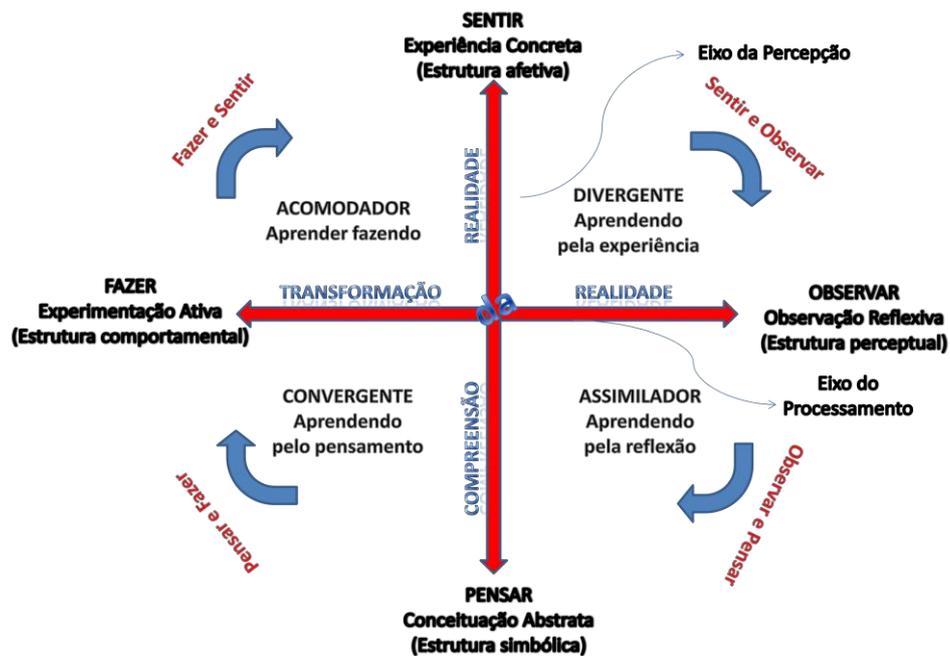


Figura 7: Ciclo Kolbiano

Fonte: da autora, adaptado de Cerqueira (2000); Sharlanova (2005); Krakauer (2014) e Kolb (1976:1984)

Cada palavra representa um dos modos de aprendizagem de Kolb:

- Sentir: Experiência Concreta (EC) - caracteriza a aprendizagem como resultado dos sentimentos;
- Observar: Observação Reflexiva (OR) - caracteriza a aprendizagem como avaliação da reflexão;
- Pensar: Conceitualização Abstrata (CA) - caracteriza a aprendizagem por meio do raciocínio;
- Fazer: Experimentação Ativa (EA) - caracteriza a aprendizagem por meio da ação;

Os quatro modos de aprendizagem, combinados dois a dois, vão gerar os quatro estilos de aprendizagem propostos por Kolb, relacionados com as características apresentadas na Figura 6:

- Acomodador [EC - EA];
- Divergente [EC - OR];

- Convergente [CA - EA];
- Assimilador [CA - OR]].

O processo de adquirir o conhecimento através do estilo de aprendizagem adequado auxilia na absorção e clareza dos conceitos e teorias além de possibilitar a aplicação prática dos discentes e norteia a utilização das didáticas oferecidas pelos docentes, nas mais variadas disciplinas e área do saber. Entende-se portanto que o estilo de aprendizagem é a forma com que o indivíduo consegue absorver os conhecimentos, interpretar e compreender as informações, relacionando assim, com sua experiência de vida pessoal, profissional e acadêmica. Esse melhor desempenho é um ponto motivador, pois o aluno passa a integrar o desenvolvimento de forma a reunir ação, operação e significações de forma holística (PIMENTEL, 2007).

Para tanto, estimular o aluno a um ambiente prático pode favorecer o despertar da intenção de empreender ou até mesmo intensificar o desejo naqueles que já possuem interesse, direcionando-os à um ambiente profissional, e até mesmo conduzindo ao surgimento de microempresas.

Quanto a intenção de empreender e suas variáveis que precedem essa intenção, apresentamos o subtópico a seguir, para melhor construção dos temas.

2.4 Intenção Empreendedora

Para Gartner *et al* (1994), as intenções empreendedoras estão apontadas na primeira fase do processo evolutivo do empreendedor. Um sentimento que antevê ao processo de longo prazo, de criação de um negócio. A intenção é o alicerce da ação, sendo improvável acontecer a ação sem a intenção inicial (BIRD, 1988; KRUEGER, 1993), intenção torna-se crucial para o entendimento do processo empreendedor.

Partindo da definição de intenção, conforme o dicionário Houaiss (2004) como "aquilo que se pretende fazer: propósito, plano ou ideia". trazendo a definição para o nosso tema empreendedorismo, a intenção seria o plano, o

propósito ou ideia de abrir um negócio. Seria a expressão do estado de espírito, o direcionamento para a ação do indivíduo (BIRD, 1988), suas necessidades, valores, hábitos e crenças são fatores que formam a intenção empreendedora.

Quanto às comparações de estudo entre empreendedores e não empreendedores, Davidsson (1995) analisa que o grupo de empreendedores é relativamente pequeno perto do grupo de não empreendedores, sendo assim estudar intenções empreendedoras é mais vantajoso para entender os fatores que levam o indivíduo a inovar e abrir o próprio negócio. O mesmo autor define que a intenção é formada antes de se concretizar uma ideia e pode prever o comportamento de um indivíduo pretendo a estabelecer a própria empresa. Voltar o entendimento da intenção empreendedora como uma percepção desenvolvida no ensino superior através da contribuição do ensino de empreendedorismo, é retratado por Souza (2015) por justamente o nível superior ser o momento em que o indivíduo opta por uma profissão, por uma carreira profissional e é a preparação para o mercado de trabalho.

A área de conhecimento da intenção empreendedora está relacionada com a psicologia do comportamento, como demonstra Ajzen (1991) em sua Teoria do Comportamento Planejado (TCP). Souza (2015) menciona que nos estudos realizados por Schlaegel e Koeing (2014), Lortie e Castogiovanni (2015) e Liñán e Fayolle (2015), percebe-se a reafirmação e predominância do estudos de Ajzen (1991) quanto à Teoria do Comportamento Planejado (TCP) perante as demais, conforme Quadro 13. Para Shapero e Sokol (1982), a intenção precede-se à uma ação. Primeiro surge a intenção de realizar e procedendo a ação, ou seja, o comportamento. Já para Ajzen (1991) a intenção empreendedora sofre influencia direta pelos construtos determinados respectivamente pelas crenças comportamentais, crenças normativas e crenças de controle, as quais influenciam individualmente ou em conjunto o indivíduo, prevê e explica o comportamento humano.

Quadro 13 - Intenção Empreendedora: estudos seminais

Autores	Conceitos
Schlaegel e Koening (2014)	Um dos objetivos do estudo dos autores foi testar e comparar a Teoria do Comportamento Planejado - TPB (AJZEN, 1991) e o Modelo Evento Empresarial - EEM (SHAPERO e SOKOL, 1982), que de acordo com os autores, são as duas teorias mais amplamente testadas para explicar intenção empreendedora.
Lortie e Castogiovanni (2015)	A Teoria do Comportamento Planejado (TPB) tornou-se uma das teorias mais utilizadas em termos de explicação e predição de comportamentos dos indivíduos.
Liñán e Fayolle (2015)	Ressaltam que a literatura sobre intenções empreendedoras tem crescido rapidamente desde a publicação das obras seminais de Shapero, cerca de 30 anos atrás.

Fonte: adaptado pela autora segundo Souza (2015).

Liñán e Chen (2006) se voltaram para a TCP como forma de entender o processo de criação de empresas. A abordagem conta com as preposições: Atitude Pessoal (PA), Norma Subjetiva (NS) e Controle Comportamental Percebido (CCP), que amparam a intenção empreendedora do indivíduo. Devido o modelo TCP fazer parte desta pesquisa, torna-se pertinente ressaltar o assunto em tópico específico, como abaixo.

2.4.1 Modelo de Intenção Empreendedora: Teoria do Comportamento Planejado - TCP

O tema Intenção Empreendedora consiste em estudar o comportamento humano. A intenção é fonte para análise se um indivíduo planeja realizar um comportamento, considerando que quanto mais forte for a intenção é provável que esteja mais próximo do comportamento planejado de empreender. O modelo de escala psicométrica - mensuração de intenção empreendedora -, desenvolvido pelos pesquisadores Liñán e Chen (2006:2009) , para verificar o grau de intenção de empreender do indivíduo, foi desenvolvido na perspectiva de Ajzen, com base na Teoria do Comportamento Planejado (SOUZA, 2015).

A Teoria do Comportamento Planejado (TCP) é compreendida através de três construtos que antecedem a intenção. O Quadro 14 caracteriza esses construtos:

Quadro 14 - Construtos apresentados na TCP

ATITUDE PESSOAL	NORMA SUBJETIVA	CONTROLE DO COMPORTAMENTO PERCEBIDO
AP	NS	CCP
Refere-se ao grau em que o indivíduo detém uma avaliação pessoal positiva ou negativa para ser um empreendedor. Atitude da crença perante um comportamento. o qual influencia nas normas subjetivas.	Mede a pressão social percebida de realizar ou não realizar, comportamentos empreendedores. Reflete na intenção e comportamento.	É definido como a percepção da facilidade ou dificuldade de se tornar um empreendedor, de realizar um comportamento percebido, refletindo em experiências passadas, impedimentos e obstáculos.

Fonte: Adaptado de Liñán e Chen (2006:2009); Ajzen (1991, p.189), pela autora.

Salienta-se, segundo Ajzen (1991), que quanto mais favorável à atitude e norma subjetiva diante um comportamento, e quanto maior for o controle comportamental percebido, maior será a intenção do indivíduo executar o comportamento.

Shapero e Sokol (1982) e Shapero (1984), nesse contexto teórico, formularam o Modelo de Evento Empresarial (MEE), considerado de grande contribuição ao estudo do empreendedorismo, analisando desejabilidade (processo de desejo de iniciar um empreendimento) e viabilidade (potencializa ou inibe o desejo de empreender), Lima et. al. (2014, apud. ALVAREZ, BUSENITZ, 2004; GALLOWAY et. al., 2005) comenta a relevância de se deve considerar as características pessoais e habilidades para empreender as quais podem ser geradas e aperfeiçoadas com a educação, assim como menciona Souza (2015, apud AJZEN, 1991), que as atitudes pessoais se referem à atitude ou crença perante um comportamento. Representando na Figura 9 o modelo de Teoria do Comportamento Planejado, conforme descrito no quadro anterior:

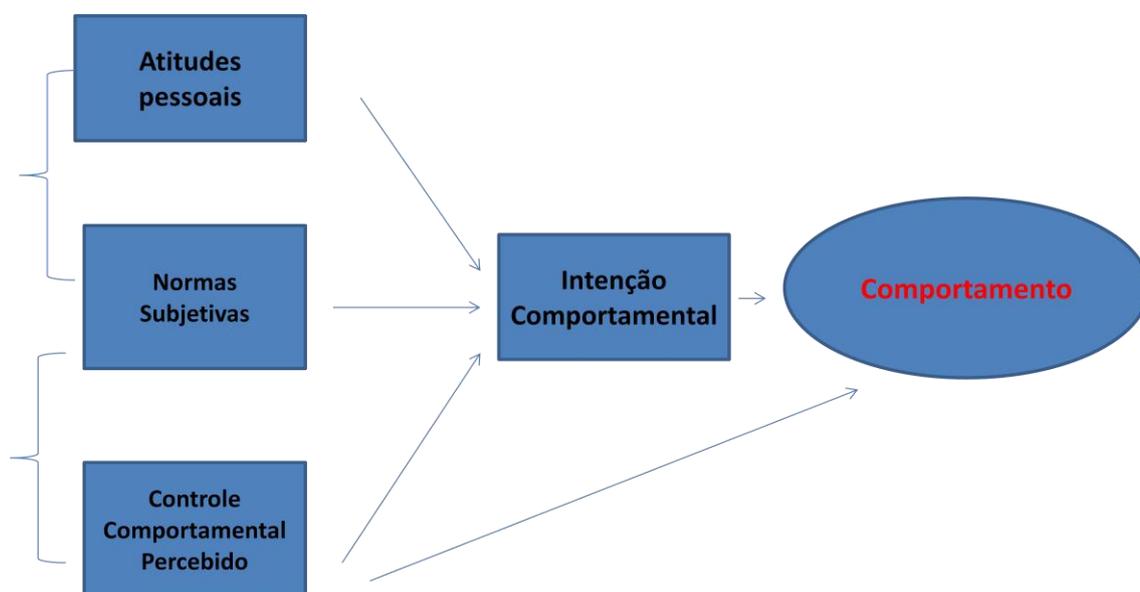


Figura 8 - Modelo TCP de Ajzen (1991)

Fonte: Adaptado de Souza (2015)

A partir das teorias, amplamente testadas, surge o instrumento de medida psicométrica denominado Questionário de Intenção Empreendedora - nossa tradução - dos autores Liñán (2008) e Liñán de Chen (2006, 2009), os autores comentam também que devido a não preocupação com testes e validações de qualidade psicométrica, houve dificuldade de comparação entre os resultados de pesquisas anteriores em diversos estudos. Surgindo assim a motivação para a criação do Questionário de Intenção Empreendedora, considerando a intenção empreendedora um requisito para o indivíduo se tornar um empreendedor, afinal a intenção sozinha não garante de alguém se tornar empreendedor. Os autores Linan e Chen (2006) justificam a adequação da eleição de uma amostra de estudantes universitários pelo fato de terem que fazer opções profissionais, poderão responder as perguntas de forma mais consciente.

Ajzen (1991) havia proposto para se testar e adequar um modelo, e avaliar a adequação de um instrumento que fosse capaz de mensurar, em diferentes contextos culturais a intenção empreendedora. Liñán e Chen (2006;2009) passam a considerar também, o capital humano e as variáveis demográficas como influenciadoras dos constructos que levam a intenção empreendedora ou não, conforme Figura 9:

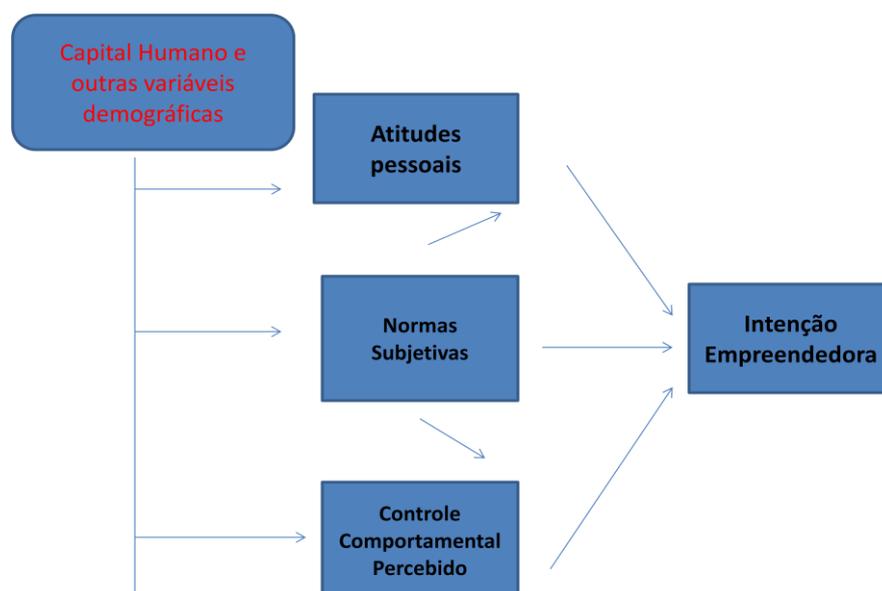


Figura 9: Modelo de Liñán e Chen (2009)

Fonte: Adaptado a partir de Souza (2015)

Os construtos utilizados neste estudo são a Atitude Pessoal, refere-se à impressão positiva ou negativa que indivíduo tem sobre ser um empreendedor (AZJEN, 1991, 2001, 2002); as Normas Subjetivas, ou seja, refere-se a pressão social exercida sobre o indivíduo para tornar-se ou não um empreendedor, proveniente do círculo social em que vive (família, amigos); o Controle do Comportamento Percebido– refere-se á percepção do indivíduo sobre a facilidade ou dificuldade de se tornar um empreendedor, sua capacidade em empreender e a Intenção Empreendedora que é compreendida como sendo a predisposição das pessoas em realizar uma atividade empreendedora.

Foi reconhecido por Liñán e Chen (2009) que haviam problemas com o *Entrepreneurial Intention Questionnaire - EIQ*, referente ao viés de aquiescência, que segundo Liñán, Urbano e Guerrero (2011), trata-se de uma tendência dos indivíduos a concordar com as declarações em uma escala ou instrumento. Por esse motivo uma nova versão da escala psicométrica modificada foi desenvolvida, na qual alguns itens invertidos foram incluídos (SOUZA, 2015) e conseqüentemente testado em novas pesquisas e recomendaram que os construtos deveriam ser apresentados de forma aleatória segundo Liñán, Urbano e Guerrero (2011).

Na presente pesquisa, vale ressaltar, que será utilizada a escala psicométrica proposta por Liñán (2008) e Liñán e Chen (2009), com versão atualizada por Liñán, Urbano e Guerrero (2011) e validada por Souza (2015) no Brasil, em um contexto regional.

2.5. Síntese dos conceitos

O estudo do ensino do empreendedorismo no Ensino Superior, adequado a uma didática que possa auxiliá-los na capacitação através de ferramentas e técnicas específicas, podem desenvolver habilidades no indivíduo influenciando-o na intenção empreendedora. Segundo Shane (2012) o estudo de empreendedorismo vai além da criação de um negócio. O ensino de empreendedorismo prepara o indivíduo para o mundo do trabalho,

estimulando características como capacidade de iniciativa, adaptação a mudanças e flexibilidade (BARRETTO, 2013). Esta pesquisa pretende ampliar um pouco mais o conhecimento sobre a relação do ensino do empreendedorismo e a intenção empreendedora, bem como o estilo de aprendizagem desses alunos participantes da amostra. Desenvolver as características peculiares presentes nos empreendedores, como a propensão para enfrentar o risco, a capacidade de detectar uma oportunidade, proatividade, e a competência, segundo Hashimoto (2013) até mesmo competência pode ser ensinada através de técnicas específicas e assim aprendidas.

A intenção empreendedora é um assunto muito importante para o empreendedorismo, pois a partir dela se poderá prever se um indivíduo possui a intencionalidade da ação (ação de empreender, no caso específico do empreendedorismo). Criar ou não um negócio é um processo consequente, segundo o diretor de Empreendedorismo da Unifei Fábio Fowler, apresentar aos seus alunos tópicos que os ajudem a ter mais controle e autonomia podem afastá-los de dificuldades em lidar com grandes projetos ou até gerenciar o próprio negócio assim que se forma, uma situação vivenciada por ele próprio (FOWLER, 2013).

O ato de criação de um novo negócio pode ser previsto de acordo com a intenção adotada por um determinado indivíduo (Ajzen, 1991). Apresentando o estilo de aprendizagem predominante do grupo de alunos ou até mesmo que cada um individualmente para que possuam consciência da sua melhor forma de aprender, e favorecendo um ambiente que promova o conhecimento e desperte o desejo pelo empreendedorismo, podemos oferecer a IES informações para renovar constantemente seus projetos pedagógicos utilizando de novas tecnologias e metodologias para o avanço do conhecimento (SOUZA et al, 2006).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos aplicados a esta pesquisa. Será justificada a abordagem de pesquisa utilizada, seguida da exposição de como foi realizado a coleta de dados, e como foi realizado o tratamento de dados e quais instrumentos utilizados para a análise.

Foi evidenciado, com a aplicação de instrumento de coleta de dados sobre: Características Pessoais e Socioeconômicas, Estilos de Aprendizagem, e Intenção Empreendedora, saber se a disciplina de Empreendedorismo teve influência em suas intenções empreendedoras, nas áreas de conhecimento de exatas e humanas, e identificar qual o Estilo de Aprendizagem e a dimensão de intenção empreendedora predominante entre os universitários, levando dessa forma a uma nova explanação teórica onde será avaliado a didática mais adequada segundo Kolb (1984) para se ensinar empreendedorismo, nessa IES participante da pesquisa.

Foi aplicado aos alunos, na sequência apresentada, três instrumentos de coletas de dados: um questionário para conhecer as características pessoais e socioeconômicas além de colher informações sobre a percepção que os alunos possuem sobre como ocorreu o ensino empreendedor, um segundo questionário para identificar a Intenção Empreendedora e um terceiro para identificar o Estilo de Aprendizagem.

3.1 Caracterização geral da pesquisa

Segundo Gil (p.17, 2007) pesquisa é definida como o

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

A pesquisa é iniciada quando existe uma pergunta, quando existe uma dúvida e para tal, se busca uma resposta.

Conforme representado na Figura 10 abaixo segue o procedimento metodológico:

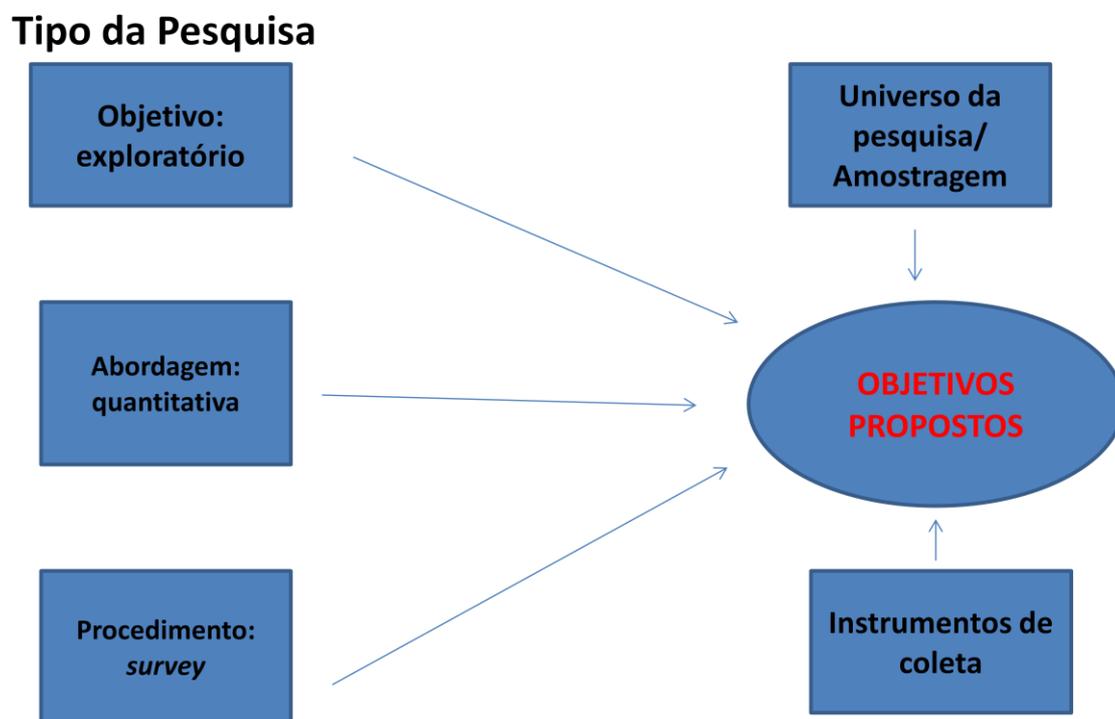


Figura 10 - Procedimento da pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora

Esta pesquisa mensura a intenção empreendedora e estilo de aprendizado dos alunos que já cursaram a disciplina de empreendedorismo, assim como verifica a percepção que o aluno possuem em relação a como foi o seu aprendizado sobre empreendedorismo, como ocorreu e de que forma ocorreu para que seja analisados os fatores que contribuiram.

A natureza da pesquisa tem objetivo exploratório, pois, segundo Gil (2002), são pesquisas que tem por objetivo explicitar e proporcionar maior entendimento de um determinado problema e de relação entre variáveis. A pesquisa é de abordagem quantitativa, com aplicação de questionário na coleta de dados, pois preocupa-se com a verificação e obtenção do resultado por meio de medições mais controladas, organizadas e tratadas estatisticamente (MARTINS; THEÓPHILO, 2007), oferecendo também subsídios para o enfoque qualitativo através da obtenção do conhecimento.

Sendo assim a observação empírica, mensuração com a verificação da teoria é o que nos leva a pesquisa quantitativa.

O primeiro questionário da pesquisa, os dados traçaram o perfil dos alunos, assim como a percepção dos alunos em relação a disciplina de Empreendedorismo. Booth *et. al.* (2000), afirmam que a pesquisa quantitativa, pode ser usada para traçar um perfil de um grupo de pessoas, caracterizando o que elas tem em comum, assim como, medir opiniões, atitudes, preferências e comportamentos.

A presente pesquisa possui pretensões de levantamento estatístico, *survey*, que é um dos procedimentos de pesquisas mais utilizados para coletar dados em pesquisas quantitativas. Trata-se de um procedimento útil, especialmente em pesquisas exploratórias e descritivas (SANTOS, 1999).

A pesquisa com *survey* pode ser referida como sendo a obtenção de dados ou informações sobre as características ou as opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, utilizando um questionário como instrumento de pesquisa (FONSECA, p.33, 2002). Nesse tipo de pesquisa o respondente não é identificado, garantindo o sigilo da sua imagem. Apresenta custo razoável, facilidade de aplicação e de resposta, simplicidade para coletar e analisar os resultados e posteriormente investigar relações estatísticas entre as variáveis estudadas (ALMEIDA, p. 174, 2013).

Quanto à técnica de coleta de dados, como forma de medição utilizada para buscar as informações para a elucidação do fenômeno que a pesquisa deseja desvendar foi questionários, onde o participante (graduados que já concluíram a disciplina de empreendedorismo) responderam alguns com e outros sem a presença do pesquisador. Sobre a elaboração dos questionários, tratam-se, dois deles, de questões fechadas, utilizando a escala de Likert. Uma vantagem da escala de Likert é fornecer direções sobre a atitude do respondente em relação a cada afirmação, sendo ela positiva ou negativa (OLIVEIRA, 2001), escala destinada a quantificar opiniões e atitudes (SANCHES; MEIRELES e DE SORDI 2011).

O tópico abaixo apresentam os passos da pesquisa de forma detalhada.

3.2 Procedimentos da pesquisa

Nesta sessão, apresenta-se o procedimento da pesquisa quanto à definição do universo e da amostra de pesquisa, o instrumento de coleta de dados e os procedimentos de coleta e tratamento dos dados, assim como ambiente de pesquisa.

A escolha foi feita por acessibilidade, permitindo ao pesquisador aumentar sua experiência em torno de determinado problema (TRIVIÑOS, 1987). A opção do emprego técnica de *survey* na elaboração dessa pesquisa, justifica-se pelo acesso da pesquisadora como docente da Instituição em estudo, permitindo uma observação direta sobre o fenômeno a ser investigado. O *survey* ou levantamento estatístico é uns dos procedimentos mais utilizados para coletar dados em pesquisas quantitativas. Apresenta custo razoável, facilidade de aplicação e de resposta, simplicidade para coletar e analisar os resultados e posteriormente investigar relações estatísticas entre as variáveis estudadas (ALMEIDA, p. 174, 2013). Os resultados estão restritos a essa Instituição, de acordo com esta realidade.

Segundo Vergara (2009), esse tipo de escolha aos participantes, não envolve procedimento estatístico e seleciona os membros pela facilidade de acesso aos mesmos.

3.2.1 População e Amostra

A escolha da população-alvo específica, se faz de fácil acesso a Instituição para a pesquisadora, a qual é docente e realiza o programa de mestrado na mesma Instituição, além do mestrado ser profissional, a cidade pode corroborar com a profissionalidade da pesquisadora/mestranda/docente. Como justificativa para a presente pesquisa, Baumol e Shane, na qual Baumol (p.898,1990) afirma que as condições de conhecer sobre o tema empreendedorismo "mudam drasticamente de um lugar para outro" e Shane (1992) que as diferentes condições encontradas indicam que o processo do

empreendedorismo pode contar com inúmeras variáveis e particularidades regionais, intensificando, dessa forma, a necessidade de se fazer a pesquisa com população-alvo específica. Segundo Filion (p.9, 1999) "as culturas, necessidades e hábitos determinam o comportamento", e os empreendedores dentro de cada cultura "integram, interpretam e assimilam estes comportamentos".

A partir desse entendimento escolheu-se como população a Instituição de Ensino Superior FACCAMP, onde são oferecidos 41 cursos de graduação entre bacharelados, licenciaturas e tecnológico, possibilitando uma amostra confiável dentro dos seus 6.000 universitários matriculados para o ano de 2016, quando foi iniciada a pesquisa.

Foram escolhidas turmas dos cursos de bacharel: Engenharia, Administração, Ciência da Computação e os cursos tecnológicos: Logística, Gestão Financeira, Marketing, Processos gerenciais, Gestão Ambiental, Gestão da Qualidade, Gestão Comercial, Gestão de Recursos Humanos, Redes de Computadores, Comércio Exterior, Sistemas de Informação e Sistemas para Internet, como objeto de pesquisa, das quais possuem a disciplina de Empreendedorismo, e que os respondentes já tenham cursado a disciplina até o final do primeiro semestre de 2017, totalizando 561 alunos para a amostra dentro da população, conforme o Quadro 15:

Quadro 15 - Quantidade de alunos que cursaram a disciplina de empreendedorismo, por curso, na FACCAMP

CURSOS	QTDE DE ALUNOS MATRICULADOS
Administração	163
Ciência da Computação	85
Gestão de R.H.	63
Sistemas da Informação	4
Sistemas de Internet	3
Redes de Computadores	32
Gestão da Qualidade	5
Gestão Financeira	26
Marketing	5
Gestão Ambiental	4

Comércio Exterior	8
Gestão Comercial	6
Processos Gerenciais	10
Logística	132
Engenharia	15
TOTAL	561

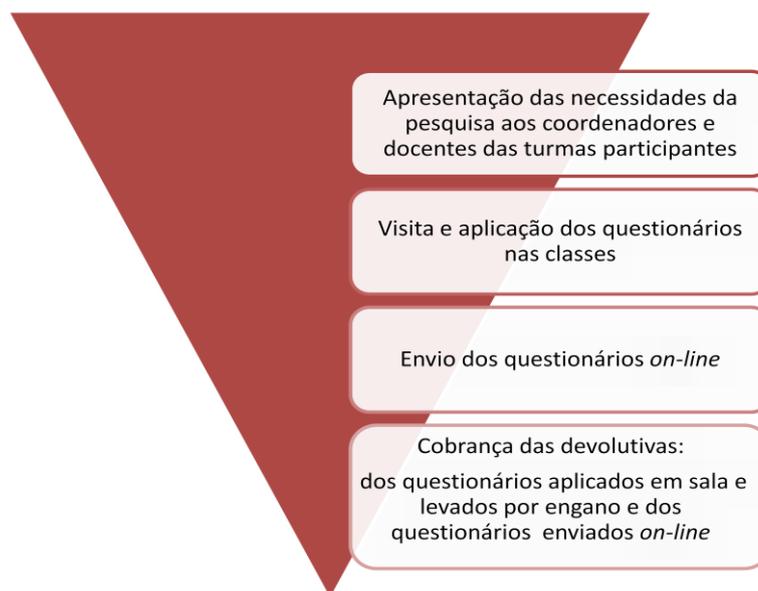
Fonte: dados fornecidos pelo Instituição, objeto de estudo (2017)

3.2.2 Procedimento para coleta de dados

Mill e Figaldo (p.20, 2007) diz a respeito do conjunto de ferramentas que a internet possui. Que as tecnologias digitais podem redimensionar de forma interativa como ferramenta para a educação devido suas influências na comunicação. Dessa forma, utilizou-se a internet como ferramenta virtual de influências para comunicação não somente para submeter os questionários e ser um canal de comunicação e esclarecimento de dúvidas, como também para encontrar ex-alunos para convite à realização da pesquisa. Ressalta-se a importância que a internet torna favorável a pesquisa para qualquer época do ano, inclusive nas férias onde o acesso pessoal ao aluno é restrito no ambiente de ensino.

Para compreensão dos passos referente a estrutura da pesquisa, coleta dos questionários, tabulação, análise dos dados e discussão dos resultados, segue a Figura 11:

Dinâmica da coleta de dados



Próxima etapa: Tabulação dos questionários

Figura 11 - Estrutura do Procedimento para Coleta dos dados

Fonte: Elaborado pela autora

Após a permissão da Diretoria da Instituição de Ensino através de Carta de Permissão de Pesquisa, foi solicitada à secretaria da graduação uma listagem de turmas que já haviam passado pela disciplina de empreendedorismo e qual o semestre vigente para que os mesmos fossem requisitados para visita, com essa informação foi importante apresentar as necessidades da pesquisa aos coordenadores e docentes das turmas participantes, para o prévio agendamento de visita às classes e com o possível acompanhamento dos mesmos para reforçar a importância da pesquisa com seus alunos.

O período de aplicação presencial se entendeu desde a apresentação da pesquisa ao corpo docente até a última visita em sala de aula que aconteceu no período de 22 de maio a 16 de junho de 2017. Durante esse período foram visitadas as turmas do período matutino e noturno. Vale ressaltar que em alguns casos a pesquisadora teve sua presença barrada para apresentar a pesquisa e aplicar os questionários devido ao período de junho

ser de apresentações de trabalhos por parte dos alunos e da aplicação da última avaliação semestral.

No período de visitas as classes e aplicação dos questionários, a pesquisa foi apresentada de forma objetiva, apenas para entendimento prévio dos alunos participantes, e nesse momento foi verificado se algum aluno presente não havia lecionado a disciplina de empreendedorismo, para esses casos os mesmos foram orientados a não participarem da pesquisa. Após a explanação, foi entregue os questionários numerados e anotados na planilha da pesquisadora quais as numeração entregues (ex: de 041 a 067), na sequência foram passadas as instruções de preenchimento, tempo estimado de 18 minutos , e disposição da pesquisadora em sanar todas as dúvidas geradas no momento do preenchimento assim, deu-se início a aplicação aos participantes, acompanhado de uma carta explicando o objetivo da pesquisa e as instruções de preenchimento, conforme Apêndice 1 – Carta ao Universitário. Em seguida, com o preenchimento do Apêndice 2 (modelo presencial), essa parte refere-se as questões de identificação de características pessoais, profissionais e socioeconômicas. Esses dados forneceram a pesquisas informações que caracterizaram a amostra, e serviram de base de dados para retorno dos resultados individuais, opção de múltipla escolha, refere-se ao perfil sócio demográficas dos participantes, quanto ao gênero, à idade, estado civil, situação de trabalho atual, antecedentes empreendedores, participação em alguma capacitação empreendedora, renda própria e familiar. Ressalta-se também que os dados pessoais contribuíram para identificar o aluno quanto a refazer os preenchimento incorretos e faltantes havendo um aproveitamento de alguns questionários e também facilitou o retorno para aqueles que se interessam em receber o retorno de suas análises quanto ao Estilo de Aprendizagem e a dimensão de Intenção Empreendedora que faz parte do seu perfil.

Em seguida, os questionários Apêndice 3 e 4 (modelo presencial), que referem-se respectivamente, ao QIE - Questionário de Intenção Empreendedora e o Inventário de Estilo de Aprendizagem de Kolb. Apresenta-se abaixo a dinâmica de cada questionário aplicado aos participantes:

l) - O questionário de Intenção Empreendedora é um instrumento de medida psicométrica cuja base é a Teoria do Comportamento Planejado- TPB, desenvolvido por Liñan (2008) e Liñan e Chen (2006; 2009), para obter informações sobre o construto Intenção de Empreender (IE), conforme Apêndice 3 (modelo presencial), com base em literatura sobre empreendedorismo e integração da psicologia. Este instrumento foi publicado por Liñan (2008), no *International Entrepreneurship and Management Journal* (v.4, n.3, p. 257-272), como *Entrepreneurial Intention Questionnaire* (EIQ), e a versão em português e validação deu-se por Souza (2015), com aplicação em universidades do Mato Grosso do Sul.

Segundo Ajzen (1991; 2006), um fator central na TPB é a intenção para executar um determinado comportamento. Constituem a TPB questões direcionadas aos construtos Intenção Empreendedora (IE), Controle de Comportamento Percebido (CCP), Normas Subjetivas (NS) e Atitudes Pessoais (AP) os quais mensuram essas dimensões diante do empreendedorismo, que trata-se da escala psicométrica, composta em quatro blocos, adaptado por Souza (2015) da versão original baseado nos estudos de Liñán, Urbano e Guerreiro (2011). São estes blocos mensurados: Intenção Empreendedora (IE), Controle de Comportamento Percebido (CCP), Normas Subjetivas (NS) e Atitudes Pessoais (AP), que representam os construtos relacionados às questões conforme o Quadro 16.

O questionário é composto de vinte questões, e a mediação do respondente é dada através de uma Escala do tipo *Likert*, de sete pontos, que variam de discordo totalmente (1) até concordo totalmente (7), levando o respondente a se posicionar em algum ponto. Entre essas opções segue as demais opções da escala: *Discordo em partes* (2), *Discordo um pouco* (3), *É indiferente pra mim* (4), *Concordo um pouco* (5) e *Concordo em partes* (6), as questões foram dispostas aleatoriamente e algumas invertidas, conforme será observado no quadro abaixo, de acordo com a recomendação de Liñán, Urbano e Guerrero (2011) .

Quadro 16 – Construtos e questões do Questionário de Intenção Empreendedora

Bloco 1 - Intenção Empreendedora
Assertivas
1. A4 Estou preparado para fazer qualquer coisa para ser um empreendedor
2. A6 Farei todo o esforço necessário para iniciar e manter meu próprio negócio.
3. A9 Tenho sérias dúvidas em algum dia começar um negócio próprio.
4. A13 Estou determinado a criar um negócio inovador no futuro.
5. A17 Meu objetivo profissional é ser um empreendedor
6. A19 Tenho muita pouca vontade de começar um negócio algum dia
Bloco 2 - Atitudes Pessoais
Assertivas
1. A2 Uma carreira como empreendedor não é atraente para mim
2. A10 Se eu tivesse oportunidade e recursos, eu adoraria começar um novo negócio próprio.
3. A12 Diante de várias opções, preferiria qualquer coisa, exceto começar um negócio próprio.
4. A15 Ser um empreendedor me traria grande satisfação
5. A18 Ser um empreendedor implica mais em vantagens do que em desvantagens para mim.
Bloco 3 - Controle do Comportamento
Assertivas
1. A1 Começar e manter um negócio próprio seria fácil para mim.
2. A5 Acredito que seria completamente incapaz de começar um negócio próprio.
3. A7 Sou capaz de controlar o processo de criação de um novo negócio.
4. A14 Se eu tentasse começar um negócio, teria uma grande chance de ser bem sucedido.
5. A16 Seria muito difícil para eu desenvolver uma ideia de um novo negócio
6. A20 Conheço todos os detalhes práticos para começar um negócio.
Bloco 4 - Normas Subjetivas
Assertivas
1. A3 Meus amigos aprovariam minha decisão de começar um negócio.
2. A8 Meus parentes mais próximos aprovariam minha decisão de começar um novo negócio.
3. A11 Meus colegas de trabalho aprovariam minha decisão de abrir um novo negócio.

Fonte: da autora, segundo Souza (2015) adaptado com base no *Entrepreneurial Intention Questionnaire* (EIQ).

Souza (2015) menciona que o modelo de Liñán e Chen (2006:2009) que se fundamenta na Teoria do Comportamento Planejado e a escala psicométrica ajustada por Liñán, Urbano e Guerrero (2011), testado, reafirma que a teoria TPB prediz e explica a propensão do indivíduo se tornar um empreendedor, propondo o uso do modelo e da escala psicométrica como instrumento de mensuração da intenção empreendedora em contexto regional, bem como para estudos e reflexões para o fortalecimento da pesquisa científica na área de intenção empreendedora em estados brasileiros e regiões para estudos comparativos.

II) - Na sequência e tendo como último passo, o questionário (Apêndice, modelo presencial) Inventário de Estilos de Aprendizagem (KOLB, 1993), validado por Cerqueira (2000) versão em português, utilizado para analisarmos o perfil de Estilo de Aprendizagem dos alunos.

Para responder ao inventário/questionário os alunos utilizaram uma sequência de 12 afirmativas, ao qual o respondente atribuiu uma classificação, em escala Likert de 4 pontos sendo 1 o menos provável e 4 o mais provável. Respectivamente o número dois correspondia a segunda maneira menos provável de aprender e três a segunda melhor maneira de aprender.

No decorrer do preenchimento dos questionários, a pesquisadora esteve presente sanando as dúvidas decorrentes do preenchimento e como percebido a maior frequência foi para o preenchimento do Inventário de Estilos de Aprendizagem, pois em seu formato original e em versão em português a forma como se explica a escala Likert de 4 pontos gerou dúvidas nos alunos. Conforme os alunos iam devolvendo os questionários a pesquisadora fazia uma triagem nos dados para identificar previamente se havia alguma falta de clareza no preenchimento, já localizando o aluno, esclarecendo a dúvida e solicitando preenchimento correto. Esse mecanismo ajudou a minimizar a quantidade de questionários rejeitados mas não os impedindo, pois alguns alunos se negavam diante da pesquisadora em dar continuidade ao preenchimento alegando falta de tempo ou até mesmo de vontade.

Para cada turma visitada foi solicitado os dados dos representantes de classe e endereço de e-mail da turma para envio dos questionários formato *on-line* para que todos pudessem participar sem exclusões. Cabe ressaltar que as

turmas que não foram liberadas para a visita da pesquisadora, mesmo assim tiveram a visita da mesma para apresentação de três minutos da necessidade da coleta de dados e em algumas turmas nem a apresentação pode ser feita, levando a pesquisadora a chamar particularmente os representantes de sala para explicação prévia e solicitação do e-mail.

O envio dos questionários *on-line* foram feitos por turma através dos e-mails de turma ou do representante de sala, e para esse caso com devida confirmação por *WhatsApp* para aumentar a certeza de que todos seriam apresentados a pesquisa. O período de aplicação *on-line* se deu de 19 a 30 de junho com a versão Word própria para preenchimento *on-line* (Apêndices 2.1, 3.1 e 4.1 versão *on-line*).

A cobrança das devolutivas dos questionários aplicados em sala de aula e levados pelo aluno para preenchimento posterior, e dos questionários enviados *on-line*, aconteceu de 01 a 15 de julho. Após a finalização do recebimento dos questionários respondidos iniciou-se a etapa de aceitação/rejeição dos questionários e tabulação dos dados. Para a etapa de aceitação/rejeição utilizou-se como principal critério o preenchimento correto dos questionários de Intenção Empreendedora e Inventário de Estilos de Aprendizagem. Para os questionários preenchidos de forma incorreta foram separados em dois critérios: aqueles com identificação do aluno e contato telefônico e/ou e-mail e os questionários sem identificação. Para o primeiro caso, vou feito o contato e enviado por e-mail para preenchimento pontual, somente dos itens que gerou engano ou dúvida da pesquisadora no momento da tabulação dos dados, e para o segundo caso, não houve outra possibilidade a não ser de rejeitar os questionários. Mesmo depois do contato telefônico e/ou por e-mail, percebeu-se um desinteresse da maioria em reencaminhar os questionários, caindo a quantidade de questionários aceitos por turma conforme o Quadro 17:

Quadro 17 - Demonstrativo de questionários aplicados

CURSOS	QTDE DE ALUNOS MATRICULADOS	QTDE DE QUESTIONÁRIOS VÁLIDOS	Recebidos por e-mail	Não válidos	QTDE DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS
Administração	163	66	6	11	77
Ciência da Computação	85	22	3	5	27
Gestão de R.H.	63	0	2	2	2
Sistemas da Informação	4	0			
Sistemas de Internet	3	0			
Redes de Computadores	32	12	1	8	20
Gestão da Qualidade	5	0			
Gestão Financeira	26	0			
Marketing	5	0	3	3	3
Gestão Ambiental	4	0	1	1	1
Comércio Exterior	8	0			
Gestão Comercial	6	1			1
Processos Gerenciais	10	0	2	2	2
Logística	132	61		10	71
Engenharia	15	10		3	13
TOTAL	561	172		45	217

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora.

Após essa etapa iniciou-se a tabulação dos dados no software Microsoft Excel, utilizando a planilha eletrônica para organizar os dados objetivando uma planilha Geral de Base de Dados, categóricas e numéricas, com todas as informações de cada participante. Cada aba da planilha representava uma turma e na aba base geral eram digitados os dados de perfil pessoal e socioeconômico.

Para a tabulação dos questionários foi seguido a orientação dos autores quanto a forma de tratá-los. O Questionário de Intenção Empreendedora, foi

tabulado conforme quadro abaixo, seguindo o exemplo de um questionário escolhido pela pesquisadora aleatoriamente, onde as numerações apresentadas foram as escolhidas pelo respondente de acordo com a escala Likert e no final de cada dimensão (conforme Quadro 18) a pontuação foi somada, e a pontuação foi transferida para a planilha Geral de Base de Dados. Segue exemplo de tabulação de dados de um dos questionários:

Quadro 18- Exemplo de tabulação dos dados: Questionário Intenção Empreendedora

Assertivas	Intenção Empreendedora	Atitudes Pessoais	Controle do Comportamento Percebido	Normas Subjetivas
A4	6			
A6	7			
A9	2			
A13	5			
A17	5			
A19	2			
	27			
A2		2		
A10		7		
A12		2		
A15		5		
A18		3		
		19		
A1			3	
A5			3	
A7			3	
A14			6	
A16			2	
A20			2	
			19	
A3				4
A8				5
A11				4
				13

Fonte: Dados da pesquisa utilizando um questionário como exemplo, elaborado pela autora e adaptado por Souza (2015).

Para o Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb, a mesma forma de tabulação foi aplicada, ou seja, de acordo com a orientação dos autores, os dados foram tabulados e a pontuação obtida alimentou a planilha Geral de Base de Dados. Abaixo está demonstrado passo a passo da tabulação para o Inventário de Estilos de Aprendizagem:

1º passo: o questionário preenchido pelo respondente é apresentado com as numerações na escala tipo Likert de 1 a 4, inicia-se a tabulação codificando os número para letras, onde: 1=A, 2=B, C=3 e D=4. Dessa forma conforme exemplo abaixo temos:

Quadro 19: Primeiro passo para o tratamento do Inventário de Estilos de Aprendizagem

1. Enquanto aprendo:	4 D	Gosto de lidar com meus sentimentos	3 C	Gosto de pensar sobre ideias	1 A	Gosto de estar fazendo coisas	2 B	Gosto de observar e escutar
2. Aprendo melhor quando:	2 B	Ouçoo e observo com atenção	1 A	Me apoio em em pensament o lógico	4 D	Confio em meus palpites e impressões	3 C	Trabalho com afinco para executar a tarefa
3. Quando estou aprendendo:	3 C	Tendo buscar as explicações para as coisas	1 A	Sou responsável acerca das coisas	2 B	Fico quieto e concentrado	4 D	Tenho sentimentos e reações fortes
4. Aprendo:	4 D	Sentindo	3 C	Fazendo	1 A	Observando	2 B	Pensando
5. Enquanto Aprendo:	4 D	Abro-me a novas experiências	1 A	Examino todos os ângulos da questão	3 C	Gosto de analisar as coisas, desdobrá-las em suas partes	2 B	Gosto de testar as coisas
6. Enquanto estou aprendendo:	2 B	Sou uma pessoa observadora	3 C	Sou uma pessoa ativa	4 D	Sou uma pessoa intuitiva	1 A	Sou uma pessoa lógica
7. Aprendo melhor através de:	2 B	Observação	3 C	Interações pessoais	1 A	Teorias racionais	4 D	Oportunidades para experimentar e praticar
8. Enquanto aprendo:	2 B	Gosto de ver os resultados de meu trabalho	3 C	Gosto de ideias e teorias	1 A	Penso antes de agir	4 D	Sinto-me pessoalmente envolvido no assunto Continua...

9. Aprendo melhor quando:	1 A	Me apoio em minhas observações	4 D	Me apoio em minhas impressões	3 C	Posso experimentar coisas por mim mesmo	2 B	Me apoio em minhas idéias
10. Quando estou aprendendo:	2 B	Sou uma pessoa competente	4 D	Sou uma pessoa flexível	3 C	Sou uma pessoa responsável	1 A	Sou uma pessoa racional
11. Enquanto aprendo:	4 D	Gosto de me envolver	1 A	Gosto de observar	2 B	Avalio as coisas	3 C	Gosto de estar ativo
12. Aprendo melhor quando:	2 B	Analiso as ideias	3 C	Sou receptivo e de mente aberta	1 A	Sou cuidadoso	4 D	Sou prático

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora e adaptado por Cerqueira (2000).

2º passo: calcular os quatro índices (EC; OR; CA; EA) a partir dos pesos atribuídos em números de 1 a 4 e codificados em letras de A a D, para cada linha conforme o 1º passo, ou seja, seguindo o exemplo abaixo para a pergunta de número 1 qual o valor Likert para a letra A? Nesse caso número 1. Na sequência a pergunta de número 2 qual o valor de Likert para a letra C? Nesse caso o número 3. Assim segue para todas as alternativas de 1 a 12, para os quatro índices:

$$1A + 2C + 3D + 4A + 5A + 6C + 7B + 8D + 9B + 10B + 11A + 12B = EC \text{ total}$$

1	3	4	1	1	3	2	4	2	2	1	2
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

$$EC \text{ total} = 26$$

$$1D + 2A + 3C + 4C + 5B + 6A + 7A + 8C + 9A + 10A + 11B + 12C = OR \text{ total}$$

4	1	3	3	2	1	1	3	1	1	2	3
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

$$OR \text{ total} = 25$$

$$1B + 2B + 3A + 4D + 5C + 6D + 7C + 8B + 9D + 10D + 11C + 12A = CA \text{ total}$$

2	2	1	4	3	4	3	2	4	4	3	1
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

$$CA \text{ total} = 33$$

$$1C + 2D + 3B + 4B + 5D + 6B + 7D + 8A + 9C + 10C + 11D + 12D = \text{EA total}$$

3	4	2	2	4	2	4	1	3	3	4	4
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

EA total = 36

3º passo: com a pontuação dos quatro valores obtidos (conforme o escore Tabela 2) definiu-se o modo de aprendizagem, após, com a pontuação dos quatro modos de aprendizagem - afinal o estilo de aprendizagem de cada pessoa é uma combinação dos quatro modos básicos de aprendizagem - define-se o nível de desenvolvimento alcançado pelo indivíduo através da subtraindo-se em dois a dois (CERQUEIRA, 2000), de acordo com a tabela..., para obtenção dos pontos que serão marcados para definir o Estilo de Aprendizagem:

Tabela 2 - Inventário de Estilos de Aprendizagem: Escore

EC = 26	OR = 25	CA = 33	EA = 36
----------------	----------------	----------------	----------------

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora e adaptado por Cerqueira (2000).

Tabela 3: Resultados dois a dois para definição do Estilo de Aprendizagem

Eixo da Apreensão/Compreensão da Realidade	Eixo da Transformação da Realidade
CA-EC	EA - OR
33-26	36-25
7	11

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora e adaptado por Cerqueira (2000).

4º passo: traçar a reta no Plano Cartesiano de Kolb - Figura 12, conforme os resultados positivos e negativos obtidos utilizando-se da Tabela 3, é possível extrair uma função de duas variáveis, para identificar o Estilo de Aprendizagem predominante através do quadrante no qual a interseção das

retas se encontra, através dos pontos marcados nos eixos, lembrando que o plano cartesiano de Kolb está com os sinais invertidos nos eixos X e Y:

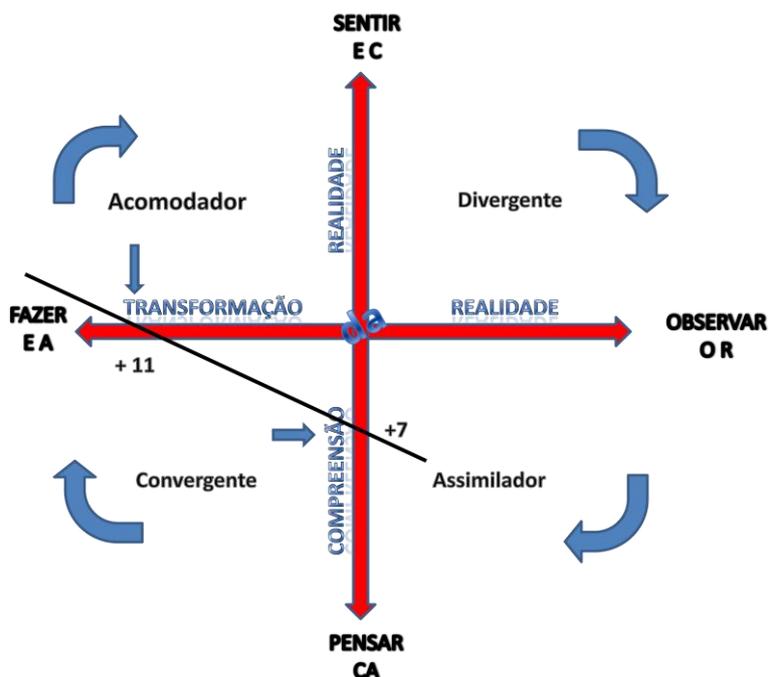


Figura 12- Plano Cartesiano de Kolb

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado pela autora e adaptado por Cerqueira (2000), Krakauer (2014) e Kolb (1993).

5º passo: Analisar o Estilo de Aprendizagem e a Dimensão do aprendizado, considerando o exemplo acima, conforme o Plano Cartesiano de Kolb, estão situados no quadrante inferior esquerdo os indivíduos que possuem o estilo **Convergente**, preferem aprender fazendo e aceitando desafios. Adaptam-se às situações imediatas, são intuitivos, atuam pelo que sentem, criam ideias e resolvem um problema por ensaio e erro.

As pontuações adquiridas no 2º passo, alimentaram a planilha Geral de Base de Dados, a qual através do escore de cada índice foi feito o resultado de dois a dois conforme a Tabela 3 apontando qual o quadrante refere-se o Estilo de Aprendizagem.

Quanto as pontuações da escala tipo Likert, vale ressaltar que a escala é de acordo com a particularidade de cada instrumento - QIE e Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb - não interferindo na análise de correlação

entre as variáveis, pois as pontuações foram convertidas de acordo com a orientação de cada autor.

Nos próximos capítulos, serão apresentados os resultados obtidos através da planilha Geral de Base de Dados, juntamente com a análise estatística utilizada.

4. ANÁLISE ESTATÍSTICA E RESULTADOS DOS DADOS

Atentamos para algumas etapas que venham a facilitar a apreciação e análise do contexto das sessões apresentadas abaixo, quanto ao formato de análise de dados que a investigação propõe expor.

Espera-se com a ferramenta de análise estatística - que trata-se de um conjunto de técnicas e métodos de pesquisa - obter, organizar e analisar dados, determinar as correlações entre eles, proporcionando conclusões e previsões para obtenção dos resultados e a partir desses, iniciarmos uma discussão dos resultados encontrados à luz da teoria apresentada no capítulo: Referencial Teórico. É também uma ciência de desenvolvimento de conhecimento humano através do uso de dados empíricos, segundo Guimarães e Cabral (1997).

Atualmente os dados estatísticos são obtidos, classificados e armazenados em suportes digitais e disponibilizados em diversos sistemas de informação acessíveis a investigadores, cidadãos e organizações da sociedade que, por sua vez, podem utilizá-los no desenvolvimento das suas atividades. O processo de obtenção, armazenamento e disseminação de informações estatísticas tem sido acompanhado pelo rápido desenvolvimento de novos recursos, técnicas e metodologias de análise de dados, as quais foram verificadas os mais adequados para a necessidade desta pesquisa.

Vários softwares foram utilizados para o tratamento dos dados, considerando a adequação de cada um quanto a utilização nas etapas da pesquisa.

Para elaboração dos questionários foram utilizados os softwares: Word e Excel, ambos da Microsoft. A planilha de cálculo Excel, também foi utilizada para organização dos dados de todos os participantes, individualmente, bem como por turmas numa planilha tabulada com os dados gerais, assim como para a folha de cálculo, a qual alimentou os softwares de base estatística.

As análises quantitativas, para obtenção do objetivo a se chegar, foram feitas com o uso do software estatístico comercial JMP (Jump) versão 12.0.1

para a produção de: I) estatísticas descritivas; II) análises de correlação de Pearson; III) teste Wilcoxon; IV) modelos de regressão lineares simples e múltiplas, V) comparação dos resultados entre os diferentes grupos, nomeadamente: homens e mulheres, faixa etária, atividades empreendedoras, percepções sobre a disciplina de empreendedorismo e outras comparações com relevância teórica ou prática. Todas as análises envolveram um nível de significância de 5%, sendo considerado o melhor software estatístico para exploração interativa de dados, também foi utilizado, o software JMP, para testar a hipótese assim como as inter-relações entre os constructos. Os modelos podem ser testados estatisticamente de forma simultânea para verificar até que ponto o modelo teórico é consistente com os dados. Havendo ajuste, considera-se plausível as relações entre as variáveis, ou, rejeita-se a hipótese de relação entre as variáveis estudadas, como serão apresentadas nesse capítulo.

Outro software estatístico utilizado nesta pesquisa foi o BioStat para Windows, com fácil compreensão e acesso versão do estudante, foi possível processar os dados, através de instruções claras para gerar gráficos descritivos e comparativos.

A Calculadora Amostral *on line* (SANTOS, 2017), foi utilizado para determinar o tamanho da amostra necessária, a qual considerou que para uma amostra de 561 participantes, considerando o nível de confiança de 95% e um erro amostral de 5%, a amostra necessária para essa pesquisa seria de 229 participantes, ou seja, 57 participantes a mais do que alcançado.

As próximas sessões apresentam os passos da análise dos dados.

4.1 Análise descritiva dos dados

Espera-se através da investigação descritiva, descrever fenômenos e identificar variáveis, além de utilizar o método para uma investigação correlacional, onde relaciona-se os efeitos das variáveis, aprecia-se interações

e diferencia-se os grupos. A Estatística descritiva é a sumarização dos dados através de tabelas, gráficos, média, mediana e desvio padrão (medidas descritivas) para tirar informações dos dados.

Optou-se para a apresentação dos dados ser feita através de quadros, gráficos e de distribuições de frequência, os quais os quais foram alimentados pela folha de cálculo do Microsoft Excel. Segundo Reis (p. 15, 1996), a estatística descritiva é o resumo da recolha, análise e interpretação de dados numéricos através da criação de instrumentos adequados: quadros, gráficos e indicadores numéricos, tabela de distribuição de frequência e histograma. Para tal, deve-se evidenciar: valor mínimo, valor máximo, soma dos valores, contagens, média, moda, mediana, variância e desvio padrão.

Vale ressaltar a caracterização dos dados qualitativos (atributos ou categorias) e quantitativos (características mensuráveis e que se podem exprimir em valores numéricos reportados a uma unidade de medida ou de ordem) antes de iniciarmos a exposição dos mesmos. Dados qualitativos representam a informação que identifica alguma qualidade, categoria ou característica, não susceptível de medida, mas de classificação, assumindo várias modalidades; exemplo: o estado civil de um participante, é um dado qualitativo que assume as categorias: solteiro, casado, viúvo e separado/divorciado. Para sumariar dados qualitativos numericamente utilizam-se, entre outras formas, contagens, proporções, percentagens, dependendo a necessidade aplicada. Chamados também de dados categóricos, estes podem ser: - Nominais, por exemplo o sexo: masculino, feminino; - Ordinais, por exemplo a percepção dos participante sobre um determinado ponto: uma escala de 1 a 7.

Os dados quantitativos representam informação resultante de características possíveis de serem medidas, apresentando-se com diferentes intensidades, que podem ser de natureza discreta (descontínua) ou contínua. Para os dados discretos, salientamos como exemplos - contagens, número de alunos ou semestre em curso. E para os dados contínuos, temos como exemplos - medidas numa escala contínua, tais como as percepções do participante referente a disciplina de empreendedorismo numa escala de 1 a 7.

No entanto, em geral é recomendado manter os dados na sua forma original, categorizando-os apenas para propósitos de apresentação ou caso o software utilizado não possua recurso para interpretação das variáveis.

Foram sujeitos a pesquisa 172 alunos, considerados aceitos para levantamento dos dados, de seis cursos da graduação de 1º a 10º semestre :

Quadro 20: Quantidade de participantes por curso

CURSOS	QTDE DE ALUNOS MATRICULADOS	QTDE DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS E ACEITOS	Frequência de participação por turma %	Representação por turma no total da pesquisa %
Administração	163	66	40.4907975	38.3710
Ciência da Computação	85	22	25.8823529	12.7910
Redes de Computadores	32	12	37.5	6.9770
Gestão Comercial	6	1	16.6666667	0.5810
Logística	132	61	46.2121212	35.4650
Engenharia	15	10	66.6666667	5.8140
Total	433	172		100.0

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

O primeiro grupo de análise refere-se aos dados socioeconômicos e de perfil dos participantes.

Destes, são 66,27% homens e 33,72% mulheres, com 33,72% na faixa etária de 18 a 21 anos e 23,83% na faixa etária de 22 a 25 anos, essas duas faixa etárias compõe a maioria dos participantes, sendo a minoria com 7,55% acima de 37 anos. Destes 23,83 % são alunos de 1º semestre e na sequência de maior percentual 18,60% são de 3º semestre, representando 42,43% do número total de participantes. A menor representação fica com os alunos de 5º semestre, com 3,48%, onde representam o semestre final para aqueles que

são tecnólogos e semestre do meio da graduação para os cursos de bacharelado. Em relação ao estado civil, 72,67 % dos respondentes se declarou como solteiro e 23,83 % casado, e apenas 3,48% dos participantes são divorciados.

Em relação à renda, no Brasil, a maior parte declarou-se como tendo renda familiar entre 880,01 a 1.760,00 reais mensais (41,86%), e 20,93 % dos respondentes declarou renda acima de 2.640,01 reais mensais. A situação de trabalho dos respondentes representa 65,69% como sendo trabalhadores de empresa privada, e 13,37% representam os desempregados. Na pesquisa identificamos que 54,84% indicaram não ter parentes ou conhecidos empreendedores. Dos 172 participantes, 10 deles se declararam apenas estudantes sem exercerem outras atividades. Empreendedores com parentes são 5 participantes, e 3 iniciando um novo empreendimento, dos trabalhadores em empresa privada 7 deles são trabalhadores autônomos também, ou seja, conciliam o trabalho com vínculo CLT e o trabalho autônomo.

Os resultados também indicam que 49,42% participaram de uma atividade empreendedora até o exato momento de sua vida. O quadro 21 ressalta as atividades selecionadas pelos participantes, lembrando que o mesmo participante pode ter listado mais de uma atividade, sendo assim o total não se refere aos 100% dos participantes.

Quadro 21: Atividades empreendedoras realizadas pelos participantes

QUANTIDADE DE PARTICIPANTES POR ATIVIDADES EMPREENDEDORAS				
Curso de Curta Duração	Palestras	Seminários	Empretec	Bota pra Fazer
23	68	19	2	1
Workshop	Startup	Congresso	Centro de Empreendimentos	Empresa Junior
18	3	3	2	1

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

Esse primeiro momento de análise refere-se ao questionário de características socioeconômicas, onde na sequência temos o perfil de características pessoais o qual nele foram integradas duas perguntas referente à percepções que os alunos tiveram sobre a disciplina de empreendedorismo, ambas com respostas representadas pela escala Likert de 1 a 7.

Quanto as percepções que adquiriram durante a disciplina de empreendedorismo temos, somente para as alternativas que apresentaram frequência:

Quadro 22: Percepções do Ensino Empreendedor na graduação

Na sua percepção a disciplina de empreendedorismo promoveu transformações para sua vida pessoal, profissional e acadêmica?		
Pontuação/Escala Likert	Frequência	Percentual
4 /é indiferente para mim	17	9,88%
5/ concordo um pouco	42	24,42%
6/ concordo em partes	73	42,44%
7/ concordo totalmente	40	23,26%

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

Percebeu-se através da apreciação da planilha de base de dados que o curso que apresenta maior frequência na pontuação 7 - concordo totalmente - é o curso de Administração. E o que apresenta menor pontuação (4), são os cursos de redes de computadores e ciência da computação, os quais entendem, que foi indiferente a disciplina de empreendedorismo para uma transformar a vida pessoal, profissional ou acadêmica.

A pergunta da sequencia foi referente as percepções sobre as ações pedagógicas e metodológicas do ensino, conforme o quadro abaixo, somente para as alternativas que apresentaram frequência:

Quadro 23: Percepções das ações pedagógicas e metodológicas

Na sua percepção as ações pedagógicas e metodológicas de ensino, ministradas na disciplina de empreendedorismo, contribuíram para o conhecimento que tens hoje sobre empreendedorismo?		
Pontuação/Escala Likert	Frequência	Percentual
4 /é indiferente para mim	12	6,98%
5/ concordo um pouco	50	29,07%
6/ concordo em partes	62	36,05%
7/ concordo totalmente	48	27,91%

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

A mesma apreciação da planilha de base de dados foi feita para essa pergunta, onde apontou que o curso que apresenta maior frequência na pontuação 7 - concordo totalmente - são os curso de Logística e Engenharia. E o que apresenta menor pontuação (4), são os cursos de redes computadores e administração, os quais entendem, que foi indiferente para a contribuição do conhecimento que possuem de empreendedorismo, as ações pedagógicas e metodológicas aplicadas.

A segunda parte da análise e resultados dos dados é para os construtos de Intenção Empreendedora observamos que 56,98% dos participantes se enquadram na dimensão Intenção Empreendedora e em segundo 23,84% na dimensão Controle do Comportamento. Já a dimensão que não possui pontuação foi a de Normas Subjetivas, conforme podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 24: Pontuação das Dimensões do Questionário Intenção Empreendedora

Construto Intenção Empreendedora		
Dimensão	Participantes	Percentual
Intenção Empreendedora	98	56.98%
Controle Comportamental Percebido	41	23.84%
Atitude Pessoal	14	8.14%
Empreendedora e Comportamento	13	7.56%
Norma Subjetiva	0	0.00%
Pessoais e Comportamento	3	1.74%
Empreendedora, Pessoais e Comportamento	2	1.16%
Pessoais e Normas subjetivas	1	0.58%
Empreendedora e Pessoais	0	0.00%
Total	172	100.00%

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

A dimensão de predominância, Intenção Empreendedora, refere-se que a intenção precede o comportamento, predominando em relação as outras dimensões. Refletindo uma predisposição alto em empreender do grupo amostral.

Fechando a análise dos dados, apresentamos a terceira parte com o construto Estilos de Aprendizagem de Kolb. Através da pontuação de maior número apresentamos o estilo Acomodador com 63,81%, seguido do segundo em 54,29% para o estilo Assimilador. Podemos apreciar a seguir:

Quadro 25: Pontuação dos Estilos de Aprendizagem de Kolb

Estilos de Aprendizagem de KOLB		
Construto	Participantes	Percentual
Ativa [EA]	67	63.81%
Reflexiva [OR]	57	54.29%
Abstrata [CA]	28	26.67%
Concreta [EC]	9	8.57%
Reflexiva e Ativa	4	3.81%
Abstrata e Ativa	3	2.86%
Concreta e Abstrata	1	0.95%
Concreta, Reflexiva e Ativa	1	0.95%
Reflexiva e Abstrata	1	0.95%
Concreta, Reflexiva e Abstrata	1	0.95%
Total	172	100%

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

Observando a Figura 13 é possível analisarmos que os pontos de maior predominância - Observação Reflexiva e Experimentação Ativa - fazem parte do eixo da transformação da realidade. Esses dois estilos de aprendizagem referem-se aos estilos de maior predominância, identificados nessa pesquisa para esse grupo amostral, de como os participantes assimilam o conhecimento.

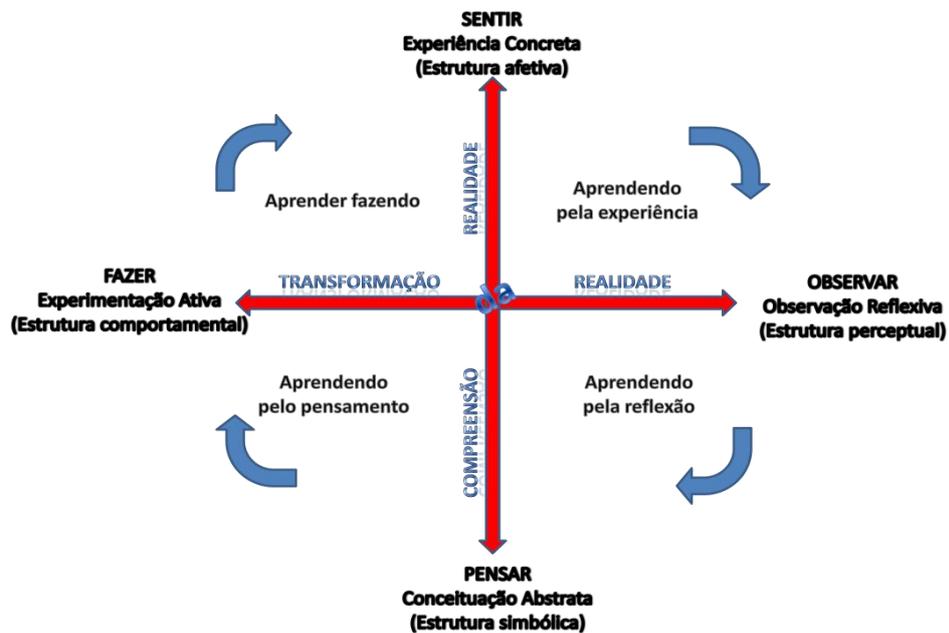


Figura 13: Ciclo Kolbiano

Fonte: Adaptado de Krakauer (2014); Kolb (1976:1984) e Cerqueira (2000) pela autora.

4.2 Análise estatística das relações entre as variáveis

A estatística bivariada foi utilizada para analisar a relação entre duas variáveis (DORSCH, *et al.*, 2001) com o objetivo de estabelecer ou não uma relação de causa/efeito entre elas, ou seja, medir o grau de relacionamento entre elas. Essas variáveis foram relacionadas mediante a hipótese da pesquisa, ou seja, analisar se as proporções de estilo de aprendizagem, Intenção Empreendedora e acreditar que a disciplina de empreendedorismo promoveu transformação para sua vida, varia ou não entre participantes dos cursos tecnológicos e participantes dos cursos de bacharelado, visto que há uma diferença em quantidade de semestres, cinco semestre para os cursos tecnológicos e de oito a dez para os cursos de bacharelado. O estudo de correlação linear de Pearson, foi utilizado nessa análise, para calcular a razão da covariância de duas variáveis pelo produto de seus desvios padrão. Utiliza-se normalmente o símbolo "r", varia de -1.00 até + 1.00. O valor de correlação - 1.00 representa uma correlação negativa perfeita, enquanto o valor +1.00

representa uma correlação positiva perfeita. O valor 0.00 representa a ausência total de correlação (MILES E SHEVLIN, 2001).

A Tabela 4 apresenta o Coeficiente de Correlação de Pearson com sua respectiva categoria o que irá auxiliar a determinar o grau da correlação entre as variáveis quantitativas:

Tabela 4: Tabela de Coeficiente de Correlação de Pearson

CATEGORIAS	Kolb	QIE	Percep disciplina Transformações	Contribuições das ações pedagógicas	Cursos Tecnólogos	Cursos Bacharel
Kolb		r = - 0,1441	r = 0,0292	r = 0,0363	r = - 0,1574	r = - 0,0445
QIE	r = - 0,1441		r = 0,2642	r = 0,1982		

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

O coeficiente de correlação de maior valor é de 0,2642, o qual demonstra de forma geral que é fraca a correlação das variáveis, O resultado indica, então, que a associação entre as variáveis é muito fraca. Assim, pode-se dizer que, não há variação entre X e Y, a medida que X aumenta Y também aumenta, e a medida em que X diminui Y também diminui. As variáveis tendem a variar juntas e no mesmo sentido. Para entendermos a forma que se caracteriza a intensidade da correlação, observamos a Tabela 5.:

Tabela 5: Coeficiente de correlação de Pearson:

Coeficiente de Correlação de Pearson	Categoria
0,0 a 0,1999	Correlação muito fraca
0,2 a 0,3999	Correlação fraca
0,4 a 0,5999	Correlação média
0,6 a 0,7999	Correlação forte
0,8 a 1,0	Correlação bastante forte

Fonte: Stevenson (1986).

Observando a Tabela de coeficientes, vale ressaltar que para as variáveis: Questionário de Intenção Empreendedora e Estilos de Aprendizagem de Kolb, foi utilizado a pontuação de maior predominância para categorizar cada uma dessas variáveis, ou seja, a correlação está relacionada com dados numéricos que seria a maior pontuação de Kolb e QIE. Verifica-se o Estilo de Aprendizagem de Kolb e o Questionário de Intenções empreendedoras apresentam correlação muito fraca ($r_{\text{KolbQIE}} = -0,144$, $p=0,0001^*$) Existe uma tendência muito fraca de que, quando cresce a pontuação de EIQ diminui a pontuação de Kolk. Mas trata-se de um correlação frágil, onde o próprio coeficiente mostra pelo valor do coeficiente de Pearson. O Estilo de Aprendizagem de Kolb e o Questionário de Intenções empreendedoras em relação aos alunos dos cursos de bacharelado, apresentam correlação muito fraca ($r_{\text{KolbQIEBacharel}} = -0,0445$, $p=0,0001^*$), já para o Estilo de Aprendizagem de Kolb e o Questionário de Intenções empreendedoras em relação aos alunos dos cursos tecnológicos, estes também apresentam correlação muito fraca ($r_{\text{KolbQIETechno}} = -0,1574$, $p=0,0001^*$). Quanto as variáveis Questionário de Intenção Empreendedora e as transformações que a disciplina de empreendedorismo promoveu para sua vida pessoal, profissional e acadêmica ($r_{\text{QIETransf}} = 0,2642$, $p=0,0001^*$) mostrando uma correlação fraca, já correlacionando com Kolb as transformações que a disciplina de empreendedorismo promoveu para sua vida pessoal, profissional e acadêmica ($r_{\text{KolbTransf}} = 0,0292$, $p=0,0001^*$) apresentando

uma correlação muito fraca. Para as contribuições das ações pedagógicas tanto para estilos de aprendizagem de Kolb como para QIE as relações também foram muito fracas - ($r_{\text{ContrKOLB}} = 0,0363$, $p=0,0001^*$) e ($r_{\text{ContrQIE}} = 0,1982$, $p=0,0001^*$), estas duas últimas foram correlacionadas para serem discutidas nos resultados da pesquisa (próximo capítulo).

Por fim, o teste de Wilcoxon, utilizado para análise bivariada para teste não paramétrico $H_0 = E(X) = E(Y)$, exige simetria da distribuição das diferenças.

A presente pesquisa utiliza o teste não paramétrico de Wilcoxon para aplicação das duas amostras independentes (TRIOLA, p.317, 1999). Para verificar cada uma das variáveis por curso tecnológico e bacharelado, foi usado uma tabela de contingência utilizando Q^2 , que é mais frágil que utilizar uma correlação. Testes qui quadrado para independência são usados para decidir se duas variáveis são associadas ou independentes. As variáveis são categóricas em vez de numéricas. A hipótese nula é que as variáveis são independentes. Os números usados no cálculo são as frequências observadas e esperadas de ocorrência, a partir de tabelas de contingência. que no caso desta pesquisa serão apreciadas abaixo.

Será demonstrado nas tabelas seguintes as variáveis Intenção Empreendedora, Estilos de Aprendizagem de Kolb, Transformações que a disciplina de Empreendedorismo promoveu a sua vida e Contribuição das Ações pedagógicas e Metodológicas sendo correlacionadas com os cursos tecnológicos e bacharel. Inicialmente, verificou-se se a disciplina de empreendedorismo promoveu transformações para sua vida pessoal, profissional e acadêmica por cursos de tecnólogo e bacharelado, conforme observamos:

Tabela 6: Transformações que a disciplina promoveu na vida do aluno por curso:

Médias e Desvio Padrão						
Categorias	Participantes	Des. Padrão	Mediana	Intervalo de Confiança	Limite Inferior	Limite Superior

Bacharelado	98	0,932898	5.80682	95%	5.6092	6.0045
Tecnólogo	74	0,888447	5.75676	95%	5.5509	5.9626
TESTE DE WILCOXON - não paramétrico						
Categorias	Participantes	Média	(Média-Média0)/Std0			
Bacharelado	98	82.8068	0.407			
Tecnólogo	74	79.9459	-0.407			

Qui Quadrado, p-valor		
Categorias	Qui Quadrado	p-valor
Bacharelado	0.1671	0,6827
Tecnólogo		

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

Não há diferença significativa entre os tipos de curso - tecnológico e bacharel - quanto a variável Percepção que a disciplina de empreendedorismo promoveu nas transformações para sua vida pessoal, profissional e acadêmica.

Analisando a próxima variável de percepções do aluno, temos a seguir:

Tabela 7: Contribuições das ações pedagógicas e metodológicas:

Médias e Desvio Padrão						
Categorias	Participantes	Des. Padrão	Mediana	Intervalo de Confiança	Limite Inferior	Limite Superior
Bacharelado	98	0,924529	5.86364	95%	5.6677	6.0595
Tecnólogo	74	0,886361	5.81081	95%	5.6055	6.0162

TESTE DE WILCOXON - não paramétrico			
Categorias	Participantes	Média	(Média-Média0)/Std0
Bacharelado	98	83.0455	0.479
Tecnólogo	74	79.6622	-0.479

Qui Quadrado, p-valor		
Categorias	Qui Quadrado	p -valor
Bacharelado	0,2310	0,6308
Tecnólogo		

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

Para essas variáveis também não há diferença significativa entre os tipos de curso para as contribuições pedagógicas e metodológicas.

Já para a variável Intenção Empreendedora pelo tipo de curso verificamos a seguir:

Tabela 8: Questionário de Intenção Empreendedora por curso:

Médias e Desvio Padrão						
Categorias	Participantes	Des. Padrão	Mediana	Intervalo de Confiança	Limite Inferior	Limite Superior
Bacharelado	98	3.29941	28.1818	95%	27.483	28.881
Tecnólogo	74	3.45265	27.6757	95%	26.876	28.476
TESTE DE WILCOXON - não paramétrico						
Categorias	Participantes	Média	(Média-Média0)/Std0			
Bacharelado	98	84.517	0.895			
Tecnólogo	74	77.9122	-0.895			

Qui Quadrado, <i>p</i> -valor		
Categorias	Qui Quadrado	<i>p</i> -valor
Bacharelado	0,8036	0,3700
Tecnólogo		

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

Para as variáveis Intenções Empreendedoras também não há diferença significativa entre os tipos de cursos.

E finalizando a análise de correlação por variáveis, verificamos se existe uma correlação entre Estilo de Aprendizagem de Kolb com os cursos, conforme Tabela 9:

Tabela 9: Questionário de Estilo de Aprendizagem por curso:

Médias e Desvio Padrão						
Categorias	Participantes	Des. Padrão	Mediana	Intervalo de Confiança	Limite Inferior	Limite Superior
Bacharelado	98	2.90380	37.0682	95%	36.453	37.683
Tecnólogo	74	3.40329	37.0811	95%	36.293	37.870
TESTE DE WILCOXON - não paramétrico						
Categorias	Participantes	Média	(Média-Média0)/Std0			
Bacharelado	98	81.9318	0.127			
Tecnólogo	74	80.9865	-0.127			

Qui Quadrado, <i>p</i> -valor

Categorias	Qui Quadrado	<i>p</i> -valor
Bacharelado	0,0165	0,8979
Tecnólogo		

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

Para essa variável também não há correlação significativa.

Em geral, os métodos não paramétricos são aplicados em problemas no qual as distribuições das populações envolvidas não precisam pertencer a uma família específica de distribuições de probabilidade tal como Normal, Uniforme, Exponencial etc. Por isso, os testes não paramétricos são também chamados *testes livres de distribuição* ("distribution free tests"). Testamos se as populações entre os cursos de tecnológicos e bacharelado diferem em localização ou não, utilizando a seguinte ideia: se aceitarmos a hipótese de nulidade, temos que a mediana da diferença é nula, ou seja, as populações não diferem entre as variáveis. Para tanto, considerando as hipóteses geradas, temos no Quadro 26 o resultado da hipótese da pesquisa:

Quadro 26: Resultado das Hipóteses

Hipótese básica	
H_0	H_1
Hipótese nula	Hipótese alternativa
As proporções de estilo de aprendizagem, intenção empreendedora e acreditar que a disciplina de empreendedorismo promoveu transformação para sua vida, NÃO VARIA entre participantes dos cursos tecnológicos e participantes de curso Bacharel	As proporções de estilo de aprendizagem, intenção empreendedora e acreditar que a disciplina de empreendedorismo promoveu transformação para sua vida, VARIA entre participantes dos cursos tecnológicos e participantes de curso Bacharel.
CONFIRMADA	REFUTADA

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

O próximo capítulo apresenta uma discussão sobre os resultados alcançados com as análises preliminares demonstradas, até esse momento da pesquisa.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para iniciarmos uma discussão acerca dos resultados, faz-se necessário retomar o papel da Instituição de Ensino frente a construção do conhecimento dos universitários quanto à Educação Empreendedora, assim face ao problema da pesquisa que é, de como a Instituição de Ensino Superior pode ser alicerce para o ensino de empreendedorismo dos discentes, se o Estilo de Aprendizagem desses discentes está adequado ao formato das disciplinas que compõem a educação Empreendedora oferecida, contribuindo para o aprendizado de forma a motivar na intenção de empreender, abrir e manter novos empreendimentos. Para tanto conhecer o perfil dos nossos alunos e verificar o estilo de aprendizagem predominante, assim como a disposição para empreender, corrobora para avaliar o cenário.

O embasamento teórico proporciona condições de conhecimentos acerca de educação empreendedora, estilos de aprendizagem para o adulto e as predições para a intenção empreendedora. Dessa forma a análise dos resultados encontrados à luz da teoria, vai ao encontro dos objetivos que foram apresentados no início da pesquisa, para contribuir com a resposta da questão da pesquisa, cabendo nesse momento mencioná-la novamente: Qual a correlação entre estilo de aprendizagem e intenção empreendedora nos jovens universitários que cursaram a disciplina de Empreendedorismo de acordo com suas percepções sobre a didática no ensino de empreendedorismo, aplicada no conteúdo da formação empreendedora?

O GEM BRASIL (2015) aponta que dos indivíduos com graduação (que são 17% da população participante da pesquisa) desses 100%, que 36% desses alunos estão satisfeitos com as iniciativas de empreendedorismo dentro das universidades. Nesta presente pesquisa, foi introduzido ao questionário de Perfil Pessoal e Socioeconômico a percepção dos alunos acerca da disciplina de Empreendedorismo, sobre se promoveu transformações em sua vida pessoal, profissional e acadêmica, onde foram observados que 42,44% concordam em partes, seguidos da segunda maior pontuação de 24,42% que concordam um pouco e se as ações pedagógicas e metodológicas, na

percepção dos alunos, contribuíram para o conhecimento que possuem hoje sobre Empreendedorismo, foram alcançados os dados de que 36,05% concordam em partes e seguido da segunda maior pontuação de 29,07% que concordam um pouco, mostrando uma contradição com o que a pesquisa Endeavor (2016) nos traz, constatou que aos alunos de ensino superior no Brasil que 5,7% já empreendem (empreendedores), 21% pensam em empreender no futuro (potenciais empreendedores) e 73,3% dos alunos não têm a intenção de abrir um negócio (não empreendedores). A pesquisa também mostra que 66% dos alunos acreditam que a disciplina de empreendedorismo é essencial para melhor prepará-lo para empreender.

Para um efetivo entendimento sobre o que leva a maioria dos alunos dessa pesquisa concordarem com ressalvas é necessário realizar uma outra pesquisa com maior detalhamento nessas percepções para avaliar o que está faltando para que o ensino de empreendedorismo possa transformar sua visa pessoal, profissional e acadêmica além da contribuição pedagógicas e metodológicas contribuírem com o seu conhecimento, para Lopes (2010), a educação empreendedora pode enfocar a formação do indivíduo ou focar naquele que se interessa por uma oportunidade e que estaria numa fase anterior à criação de um negócio. Dessa forma contribui Lima et. al. (2014) quando menciona que os estudantes podem se beneficiar com o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades do empreendedorismo com a Educação Empreendedora mesmo que não queiram ter seu próprio negócio, sendo assim, a E.E. elaborada e utilizada para as necessidades do aluno promove competências. Com isso a importância da formação do indivíduo com conhecimento empreendedor também é uma forma de direcionamento a futuras aberturas de MPEs, a pesquisa encontra 2,91% dos alunos participantes são empreendedores com parentes e 1,74% está iniciando um novo empreendimento. Diante do dado que 49,42% dos participantes já participaram de pelo menos uma atividade empreendedora em sua formação, além do conhecimento adquirido na disciplina em sua formação acadêmica, podemos atentar-nos que possa existir uma relação com a baixa idade dos nossos participantes pois na faixa etária de 18 a 25 anos, temos 57,55% dos participantes o qual pode ser um fator relevante para ainda não haver o

interesse em empreender, a fator maturidade pode estar ligado a esse interesse.

GEM Brasil (2015) traz que, a média entre os alunos é de apenas 36%. que estão satisfeitos com iniciativas de empreendedorismo dentro da universidade. Outro ponto importante é o relacionamento entre universidades e empreendedorismo, verificou-se que as instituições não são vistas como um ponto de apoio para aqueles que querem empreender. Outro ponto que esta atual pesquisa não poderá responder, considerando como tópico para futuras pesquisas. Mostra também (GEM BRASIL, 2015) que cerca da metade dos empreendedores universitários, 48,5%, não conversam sobre seu negócio com o professor. Assim que faz jus a essa pesquisa se perguntar se aplicar uma didática o mais próximo possível ao adequado não será um fator a motivar as aulas de empreendedorismo e com isso gerar um conhecimento participativo e com trocas de experiências. Nesse momento trazemos a importância de saber qual a melhor forma de absorver o conhecimento, até para complementar o discutido acima, ressalta-se a importância de que as experiências vividas precisam ser intensificadas e o ambiente acadêmico pode fornecer o aprendizado. Situações ideais de aprendizagem no ensino superior segundo Garrison e Archer (2002) serão aquelas em que se verifique: que o aprendente tem uma experiência de vida relevante onde é capaz de desenvolver um empreendimento baseado no conhecimento; que assumem responsabilidade pela própria aprendizagem; podem adquirir competências de pensamento crítico; as metas educacionais são de acordo com a capacidade do aprendente; que o aprendente possui motivação para aprender.

A adequação dos conteúdos e práticas pedagógicas devem ser apropriados para atingir os objetivos do ensino, a transmissão de conhecimentos se limita a métodos do ensino tradicional e não devem ser unicamente utilizados, buscando o novo e criativo além do tradicional (HENRIQUE e CUNHA, 2006). Para tanto a pesquisa verificou o estilo de aprendizagem dos alunos participantes da pesquisa através do Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb, o qual apoia a melhor conduta com as ferramentas pedagógicas e metodológicas para que haja uma absorção completa do conhecimento.

Essas dimensões fundamentais para o processo de aprendizagem, foram desenvolvidas por Kolb (1976:1984) para compor o instrumento de medida de Inventário de Estilos de Aprendizagem, são duas dimensões constituídas em duas orientações: Apreensão/Compreensão e Transformação. Os estilos de aprendizagem colaboram com a forma do indivíduo perceber, organizar, processar e compreender a informação. O autor (KOLB,1984) ressalta a importância que se passar pelos quatro estilos de aprendizagem para se obter a aprendizagem eficaz. Cerqueira (2000) intensifica a proposta do autor salientando que "para um estudante ser eficaz, ele deve mudar sua atitude conforme a necessidade", a presente pesquisa apresenta para o construto Experiência Concreta (sentir/estar envolvido) temos 8,57% dos participantes, para Observação Reflexiva (observar/escutar) temos 54,29%, já para Conceituação Abstrata (pensar/criar ideias) 26,67%, e com a maior predominância para o grupo amostral temos 63,81% para Experimentação Ativa (fazer/tomar decisões), conforme já apresentado do referencial teórico o eixo que contém os dois estilos predominantes encontrados é o Eixo da Transformação da Realidade e seguindo o sentido da seta temos os quadrantes do conhecimento assimilativo e o quadrante do conhecimento acomodado. É possível perceber na Figura 14 que os quadrantes fazem parte de lados opostos no ciclo, facilitando assim uma proposta didática que venha a completar o ciclo, possibilitando assim aprendizagem por todas as etapas garantindo o conhecimento, para que a aprendizagem ocorra de forma a completar o ciclo existe quatro possibilidades nos dois eixos, compondo os Estilos de Aprendizagem, segundo Kolb: Divergente, Assimilador, Convergente e Acomodador, conforme Quadro 27:

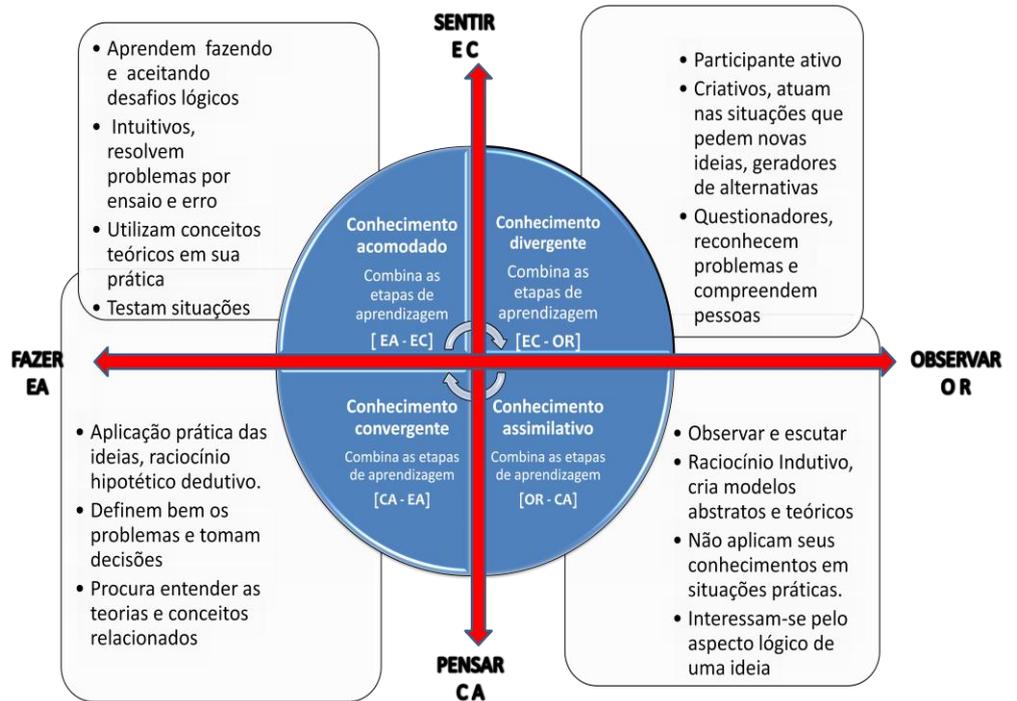


Figura 14: Ciclo Kolbiano com as definições de cada quadrante

Fonte: da autora, adaptado por Cerqueira (2000), Krakauer (2014) e Kolb (1976:1984)

Quadro 27: Predominância de Estilo de Aprendizagem da atual pesquisa

Transformação da experiência em conhecimento		
Eixo da Transformação da realidade		
Observação Reflexiva [OR]	versus	Experimentação Ativa [EA]
OR	X	EA
Aprendizagem com avaliação da reflexão. Considera sua experiência prévia		Aprendizagem por meio da ação. Utiliza conceitos e teorias em sua prática
54,29%		63,81%

Estilo: ASSIMILADOR		Estilo: ACOMODADOR
Observar		Fazer

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora

Conhecer o estilo predominante já é um ganho para adequar a didática e poder favorecer o completar do ciclo é garantir a qualidade de aprendizagem segundo Kolb (1984). Souza et al. (p.4, 2004), trás uma definição sobre o que o ensino empreendedor deve representar: “desenvolver o perfil empreendedor é capacitar o aluno para que crie, conduza e implemente o processo criativo de elaborar novos planos de vida, de trabalho, de estudo, de negócios, sendo, com isso, responsável pelo seu próprio desenvolvimento e o de sua Organização” sendo assim os alunos participantes da pesquisa precisam passar pelo quadrante Divergente para que possam treinar a criatividade, o estar envolvidos, reconheçam problemas e compreendam as pessoas.

E para convergir com o exposto pelos autores a seguir, passar pelo quadrante Convergente é se permitir a aprender fazendo, é adaptar-se a situações imediatas, ser intuitivo, segundo Hashimoto (p. 42, 2009) se aprende algo de fato, quando as pessoas conseguem internalizar um conceito por meio da correlação com suas experiências pessoais, e as metodologias enfatizam que os alunos aprendem fazendo (LOPES, 2012; FERREIRA, MATTOS 2003).

É possível perceber através do Quadro 25: Pontuação dos Estilos de Aprendizagem de Kolb que dois participantes empataram a pontuação em três quadrantes e nove deles em dois quadrantes, para esses o ciclo de aprendizagem é mais fácil de se completar, sugerindo uma análise futura.

Sobre a variável Intenção Empreendedora, para Gartner *et al* (1994), as intenções empreendedoras estão apontadas na primeira fase do processo evolutivo do empreendedor. Um sentimento que antevêm ao processo de longo prazo, de criação de um negócio.

Davidsson (1995) analisa que estudar intenções empreendedoras é mais vantajoso para entender os fatores que levam o indivíduo a inovar e abrir o

próprio negócio. O mesmo autor define que a intenção é formada antes de se concretizar uma ideia e pode prever o comportamento de um indivíduo pretendo a estabelecer a própria empresa.

O Questionário de Intenção Empreendedora, considera a intenção empreendedora um requisito para o indivíduo se tornar um empreendedor, afinal a intenção sozinha não garante de alguém se tornar empreendedor, foi analisado segundo seus construtos e escores nesta pesquisa como sendo, 56,98% dos participantes estarem com a maior predominância em sua pontuação na dimensão Intenção Empreendedora é compreendida como sendo a predisposição das pessoas em realizar uma atividade empreendedora, seguido de 23,84% com a dimensão Controle do Comportamento Percebido é compreendida como sendo a extensão em que as pessoas percebem em relação a si mesmas sobre sua capacidade de executar desta ou daquela ação e 8,14% para Atitude Pessoal que é entendida como sendo o grau de avaliação geral, positiva ou negativa, que as pessoas possuem em relação ao resultado de seu comportamento, e vale ressaltar que para Norma Subjetiva ou seja, a pressão social percebida pelas pessoas no que tange a si mesma sobre a manifestação deste ou daquele comportamento em função das diretrizes e regras que imperam na sociedade em que se encontra o indivíduo (AZJEN, 1991: 2001: 2002) houve apenas uma pontuação e mesmo assim empatada com Atitude e mais dezenove participantes que empataram mais de uma dimensão em seu escore.

Apresentar os Estilos de Aprendizagem de Kolb e a dimensão de Intenção Empreendedora nessa pesquisa corrobora com o Ensino Empreendedor nessa realidade apresentada e é possível para comparações dos dados apresentados anteriormente em outras pesquisas, mesmo estás apresentando objetivos a serem alcançados diferentes, para tanto no quadro abaixo é possível verificarmos que tratam-se de pesquisas aplicadas no Brasil e com amostras na região Sudeste e em outros estados, com interesses comuns à pesquisa atual, sendo possível verificar a diferença regional, seguindo Quadro 28:

Quadro 28: Pesquisas anteriores sobre Estilos de Aprendizagem de Kolb e Intenções Empreendedoras

ESTILO DE APRENDIZAGEM - INVENTÁRIO DE KOLB				
Autor/Ano	Amostra/ Perfil Socioeconômico	O que busca	Resultados	Achados da Pesquisa
Cerqueira, 2000	2.552 estudantes de graduação de diferentes cursos vinculados a I.E.S pública e privada cinco regiões do país. Mulheres 62,7%, homens 37,3%, sendo 68.3% na faixa etária de 16 a 23 anos.	Áreas diferentes possuem predominâncias diferentes? Utilizar o questionário de Kolb versão 1993, busca validação. Se as variáveis gênero, idade e semestre, apresentam diferenças no Estilo de Aprendizagem.	Região Sudeste - UNICAMP; PUCCAMP e USF - Bragança Paulista - foram aplicados aos cursos de ciência da Computação, Engenharia e Administração, onde a predominância foi para o estilo Assimilador, seguidos de Divergentes.	Estilo Assimilador é marcante em todas as áreas do conhecimento, seguido do estilo Divergente que está concentrado nas áreas de linguística, letras e artes. O estilo Acomodador foi o menos encontrado no geral das cinco regiões. Ressalta-se na pesquisa que o estilo Assimilador vai diminuindo com o aumento da idade, crescendo assim o estilo Acomodador conforme vão

				adquirindo experiências e vivências, passam a experimentar de forma ativa, sentindo e fazendo.
Krakauer, 2014	Cursos na área de Ciências Sociais (nome das I.E.S.s envolvidas mantidas em sigilo) 110 respondentes, sendo Mulheres 57% e homens 43%. Faixa etária de 18 a 25 anos	Compreender como ensinar empreendedoris mo na graduação, para tanto levantar os estilos de aprendizagem, possibilitando aplicar a Teoria da Aprendizagem Experiencial.	39% dos alunos de ciências aplicadas são assimiladores, seguidos de 33% convergentes. Didáticas preferida foi a Oficina de Canvas e atividades que mais gostaram foram a de Elaboração do Modelo de Negócios, já as que menos gostaram foi a de Fundamentos e Conceitos	Os estilos Assimiladores se sentem confortáveis com uma explanação teórica e os Convergentes em encontrar relações para os problemas, ou seja, relação entre a teoria e a prática. Dificuldade de iniciar a aula no momento "observar" visto que este requer antes uma experiência prévia. Considerar o aprendizado trabalhado em rede, onde cada nó deva ser uma prática proposta não se prendendo apenas ao

				conteúdo determinado pela Instituição. A maioria considera o conhecimento adquirido essencial para ser utilizado na vida e especialmente quando iniciarem no mercado de trabalho.
--	--	--	--	---

INTENÇÕES EMPREENDEDORAS - QIE

Autor/Ano	Amostra/ Perfil Socioeconômico	O que busca	Resultados	Achados da Pesquisa
Almeida, 2013	Cursos de Adm. e Gestão, vinte estados brasileiros, sendo 156 da região sudeste, onde mulheres 57,1% e homens 42,90, 90% solteiro e a média de idade é de 20 anos, 26,8% frequentaram algum curso de extensão ou extracurricular sobre o tema, e 77,6% indicam ter parentes ou conhecidos	Verificar as relações entre valores, atitude em relação ao empreendedoris mo e intenção empreendedora, realizando um estudo comparativo entre estudantes universitários brasileiros e cabo-verdianos, considerando os valores culturais e seus impactos na atitude em relação ao empreendedoris	Dimensão Atitude Pessoal foi a dominante seguida de Intenção Empreendedora .	Em relação as mulheres empreenderem é necessário identificar os fatores que são valorizado pelas mesmas, além de incluir formação específica para o gênero, uma vez que a dimensão Normas Subjetivas (pressão social) são mais presentes no gênero

	empreendedores	mo e encontrar os melhores preditores da Intenção Empreendedora.		feminino. O preditor de grande valor na amostra brasileira foi a variável Poder, composto por itens "estar no comando é importante" e "gostar de liderar". Essa dimensão esteve estatisticamente associada à I.E. Quanto maior o escore de Poder, maior a Intenção Empreendedora na amostra com um todo.
Souza, 2015	Universidades Federais do Mato Grosso do Sul, 505 participantes dos cursos de Adm e Eng, Produção, sendo homens 48,71% e mulheres 51,29%. Solteiros 90,10% e na faixa etária de 18 a 21 anos com 49,50%	Validação do questionário , de escala psicométrica proposta por Liñán Urbano e Guerreiro(2011), para identificar Intenção Empreendedora através do questionário (QIE). Participantes:	A dimensão Intenção Empreendedora do modelo demonstra uma predisposição bastante forte dos participantes em empreender. A frequência das dimensões se deram de acordo com a	No estado do Mato Grosso do Sul, existe oferta de uma educação para o empreendedorismo, 76,08% dos participantes já participaram de pelo menos uma atividade ligada ao empreendedoris

		241 de Adm. e 264 de Engenharia de Produção	intensidade em: 57,3% de Intenção Empreendedora ; 21,2% para o Controle do Comportamento Percebido; 13% para Atitude Pessoal e para Normas Subjetivas não houve pontuação. Mesmo com a ausência de pontuação para Normas Subjetivas, o percentual de 57,3% em I.E. mostra uma tendência para o desenvolviment o de comportamento s e atitudes que levam o indivíduo a empreender.	mo.
--	--	--	---	-----

ESTILO DE APRENDIZAGEM KOLB E INTENÇÕES EMPREENDEDORAS

Autor/Ano	Amostra/ Perfil Socioeconômico	O que busca	Resultados	Achados da Pesquisa
Atual Pesquisa, 2017	Instituição de Campo Limpo Paulista - S.P., 172 participantes,	A relação entre as variáveis Intenção Empreendedora,	O escores apresentados nessa pesquisa para Intenção	Quanto a satisfação dos alunos quanto ao

	<p>sendo 66,27% homens e 33,72% mulheres, com faixa etária de 57,55% de 18 a 25 anos e solteiros são a maioria em 72,67%. Pelo mesma de uma atividade empreendedora 49,42% já participou.</p>	<p>Estilos de Aprendizagem e o conhecimento adquirido com a disciplina de empreendedoris mo, buscando que os resultados possam levantar subsídios para contribuir com o aprendizado de forma a motivar na intenção de empreender, abrir e manter novos empreendiment os</p>	<p>Empreendedora são de 56,98% para a dimensão Intenção Empreendedora seguida de 23,84% para Controle do Comportamento Percebido, ressaltando 0% para Normas subjetivas e para Estilos de Aprendizagem a predominância está para o estilo Acomodador em 63,81% que é o estilo que toma decisões, pratica as ideias e possui raciocínio hipotético, seguido do estilo Assimilador que observa e escuta e possui um raciocínio indutivo.</p> <p>Não existe correlação entre as variáveis Estilo de Aprendizagem</p>	<p>conhecimento e transformação que a disciplina promoveu em sua vida menos da metade dos participantes concordou que houve transformação em algum aspecto.</p>
--	---	---	---	---

			Intenção Empreendedora e transformações que a disciplina promoveu em relação aos cursos tecnólogos e bacharelado e as diferentes áreas do saber.	
--	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com as pesquisas apresentadas anteriormente a esta, conforme citado no quadro acima, temos em concordância com a atual pesquisa a média de idade dos participantes que está entre 18 a 25 anos, o estilo de aprendizagem Assimilador também se apresenta nesta pesquisa entre os dois estilos mais pontuados, que refere-se a aprendizagem com avaliação da reflexão considerando a experiência prévia do indivíduo, este cria moldes abstratos e teóricos e não aplicam seus conhecimentos em situações práticas (CERQUEIRA, 2000; KRAKAUER, 2014; KOLB, 1976:1984).

Para a variável Intenção Empreendedora, a atual pesquisa mostra-se muito aproximada aos resultados de Souza (2015), mesmo tratando-se de estados diferentes e gestão de incentivos diferentes, sendo a dimensão Intenção Empreendedora acima da metade como sendo a predisposição das pessoas em realizar uma atividade empreendedora, seguida nas duas pesquisas da dimensão Controle do Comportamento Percebido que é compreendida como sendo a extensão em que as pessoas percebem em relação a si mesmas sobre sua capacidade de executar desta ou daquela ação. E para ambas as a dimensão Normas Subjetivas não obteve pontuação, onde demonstra que não há pressão social percebida pelas pessoas no que tange a si mesma sobre a manifestação deste ou daquele comportamento em função das diretrizes e regras que imperam na sociedade em que se encontra o indivíduo (AZJEN, 1991, 2001, 2002)

Já em discordância com os resultados alcançados nas pesquisas, para a atual, mostra que o gênero de maior participação foi o masculino e a quantidade de solteiros é menor perante as citadas. Para o estilo de aprendizagem Acomodador, este mostrou-se em predominância nesta pesquisa enquanto não foi mencionado nas anteriores. Trata-se da aprendizagem por meio da ação. Utiliza conceitos e teorias em sua prática, toma decisões e aplica de forma prática as ideias (CERQUEIRA, 2000; KRAKAUER, 2014; KOLB, 1976:1984). Menos que a metade dos alunos participam de atividades voltadas ao empreendedorismo, trazendo a necessidade de verificar o motivo de serem em sua maioria Acomodadores e mesmo assim participarem tão pouco de atividades empreendedoras, diferente da pesquisa de Souza (2015) onde no estado do Mato Grosso do Sul oferece uma educação para o empreendedorismo o que leva a 76,08% de participantes da pesquisa a terem realizado pelo menos uma atividade empreendedora.

Vale ressaltar também que Cerqueira (2000) percebeu, entre as diferenças de semestres, que conforme vão adquirindo mais experiências vão se tornando mais Acomodadores.

Considerando-se que podem haver outros preditores de Intenção Empreendedora os quais esta pesquisa não tem o objetivo de responder, mas não menos relevante se faz a necessidade de buscar em futuras pesquisas, assim como Almeida (2013), comparou outros valores que levam o indivíduo a empreender e, talvez assim, caracterizar as necessidades dessa amostra.

Analisando a variável que refere-se as percepções dos alunos quanto aos aspectos sobre a disciplina de empreendedorismo, um pouco menos da metade concorda que a disciplina trouxe transformação para sua vida pessoal, profissional e acadêmica assim como a contribuição do conhecimento do tema.

Nesse momento se faz refletir sobre a necessidade de conhecer a didática e metodologia aplicada a esse objeto de estudo, bem como se a mesma está compatível com o estilo de aprendizagem predominante dos alunos, para ampliar a utilização de diferentes estratégias de ensino, auxiliando na consolidação de práticas significativas de aprendizagem. Por não fazer parte dos objetivos da pesquisa investigar as práticas e métodos

empregadas, apontaremos algumas características que envolvem a aprendizagem no modelos dos estilos predominantes o que pode auxiliar a verificação das sugestões pelos responsáveis pedagógicos do objeto de estudo. Para o estilo Acomodador oferecer um aprendizado com maior intensidade, apresentando as atividades de modo mais objetivo. Voltados para a prática, o aprendiz Acomodador possuem maior capacidade para executar experimentos e envolver-se em novas experiências. Colocá-los na ativa com estratégias de aprendizagem de ação (Jogos de empresa, problematização, entre outros), e tarefas competitivas realizadas por equipes de trabalho, gosta de ver resultados, contribuem em uma aprendizagem muito mais significativa (KOLB, 1984). Por outro lado, situações que pedem passividade e observação do aprendiz, como por exemplo, ouvir palestras, aulas expositivas, vídeo aulas, limitam o conhecimento a ser adquirido de forma efetiva.

Quanto ao estilo de aprendizagem Assimilador é caracterizado pela facilidade de criação de modelos teóricos e pela assimilação de informações. Aprendizes com esse estilo são menos interessados em pessoas e se mostram mais preocupados com conceitos abstratos. São também denominados teóricos por se interessar pela teoria, apresentando preocupação mínima sobre seu uso prático. Alunos com predominância desse estilo aprendem melhor quando passam a ver melhor as coisas de diferentes perspectivas, como: um sistema, um conceito, um modelo ou uma teoria. Interessam-se em absorver ideias, confiando em seu próprio pensamentos para formular opiniões.

Considerando a dimensão, como predominante, a Intenção Empreendedora que trata-se da predisposição das pessoas em realizar uma atividade empreendedora e considerando os estilos mais predominantes de estilo de aprendizagem, podemos citar na literatura um conceito de Hisrich e Peters (2002) para processo empreendedor, o qual nos elucida os termos empreendedorismo/empreendedor de forma que o empreendedorismo é trazido como o início do processo e a figura do empreendedor é a ação do indivíduo em criar algo, porém mais do que isso, que pode servir como sugestão para ensino de acordo com os quatro quadrantes de Kolb enfatizando a aprendizagem em cada estilo, conforme a seguir:

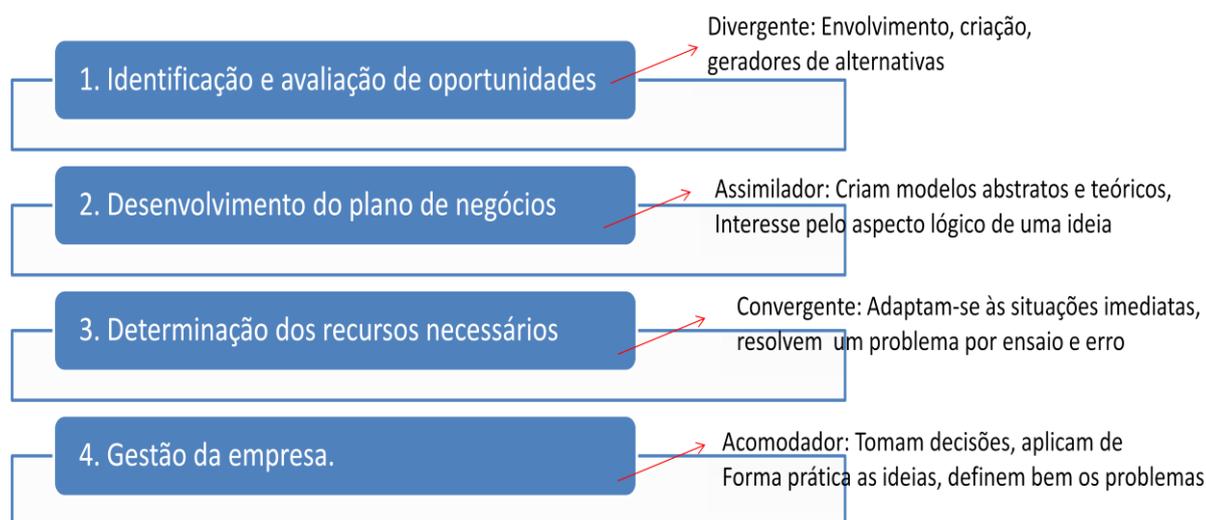


Figura 15: Sugestão para a aplicação do Ciclo de Kolb na fundamentação de conceitos

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Kolb (1984) e Hisrich e Peters (2002)

Não menos importante os dois estilos que tiveram menor pontuação nessa pesquisa (convergente e divergente), pois trata-se de efetivar a aprendizagem com o completar do ciclo, conforme proposto por Kolb (1984). Trazer sugestões didáticas para o ensino empreendedor de acordo com a predominância e certamente com a conceituação de cada quadrante do ciclo de Kolbiano, intensifica a aprendizagem cíclica, estimular além no formato tradicional, mencionado por Hashimoto (p. 34, 2009) "procuro desenvolver em meus alunos essa visão mais aberta e abrangente do mundo para estimular a capacidade criativa", estimula o "pensar fora da caixa" como libertador para processo criativo.

De acordo com a aceitação da Hipótese de nulidade que não há variação entre os semestres, intensifica-se que a metodologia aplicada poderá ser única independente dos semestres serem entre os primeiros ou os últimos,

e independente dos cursos serem em diferentes áreas do saber. Vale lembrar que trata-se da realidade dessa Instituição de Ensino.

A análise dos efeitos evidenciados pelos dados levantados dos participantes, não verificou-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de graduandos em atuação as diferentes abordagens selecionadas nas sessões de formação empreendedora, considerando a Intenção Empreendedora e o Estilo de Aprendizagem predominante para esse grupo amostral.

5.1 Limitações da pesquisa

A falta de cultura dos alunos em participarem de pesquisas acadêmicas, mesmo sendo internas e a dificuldade de acesso as salas de aula bem como os dados dos representantes de sala como e-mail e telefone, podem ser considerados como limitantes uma vez que a pesquisadora sentiu essa questão pontual como um entrave para realização da aplicação dos questionários em todos os cursos que possuem a disciplina de empreendedorismo em sua ementa. Apesar das limitações identificadas, e de outras como a excessiva cobrança para a devolutiva dos questionários, considera-se que o estudo realizado permitiu conhecer melhor as características dos alunos de várias áreas do saber tendo em consideração o estilo de aprendizagem e a intenção de empreender, bem como o significado que a disciplina trouxe para a vida dos alunos.

CONCLUSÃO

A cultura local pode estar intrinsecamente ligada as pressões produzidas no ambiente social, econômico e político da região. Com isso pode haver uma explicação para o construto normas subjetivas estar com o percentual de 0%, necessitando de maior investigação para este ambiente, refere-se a pressão social exercida sobre o indivíduo para tornar-se ou não um empreendedor, proveniente do círculo social em que vive (família, amigos), e como resultado da pesquisa foi percebido o baixo envolvimento da família nas questões empreendedoras. Trazer para a sociedade empreendedora que elevar o nível da educação se faz pertinente, para que se tenha uma ideia que ensino empreendedor não é ensinar a ser dono de empresa, mas sim que cada indivíduo possa atuar naquilo que lhe dá mais prazer e, também faz de melhor, gerando uma sociedade de pessoas saudáveis, empenhadas no que fazem e acreditam, com atitudes eficientes e ideias criativas mesmo em momentos de crise econômica.

Outro ponto importante da pesquisa é que a idade média de 18 a 21 anos podem ser um fato importante para os alunos ainda não possuem um negócio aberto, e esse é um momento oportuno da pesquisa para expor que empreender não é apenas abrir empresas, mas tomar a frente de desafios. É ser preparado, decidido, líder, inspirador, visionário. Essas são as características do empreendedor honesto de sucesso, que tanto pode ser empresário, executivo, autônomo, empregado, servidor público, bem como estudante. Essas habilidades podem ser ensinadas e encorajadas. O ambiente institucional de ensino superior precisa ensinar o aluno a ser autônomo, cooperar em equipes, despertar nele a vontade de se aperfeiçoar, crescer, criar, liderar e outros fatores importantes para quem almeja se tornar um empresário ou outro tipo de empreendedor.

Através da análise de correlação realizada, ficou evidenciado que a hipótese de pesquisa, relacionada aos aspectos das predominâncias do Estilo de Aprendizagem, dimensão da Intenção Empreendedora e suas proporções,

bem como, acreditar que a disciplina de empreendedorismo promoveu transformação para sua vida, não varia entre participantes dos cursos tecnológicos e participantes de curso Bacharel, podendo incluir uma didática dimensionada para atingir todos os cursos que oferecem disciplina de empreendedorismo na instituição, independente do tempo de permanência na Instituição de Ensino, visto que alguns cursos possuem a disciplina de empreendedorismo ofertada nos semestres iniciais e outros nos últimos semestres.

O ambiente institucional não foi avaliado apesar dos alunos terem apontado em sua grande maioria que estão satisfeitos em parte com a didática e metodologia aplicada a disciplina de empreendedorismo, valendo uma futura pesquisa para essa variável. Para tal, esta análise apoiou-se num conjunto de variáveis que contemplam as percepções do aluno, seu aspectos pessoais e acadêmicos. O presente estudo apresenta resultados que podem conduzir à algumas implicações para os docentes da Instituição objeto de estudo. Este resultado é diferente do obtido em outros estudos que mostraram existir uma correlação positiva entre a faixa etária e a decisão de criar uma empresa (DAVIDSSON, 1995), considerando que 65,69% dos nossos participantes trabalham em empresa privada, ao passo que não fez parte da presente pesquisa verificar quantos possuem incentivos financeiros pelas empresas para cursar uma graduação. O estudo também não verificou uma relação significativa entre o estilo de aprendizagem do aluno e a sua intenção empreendedora. A variável Intenção Empreendedora apresentou resultados mais adequados e de maior força de predição para se iniciar uma atividade, principalmente no que se refere percepção do aluno acerca do desejo de autonomia, está relacionada com a sua intenção de criar uma empresa.

André Fleury, professor de Engenharia de Produção da Universidade de São Paulo (USP) que auxilia o Núcleo de Empreendedorismo da USP (NEU) feito por alunos, segundo ele, o benefício de começar a empreender já na escola ou na universidade é ter um ambiente seguro para errar, além de adquirir competências que podem ser aplicadas nas organizações aumentando a qualificação do funcionário (EXAME, 2016)

Hashimoto (2015), em entrevista para a revista Pequenas Empresas Grandes Negócios, enfatiza a importância de levar o ensino de empreendedorismo para além da sala de aula, promovendo a interação entre vários cursos e disciplinas, sobretudo com os núcleos de inovação das Universidades. Prossegui afirmando que os gestores das instituições de ensino superior tenham a coragem de reinventar a tradicional visão de formação de profissionais para o mercado de trabalho que perdura no país desde a década de 70., finalizando que a nova economia não está mais lastreada em grandes empresas, mas em pequenas, ágeis, dinâmicas, sem amarras e de alto potencial de crescimento.

Os achados desta atual pesquisa revelam que a maioria dos indivíduos sofreram alteração em suas percepções de vida pessoal, acadêmica e profissional mas a dimensão normas subjetivas que trata-se da pressão da sociedade se apresentaram nulas já para o controle de comportamento percebido, onde trata-se da capacidade em empreender se mantiveram alta com a intenção empreendedora. Trazendo a reflexão que, em até que ponto é necessário que as políticas e as instituições que fomentam o empreendedorismo concentrem maiores esforços e recursos na construção de um programa de formação de um ecossistema empreendedor em regiões interioranas. E, continuando, como poderiam ser realizados estes eventos motivadores de forma mais sistemática, buscando amparar principalmente os jovens que apresentam ideias inovadoras e o desejo de empreender, assim como buscam inserção no mercado de trabalho.

Assim, o objetivo geral identificar a correlação entre estilos de aprendizagem e intenção empreendedora dos universitários que passaram pela Educação Empreendedora na IES, foi alcançado em decorrência das análises realizadas indicando que não existe correlação significativa entre as variáveis, e considerado que a disciplina de empreendedorismo, na percepção dos alunos, promoveu transformações na vida pessoal, social e profissional.

O estudo procura estabelecer uma tentativa do impacto de programas de educação sobre empreendedorismo nas intenções empreendedoras de estudantes universitários e ainda mais quando propõem-se uma didática que

favoreça a forma que os alunos absorvam esse conhecimento. Um resultado que favorece a intenção de empreender é o contexto que se dá o evento para a dimensão das Normas Subjetivas, por estarem relacionadas com o ambiente que cerca o indivíduo, principalmente em períodos de crise, apresentou o resultado de 0%, considerando que as Normas Subjetivas estão relacionadas com a pressão social percebida pelo indivíduo no sentido de realizar ou não um determinado comportamento, demonstra um cenário otimista para o incentivo empreendedor na Instituição de Ensino, realidade da pesquisa . Quanto as percepções dos alunos, a maioria dos respondentes afirmam que a disciplina de empreendedorismo promoveu transformações na vida, ressaltando o Estilo de aprendizagem Acomodador que refere-se a Experimentação Ativa, onde aplica de forma prática as ideias e tomam decisões, indo ao encontro com a predominância do grupo participante onde a dimensão Intenção Empreendedora está compreendida pela predisposição das pessoas em realizar uma atividade empreendedora, seguida da dimensão Controle do Comportamento Percebido que exerce a compreensão que a pessoa tem sobre suas capacidade de executar uma ação.

Após as observações realizadas, percebemos que a carreira como empreendedor é relativamente atrativa aos alunos, mas que não é necessariamente vista como uma alternativa positiva por aqueles que o cercam a ponto de ser incentivada. Finalmente, observamos também que os participantes consideram que o conhecimento sobre instituições e mecanismos de apoio à prática empreendedora é limitado, o que contrasta com a avaliação em outras pesquisas. Vale lembrar que estas são apenas observações isoladas, que merecem uma análise mais profunda posteriormente.

Ao finalizar cabe destacar que este estudo se revela inovador no que tange ao contexto de pesquisa, uma vez que a maioria dos trabalhos utilizam a análise das variáveis separadamente. Este estudo constituiu apenas um contributo para o conhecimento das necessidades dos alunos dessa Instituição de Ensino em pesquisa. Dada a importância do tema considera-se que muito há ainda que percorrer no campo da investigação nesta área sendo, portanto, um campo fértil de trabalho para outros investigadores, merecendo atenção e

podem se constituir em como objetivos de novos estudos, conforme alguns que serão apresentados na seção abaixo.

Pesquisas futuras

O que se foi observado no decorrer na análise dos dados pode ser sugestionado nessa seção uma vez que uma pesquisa nunca termina e sim dá recomeço a outra. Abaixo alguns apontamentos da pesquisa:

- Futuras investigações poderiam utilizar amostras mais amplas quer incidindo nestas faixas etárias de 18 a 21 anos quer alargando o âmbito a outras faixas etárias. Poderiam, ainda abranger outras regiões demográficas.
- Estudo com os participantes que possuem predominância em mais de um quadrante no Estilo de Aprendizagem de Kolb, quais os fatores que podem influenciar;
- Estudo de correlação entre faculdades públicas e privadas quanto a intenção de empreender visto que os alunos possuem carga horária diferente de estudo;
- Gestão Pública aplicada ao crescimento econômico para analisar o comportamento empreendedor. Parcerias com a Instituição de Ensino e envolvimento com projetos nascidos dentro da própria Instituição;
- Como os alunos interessados em empreender veem a Instituição em termos de apoio e incentivos;
- Fatores como baixa idade influencia na intenção de empreender? A baixa maturidade pode ser um fator que beneficia ou atrapalha?;
- O construto "estar no poder" é relevante para a intenção de empreender?;
- Investigar porque os alunos concordam em parte com suas percepções em relação a contribuição da disciplina, em relação a didática e metodologia aplicada ao ensino de empreendedorismo para o conhecimento adquirido por eles.

Recomendações Finais

Uma recomendação diante dos resultados da pesquisa é o acompanhamento por uma empresa Junior para aperfeiçoar o aprendizado prático na área de atuação e para aproximar os universitários do mercado de trabalho além de uma gestão autônoma diante de propostas de consultoria, que garante ao aluno um desenvolvimento pessoal, profissional e acadêmico. Para tal, sugere-se que o conhecimento empresarial adquirido com estes programas irá influenciar as percepções do indivíduo sobre sua intenção empreendedora.

O ambiente protagoniza um cenário de desafios e características empreendedoras além de alicerçar os métodos utilizados no ensino empreendedor, mesmo após a passagem pela disciplina para garantir as etapas dos estilos de aprendizagem de Kolb, uma vez que os alunos possuem o escore mais alto na dimensão Intenção Empreendedora e Controle do Comportamento Percebido quanto a intenção de empreender. Já para a proposta dos conteúdos disciplinares a abordagem da escolha de didáticas é fundamental para aulas de empreendedorismo. Considerando que o ciclo kolbiano garante uma aprendizagem mais completa, trazendo a realidade ao aprendizado instigando reações críticas e forçando a pensar diferente em busca de soluções.

Diante dos dados apresentados para o construto normas subjetivas, tem-se a visão de que uma proposta de políticas públicas para a região e uma proposta de direcionamento ao empreendedorismo na Instituição pesquisada, podem auxiliar no desenvolvimento de uma educação empreendedora efetiva, podendo existir parcerias com organizações de apoio. Algumas ferramentas de aprendizagem podem favorecer o desenvolvimento no ensino empreendedor, como: a construção de planos de negócios, realização de contatos com empresas, conversas formais ou informais com empreendedores, simulações computacionais e comportamentais, entrevistas com empreendedores em seus ambientes de negócios, o acesso à história de vida de empreendedores, visitas de campo, e até mesmo o uso de vídeos e filmes como recursos pedagógicos, segundo Martens e Freitas (2008). A aplicação de jogos de empresas permite

ao aluno buscar e manipular informações de acordo com os seus próprios interesses e percepções, assumindo papel ativo no processo de ensino-aprendizagem, e a responsabilidade pela construção do seu próprio conhecimento (SAUAIA, 1995).

O Sebrae prepara estudantes universitários para enfrentarem o mundo dos negócios, desenvolvendo competências empreendedoras, independente da área de formação, inclusive a formação gerencial e educação empreendedora a distância. O Sebrae/SC possui um programa de apoio as instituições de ensino superior a adotarem, de modo permanente, o ensino do empreendedorismo nas práticas pedagógicas. Assim como a Clinton Education que oferece cursos no ensino de empreendedorismo e negócios, com a modalidade online ao vivo nas áreas de negócios para empreendedores, empresários, executivos e jovens profissionais, além de um programa que desenvolve professores e futuros professores de universidades. Para a formação de líderes criativos e transformação pessoal a Polifonia é escola híbrida de negócios voltada a aplicação de metodologia inovadora para solução de problemas reais. Através do exposto podemos ressaltar a possibilidades para formação e capacitação de docentes e condições para os alunos irem além das salas de aulas, adquirindo conhecimentos, *networking*, desenvolver ideias criativas e estabelecer compreensões através da experiência vivencial.

Recomenda-se que o estudo apresente maior abrangência, sendo realizado em outras instituições de ensino superior e com tamanhos de amostras diferentes, bem como aumentando a variedade de cursos a serem pesquisados, sendo importante a verificação se tais vertentes de pesquisas chegariam às mesmas conclusões. Outra recomendação é quanto ao caráter subjetivo observado na aplicação dos questionários, o que possibilitaria somado ao caráter quantitativo do estudo, o desenvolvimento de uma teoria mais consistente sobre o tema. Fica também a sugestão em sistematizar a realização de pesquisas com o mesmo objetivo periodicamente como alternativa de verificação da evolução da influência de tais aspectos socioeconômicos e comportamentais na intenção empreendedora.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em Aula: Prática e Princípios Teóricos**. 8ª ed. São Paulo: MG ed. Associados, 1990.

AGÊNCIA BRASIL. **Número de estudantes no Ensino Superior aumenta**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-12/ensino-superior-avanca-25-pontos-percentuais-entre-jovens-estudantes-em-10>. Acesso em: 30 dez. 2016.

AJZEN, I. From intentions to actions: **A theory of planned behavior**. In J. Kuhl & J. Beckman (Eds.). *Actions-control: from cognition to behavior* (pp.11-39). Heidelberg: Springer. 1985.

AJZEN, I. The Theory of Planned Behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v.50, n.2, p. 179-211, 1991.

AJZEN, I. **Nature and operation of attitudes**. *Annual Review of Psychology*, v. 52, p. 27-58, 2001.

Ajzen, I. **Perceived behavioral control, selfefficacy, locus of control, and the theory of planned behavior**. *Journal of Applied Social Psychology*, 32, 1-20, 2002.

ALMEIDA, G. O. **Valores, Atitudes e Intenção Empreendedora: Um Estudo com Universitários Brasileiros e Cabo-Verdianos**. Junho, 2013. Tese (Doutorado em Administração) - Curso de Doutorado em Administração da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de formação Acadêmica e Pesquisa, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2013.

ANDREASSI, T.; FERNANDES, R. J. R. O uso das competições de planos de negócios como ferramenta de ensino de empreendedorismo. In: LOPES, R. M. A. (Org.) **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

ANTONELLO, C. S. **Articulação da aprendizagem formal e informal: seu impacto no desenvolvimento de competências gerenciais**. São Paulo: Alcance UNIVALI, vol.12, n.2, pp.183-209, 2005.

ANTONELLO, C. S. A metamorfose da aprendizagem organizacional: uma revisão crítica. In: **Os Novos Horizontes da Gestão – Aprendizagem Organizacional e Competências**. Porto Alegre: Ed. Bookman, pp.12 a 33. ISBN 85-363-0425-1, 2005.

ANTONELLO, C. S. **O processo de aprendizagem entre níveis individual, grupal e organizacional: desenvolvimento de competências**. São Paulo: Organizações em Contexto, ano 3, n.5, pp.223-250, 2007.

ANTONELLO, C. S.; DUTRA, M. L. S. **Projeto pedagógico: uma proposta para o desenvolvimento de competências de alunos do curso de administração, com**

foco no empreendedorismo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 29, 2005, Brasília (DF). **Anais...** ANPAD, 2005.

BANDURA, A. **Modificação do Comportamento**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

BARBETTA, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

BARBETTA, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 5ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARRETO, L. **Instituições de Ensino Superior se preparam para oferecer educação empreendedora em diversos cursos**. Revista Exame, 2013. Disponível em: <exame.abril.com.br/pme/empreendedorismo-ganha-espaco-nas-universidades-2>. Entrevista concedida a Mariana Ramos. Acesso: 28 mai 2017.

BARON, R. A.; SHANE, S. A. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

BARROWS, H. S. **Problem Based Learning Initiative**. 2010 II: Southern Illinois University School of Medicine. Disponível em: <<http://www.pbi.org/core.htm>>. Acesso em: 15/12/2017.

BAUMOL, William J. “**Entrepreneurship: Productive, Unproductive, and Destructive**”, Journal of Political Economy, p.898. 1990.

BELLAN, Z. S. **Andragogia em Ação: Como ensinar adultos sem se tornar maçante**. Santa Bárbara d'Oeste, SOCEP editora, 2005.

BERTASSO, A. de L. R. **Comportamento estratégico empreendedor**. Maringá, 2006. Apostila didática.

BIRD, B. **Implementing entrepreneurial ideas: the case for intention**. Academy of Management Review, 1988.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CAMILLIS, P.K.; ANTONELLO, C.S. **Um estudo sobre os processos de aprendizagem dos trabalhadores que não exercem função gerencial**. São Paulo: Revista de Administração Mackenzie, v. 11 n.2. pp.1-42. ISSN 1678-6971, 2010.

CAMPOS, H.; PARELLADA, F.; PALMA, Y. **Mapping the intellectual structure of entrepreneurship research: Revisiting the invisible college**. Revista Brasileira de Gestão de Negócios, v. 14, n. 42, p. 41-58, 2012.

CAPES - **Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**, 2016. Disponível em: <www.capes.gov.br/>. Acesso em: 27/05/2017

CARVALHO, P. M. R.; GONZÁLEZ, L. **Modelo explicativo sobre intenção empreendedora. Comportamento Organizacional e Gestão**. v. 12, n.1, p.43-65, Lisboa, 2006.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **Estilos de aprendizagens em universitários**. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Psicologia Educacional, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

CHOTGUIS, J., Andragogia - **Arte e ciência na aprendizagem do adulto** - 2007. Disponível em: < www.serprofessoruniversitario.pro.br > - Acessado em 10/12/2016.

COELHO J. F. A.; BORGES, A. J. E. **Uso do conceito de aprendizagem em estudos organizacionais**. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 2008, vol.18, n.40, pp.221-234. ISSN 0103-863X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000200002>.

COPE, J. **Toward a dynamic Learning Perspective of Entrepreneurship**. Entrepreneurship, Theory and Practice, July, 2005.

COSTA, M. T. G. Da.; CARVALHO, L. C. **A educação para o empreendedorismo como facilitador da inclusão social: um caso no ensino superior**. Revista Lusófona de Educação v. 19, p.106-116, Setúbal, 2011.

COTRIM, G. **História e consciência do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2002.

CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 2014.

CUNHA, José Geraldo. **Dicionário etimológico da nova fronteira de língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CURWIN, J.; SLATER, R. **Quantitative methods for business decisions**. 3o ed. 1991.

DAVIDSSON, P. **Determinants of entrepreneurial intentions**. Comunicação apresentada na conferência Rent IX, Piacenza, Itália, 1995. Disponível em: http://eprints.qut.edu.au/2076/1/RENT_IX.pdf . Acesso: 04 fev 2017.

DEAQUINO, T. C. E., **Como Aprender: Andragogia e as habilidades de aprendizagem**. São Paulo, Pearson Prentice Hall, 2007.

DEBALD, B. S. **Docência Universitária numa perspectiva construtiva**. In: Seminário Nacional - Estado e Políticas Sociais no Brasil, v.1, p. 24-33. Cascavel. *Anais...* Paraná.: Unioeste, 2003.

DEGEN, R. **O empreendedor - Fundamentos e Iniciativa Empresarial**. Colaboração: Álvaro Augusto Araújo Mello. São Paulo: Mc Grow-Hill, 1989.

DELORS, J. et. al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 10ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2006.

DIAS, A. M. I. **Desenvolvimento profissional docente na educação superior: entre redes e sentidos**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

DOLABELA, F. ; FILION, L. J. **Boa Idéia! E Agora?: Plano de Negócio o Caminho Seguro Para Criar e Gerenciar Sua Empresa**. 1 Ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2000.

DOLABELA, F. **O ensino de empreendedorismo: panorama brasileiro**. Empreendedorismo: ciência, técnica e arte. Brasília: CNI/IEL Nacional, 2001.

DORSCH, F., HÄRCKER, H., STAPF, K-H (2001). **Dicionário de Psicologia Dorsch**. Tradução por Emmanuel Carneiro Leão e equipe. Petrópolis: Vozes. p. 25-26. Tradução de: Dorsch Psychologisches Wörterbuch.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito Empreendedor** (Tradução: Carlos Malferrari). São Paulo: Pioneira, 1987.

DRUCKER, P. F. **Desafios gerenciais para o século XXI**. São Paulo: Pioneira, 2000.

ENDEAVOR BRASIL. **Empreendedorismo nas universidades: professores mais satisfeitos que alunos**. Disponível em: <<https://endeavor.org.br/pesquisa-universidades-empreendedorismo-2016/>>. Acesso em: 29 dez 2016.

ENDEAVOR BRASIL. **O que o Brasil perde ao não ensinar empreendedorismo nas escolas**. Disponível em: <<https://endeavor.org.br/ensinar-empreendedorismo-escola-universidade>>. Acesso em: 29 jul 2016.

ESTEVES, M. **Para a excelência pedagógica do ensino superior** . Revista de Ciências da Educação, ISSN 1646.4990, N. 7, p. 105, set/dez 2008.

FAYOLLE, A. **Insights to research on the entrepreneurial process from a study on perceptions of entrepreneurship and entrepreneurs**. Journal of Enterprising Culture, v.10, n.4, p. 257-285, Dec. 2002.

FERREIRA, P. G. G.; MATTOS, P. L. C. L. **Empreendedorismo e Práticas Didáticas nos Cursos de Graduação em Administração: os estudantes levantam o problema**. Anais do XXVII Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, Atibaia, 2003.

FIDALGO, F. **Encontro amplia o debate sobre a educação a distância na rede privada.** Jornal Extra Classe, SINPRO, Belo Horizonte, agosto de 2007. n 122, p. 6.

FISHBEIN, M.; AJZEN, I. **Bilief, Attitude, Intention and Behavior: An Introduction to Theory and Research.** MA: Addison - Wesley, Reading, 1975.

FIALA, N.; ANDREASSI, T. **As incubadoras como ambiente de aprendizagem do empreendedorismo.** RAEP, v.14, n.4, 2013. DOI: <<http://dx.doi.org/10.13058/raep>>, 2013.v14n4.51. ISSN (eletrônico): 2358-0917.

FIALHO, F. A. P. et al. **Gestão do conhecimento e aprendizagem:** as estratégias competitivas da sociedade pós-industrial. Florianópolis: Visual Books, 2006.

FILION, L. J. **Empreendedorismo: empreendedores e proprietários de pequenos negócios.** Revista de Administração, São Paulo: USP, v. 34, n.2, abr./jun. 1999.

FILION, L. J. **O empreendedorismo como tema de estudos superiores.** In: INSTITUTO EUVALDO LODI. Empreendedorismo: ciência, técnica e arte. CNI/IEL, p.13-42, 1999.

FILION, L. J. **O empreendedorismo como tema de estudos superiores.** Texto publicado em: Empreendedorismo: ciência, técnica e arte / Instituto Euvaldo Lodi. Brasília: CNI. IEL Nacional, 2000.

FLEURY, M.T.L.; FLEURY, A.C.C. **Estratégias empresariais e formação de competências. Um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria brasileira.** São Paulo: Atlas, 2005.

FLEURY, M. T. L.; FLEURY, A. C. C. **Construindo o conceito de competência.** Curitiba: Revista Administração Contemporânea, vol.5, 2001.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONTENELE, R. E. S. **Empreendedorismo, competitividade e crescimento econômico: Evidências empíricas.** Revista de Administração Contemporânea, v. 14, n. 6, p. 1094-1112, Nov./Dez. 2010.

FOWLER, F. **Instituições de Ensino Superior se preparam para oferecer educação empreendedora em diversos cursos.** Revista Exame, 2013. Disponível em: <exame.abril.com.br/pme/empreendedorismo-ganha-espaco-nas-universidades-2>. Entrevista concedida a Mariana Ramos. Acesso: 28 mai 2017

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GAGNÉ, R. M.; BRIGGS, L. J. **La planificación de la enseñanza - sus principios**. Cidade do México: Trillas, 1976.

GALLARDO, M. A. S. **Evaluación Del Profesorado Universitario**. Um Enfoque desde la competência profissional. Tese de doutorado. Universidade de Barcelona, 2004.

GARDNER, H. **Mentes que criam: Uma anatomia da criatividade observada através das vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandi**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

GARRISON, D. ; ARCHER, W. (2002). **A transactional perspective on teaching and learning**: a framework for adult and higher education. Oxford: Pergamon&EARLI.

GARTNER, W. B.; SHAVER, K. G.; GATEWOOD, E.; KATZ, J. A. **Finding the entrepreneur in entrepreneurship**. Entrepreneurship Theory and Practice, v. 18, n. 3, p. 5-9, 1984.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2011.

SARFATI, G. **É possível ensinar alguém a ser empreendedor?**. Revista Pequenas Empresas Grandes Negócios, 2013. Disponível em: <<http://revistapegn.globo.com/revista/common/0.,EMI318087-1717100-E+POSSIVEL+ENSINAR+ALGUEM+A+SER+EMPREENDEDOR.html>>. Entrevista concedida a Fabiana Pires. Acesso: 25 jan 2017.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM), **Estudo sobre o Empreendedorismo**. 2014. Disponível em: https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/pesquisa-gem-2014detalhe45,c9a1aabba6b6c410VgnVCM2000003c74010aRCRDAcesso em: 23 dez. 2016.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM), **Estudo sobre o Empreendedorismo**. 2015. Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/4826171de33895ae2aa12cafe998c0a5/\\$File/7347](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/4826171de33895ae2aa12cafe998c0a5/$File/7347)>. Acesso em: 22 dez 2016.

GUERRA, M. J. ; GRAZZIOTIN, Z. J. Educação Empreendedora nas Universidades brasileiras. In: LOPES, R. M. A. (Org.) **Educação**

empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Cap. 4. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: SEBRAE, 2010.

Guimarães, R. C. & Cabral, J. A. S. (1997). **Estatística.** Lisboa: McGraw-Hill.

HAMZE, A., **Andragogia e a arte de ensinar aos adultos.** 2008. Acessado em 14/02/2017. Disponível em <http://www.educador.br/brasilecola.com/trabalho-docente/andragogia.htm>

HANSEMARK, O. C. **The effects of na entrepreneurial program of need of achievement and locus of control of reinforcement.** International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research, v. 4, n. 1, p. 28-50, 1998. <http://dx.doi.org/10.1108/13552559810203957>

HASHIMOTO, M. **Lições de Empreendedorismo.** Barueri, SP: Manole, 2009.

HASHIMOTO, M. **Centro de empreendedores no Brasil.** (e-book): <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/e7a3e62cf2f52e98b5f154e3518c39e2/\\$File/4386.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/e7a3e62cf2f52e98b5f154e3518c39e2/$File/4386.pdf)> SP: SEBRAE, 2013.

HASHIMOTO, M. **Afinal empreendedorismo se ensina?** Atenas, 2016. Disponível em: <<http://athenas.catalao.ufg.br/n/86715-afinal-empreendedorismo-se-ensina-por-marcos-hashimoto?locale=en>> Acesso em: 25 jan 2017.

HASHIMOTO, M. **Educação empreendedora no Brasil.** Revista Pequenas Empresas Grandes Negócios, 18 fev 2015. Disponível em: <<http://revistapegn.globo.com/Colunistas/Marcos-Hashimoto/noticia/2015/02/educacao-empreendedora-no-brasil.html>>. Acesso em 28 jul 2017.

HECKE, A. P. **A intenção empreendedora dos alunos concluintes dos cursos de graduação em administração e ciências contábeis das instituições de ensino superior de Curitiba-PR.** 2011. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

HENRIQUE, D. C. ; CUNHA, S. K. **Metodologias, Recursos e Práticas Didático - Pedagógicas no Ensino de Empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação Nacionais e Internacionais.** In: encontro da ANPAD, 2006, Salvador/BA. Anais...Salvador: ANPAD, 2006.

HENRY, C.; HILL, L.; LEITCH, C. **Entrepreneurship education and training: can entrepreneurship be taught? Part II.** Education and Training, v.47, no.3, pp. 158-169, 2005. DOI: 10.1108/00400910510592211

HILL, W. **Aprendizagem.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1981

HIRISCH, R. D. **Entrepreneurship/Intrapreneurship.** American Psychologist, v.45, n.2, p. 209-222, 1990.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Entrepreneurship**. New York: McGraw Hill, 2002.

HIRISCH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HIRISCH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HOUAISS A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª. ed. São Paulo, Objetiva, 2004

INSPER. **É possível ensinar alguém a ser empreendedor?** Disponível: < <https://www.insper.edu.br/noticias/e-possivel-ensinar-alguem-a-ser-empreendedor/>>, 2012. Acesso em: 20/01/2017.

ISAIA, S. ; BOLZAN, D. P. V. **Formação do professor do ensino superior: um processo que se aprende?** Revista Educação. V.29, n2, p. 121-133. UFSM. Santa Maria/RS, 2004.

KAO, J. J. **Inovação e criatividade**. São Paulo: Pioneira, 1995

KNOWLES, M. S., *et. al.* **A aprendizagem de resultados: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa**. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

KNOWLES, M. S. *et. al.* **The Adult Learner: The Definitive Classic in Adult Education and Human Resource Development**, 6th ed. Amsterdam: Elsevier, 2005.

Kolb, D. A. **The Learning Style Inventory: Technical Manual**. McBer & Co, Boston, MA, 1976.

KOLB, D.A.; RUBIN, I.M.; MCLNTYRE, J.M. **Psicologia organizacional. uma abordagem vivencial**. São Paulo: Atlas, 1978.

KOLB, D. A.; **Experimental learning: Experience as the source of learning and development**. New Jersey: Pentice-Hall, Englewood Cliffs, 1984.

KOLB, D. A.; **Gestão e o processo de aprendizagem**. In: k. Starkey. Como as organizações aprendem: relatos de sucessos das grandes empresas. São Paulo: Futura, 1997.

KOLB, D. A.; **Self-Scoring Inventory and Interpretation Booklet**. Revised Edition. Boston: Hay McBer, 1993.

KOLB, D. A.; **Experiential Learning Theory: Previous Research and New Directions**. Cleveland: Weatherhead School of Management, 1999.

KRAKAUER, P. V. de C. **Ensino de Empreendedorismo: Estudo Exploratório sobre a Aplicação da Teoria Experiencial**. São Paulo, 2014. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-graduação em Administração, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

KRAKAUER, P. V. de C.; MARQUES, J. A.; ALMEIDA, M. I. R. **Mestrado Profissional em Administração: diretrizes na elaboração dos projetos.** In: , ANPAD XXXIX, 2015, Belo Horizonte/MG. [on line] Disponível na Internet. URL: <http://www.anpad.org.br/~anpad/eventos.php?cod_evento=1&cod_edicao_subsecao=1198&cod_evento_edicao=78&cod_edicao_trabalho=19713> Acesso em 11 set 2016.

KRUEGER, N. **The impact of prior entrepreneurial exposure on perceptions of new venture feasibility and desirability.** Entrepreneurship Theory and Practice, v. 18, n. 1, p. 5-21, 1993.

KURATKO, D. F. Entrepreneurship education in the 21st: from legitimation to leadership. In: **USASBE National Conference**, January 16, 2004. [on line] Disponível na Internet. URL: <http://www.usasbe.org/knowledge/proceedings/2000/neck.pdf>. Acesso em: 11/11/2016.

LAVIERI, C. Educação...Empreendedora? In: Lopes, R. M. A. (Orga.). **Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas.** Cap. 1. Rio de Janeiro: Elievier, São Paulo: Sebrae, 2010.

LEITE, E. **Especialista em Empreendedorismo** <<https://www.blogger.com/profile/17830671849499477207>> Acesso: 25/01/2017.

LEITE, E. **O Fenômeno de Empreendedorismo.** São Paulo; Saraiva, 2012.

LEITE, E. **Empreendedorismo pode ser ensinado/Aprendido?**. 2013. Disponível em: <emanuelleite.blogspot.com.br/2013/09empreendedorismo-pode-ser.html>. Acesso: 25 jan 2017.

LEFRANÇOIS, G. R. **Teorias da Aprendizagem.** São Paulo: Cenage, 2008.

LIMA, E., NASSIF, V. M. J., LOPES, R. M. A., SILVA, D. **Educação Superior em Empreendedorismo e Intenções Empreendedoras dos Estudantes - Relatórios do Estudo GUESSS Brasil 2013 - 2014.** Grupo APOE - Grupo de Estudos sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPGA -UNINOVE. Caderno de pesquisa, n. 2014-03. São Paulo: Grupo APOE. 2014.

LIMA, E., HASHIMOTO, M. MELHADO, J., ROCHA, R. **Caminhos para uma Melhor Educação Superior em Empreendedorismo no Brasil** (trabalho aceito para apresentação no ENANPAD 2014). Grupo APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPDA-UNINOVE. Caderno de pesquisa, n. 2014-03. São Paulo: UNINOVE. 2014.

LIMA, E., NASSIF, V. M. J., LOPES, R. M. A., SILVA, D. **Ser seu Próprio Patrão? Aperfeiçoando-se a Educação Superior em Empreendedorismo.** Revista de Administração Contemporânea. *Print version* ISSN 1415-6555 On-

line version ISSN 1982-7849. Disponível: < <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20151296>> Rev. adm. contemp. vol.19 no.4 Curitiba July/Aug. 2015

LIÑÁN, F.; SANTOS, F. J. **International Advances in Economic Research: Does Social Capital Affect Entrepreneurial Intentions?** V 13, pp 443-453. November 2007. ISSN: 1083-0898 (Print) 1573-966X (Online)

LIÑÁN, F.; FAYOLLE, A. **A systematic literature review on entrepreneurial intentions: Citation, thematic analyses, and research agenda.** International Entrepreneurship and Management Journal, 11(4), 907-933, 2015. doi 10.1007/s11365-015-0356-5

LIÑÁN, F.; URBANO, D.; GUERRERO, M.. **Regional variations in entrepreneurial cognitions: start-up intentions of university students in Spain.** Entrepreneurship & Regional Development. v. 23, n. 3 e 4, April, p. 187-215, 2011.

LIÑÁN, F.; CHEN. Y. **Testing the entrepreneurial intention model on a two-country sample - 2006.**

LIÑÁN, F.; CHEN. Y. **Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions.** Entrepreneurship Theory and Practice, v.33, n.3, p. 593-617, may, 2009.

LIÑÁN, F. **Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions?.** International Entrepreneurship and Management Journal, v. 4, n. 3, p. 257-272, 2008.

LOPES, R. M. A. Referenciais para a Educação Empreendedora. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas.** Cap. 1. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: SEBRAE, 2010.

LORTIE, J. ; CASTOGIOVANNI, G. **The theory of planned behavior in entrepreneurship research: What we know and future directions.** International Entrepreneurship and Management Journal, V. 11(4): 935–957, 2015.

LUZ, A. **Empreendedorismo na Era da Quarta Revolução Industrial.** 2017 [online]: <http://www.empreendedor.com/index.php?page_id=5065&item_id=1723>, Acesso em: 25 mar 2017.

MARCOVITCH, J. **É possível ensinar alguém a ser empreendedor?.** Revista Pequenas Empresas Grandes Negócios, 2013. Disponível em: <<http://revistapegn.globo.com/revista/common/0.,EMI318087-1717100-E+POSSIVEL+ENSINAR+ALGUEM+A+SER+EMPREENDEADOR.html>>. Entrevista concedida a Fabiana Pires. Acesso: 25 jan 2017.

MARCZYK, G.; DEMATTEO, D.; FESTINGER, D. (2005). **Essentials of Research Design and Methodology**. John Wiley and Sons, 2005. E-book: <file:///C:/Users/Daniela%20Noda/Downloads/1348479633.7953Wiley_%20Essentials%20Of%20Research%20Design%20And%20Methodology%20(2005)%20Ling%20Lotb.pdf

MARQUES, R. **Empreender para surpreender: para jovens, sala de aula poder incentivo para o empreendedorismo**. 2006 Disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=10539> . Acesso em: 20/11/ 2016.

MARSICK, V.; WATKINS, K. **Informal and Incidental Learning in the Workplace**, Routledge and Kegan Paul, New York, NY, 1990.

MARTENS, C. D. P.; FREITAS, H. **A influência do Ensino de Empreendedorismo nas Intenções de Direcionamento Profissional dos Estudantes de Curso Superior: uma Avaliação a partir da Percepção dos Alunos**. In: SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, XXIV, 2006, Gramado/RS. Anais... Gramado/RS, ANPAD, 2006. [on line] Disponível na Internet. URL: <http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2006/2006_186_ANPAD.pdf> Acesso em 25/01/2017.

MARTENS, C. D. P., FREITAS, H. **Influência do ensino de empreendedorismo nas intenções de direcionamento profissional dos estudantes**. Estudo & Debate, Lajeado, v. 15, p. 71-95, 2008.

MARTINELLI, A. **Entrepreneurship**. In N.J. Smelser, & P.B. Baltes (Eds.), International encyclopedia of the social and behavioral sciences (pp. 4545-4552). Amsterdam: Pergamon, 2001.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, S. N. **Educação Empreendedora transformando o Ensino Superior: diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores**. Porto Alegre, 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MASETO, M. T. **Inovação Curricular no Ensino Superior**. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/6852>>, 2012. Acesso: 25/01/2017.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo: Psy, 1995.

MILES, J. & SHEVLIN, M. **Applying Regression & Correlation: A Guide for Students and Researchers**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001.

MILL, D.; FIDALGO, F. **Espaço, tempo e tecnologia no trabalho pedagógico**: redimensionamento na Idade Mídia. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília: v.88, n.220, p.421-444, set./dez. 2007.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. In: MORAES, R; GALIAZZI, M. C. (orgs.). Análise Textual Discursiva. Ijuí: Unijuí, 2007.

MUCCHIELLI, R. **A formação de adultos**. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1981.

NAIA, A. M. P. **Entrepreneurship education in sport sciences: implications for curriculum development**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa, Portugal, 2013.

NOGUEIRA, M. O. G. **Aprendizagem do Aluno Adulto**: Implicações para a prática Docente no Ensino Superior. Curitiba: IBPEX, 2009.

NOVAES, M. B. C. de; GIL, A. C. **A pesquisa-ação participante como estratégia metodológica para o estudo do empreendedorismo social em administração de empresas**. RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online), São Paulo, vol. 10, n. 1, fev. 2009. Disponível em : <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712009000100007>.

OLIVEIRA, A. B. Gestão Andragógica: **Tornando a empresa adulta**. Belo Horizonte. Editora: UNA, 1999.

OLIVEIRA; J.P.; SANTOS, S. A.; ASPILICUETA, P.; CRUZ, G.C. **Concepções de professores sobre a temática das chamadas dificuldades de aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação Especial. 2012;18(1):93-112.

OLIVEIRA, T. M. V. de. **Escalas de Mensuração de Atitudes**: Thustone, Osgood, Stapel, Likert, Alpert. Administração On Line; prática, pesquisa, ensino, São Paulo, v. 1, n. 2, abr./jun. 2001. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art22/tania.htm> . Acesso em: 16/08/2016.

PIMENTA, S. G.; ANSTASIOU, L. das G. **Docência no Ensino Superior**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTEL, A. A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. São Paulo: **Estudos de Psicologia**, pp.159-168, 2007.

POLITIS, D. **The process of entrepreneurial learning**: A conceptual framework. Entrepreneurship Theory and Practice, v.29, n.4, p. 399-424, 2005.

PORTER, M. E. **A vantagem competitiva das nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

REGO, T. C. **Vigotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Editora Vozes, 5ª ed. - p. 110, 1998.

Reis, E. (1996) **Estatística Descritiva**, Lisboa, Edições Sílabo

REVISTA PEQUENAS EMPRESAS GRANDES NEGÓCIOS. **Especialistas em Empreendedorismo**. Edição: maio 2013 <
<http://revistapegn.globo.com/Colunistas/Marcos-Hashimoto/noticia/2016/12/empreendedorismo-para-todos.html>> Acesso: 25/01/2017.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, E. L. C.; FREITAS, A. A. F. **Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor**. Revista da Administração Contemporânea, v.18, n.4, p. 465-486, 2014.

ROGERS, J. **Aprendizagem de Adultos: fundamentos para Educação corporativa**. Porto Alegre: Artmed, 5ª ed., 2011.

SANCHES, C.; MEIRELES M.; DE SORDI, J. O. **Análise Qualitativa Por Meio da Lógica Paraconsistente: método de Interpretação e Síntese de Informação obtida Por Escalas Likert**. In: ENEPQ - III Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. João Pessoa, PB. Nov., 2011.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. **Cálculo amostral: calculadora on-line**. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acesso em: [27 jun 2017].

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

Sauaia, A. C. A. (1995). Satisfação e aprendizagem em jogos de empresas: contribuições para a educação gerencial (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Say, J.A. (1816) “ Treatise on Political Economy” Sherwood, Neely and Jones, London.

SCHLAEGEL, C.; KOENING, M. **Determinants of entrepreneurial intent: A meta-analytic test and integration of competing models**. Entrepreneurship Theory and Practice, 38(2), 291-332, 2014. doi: 10.1111/etap.12087

SCHUMPETER, J. A. **The instability of capitalism**. The economic journal, p. 361-386, 1928.

SCHUMPETER, J. **The Theory of Economic Development**, Cambridge, Mass: Harvard University Press. 1934.

SCHUMPETER, J. A. **Business Cycles: A Theoretical, Historical, and Statistical Analysis of the Capitalist Process**, McGraw-Hill Book Company Inc., New York, 1939.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico: Uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juros e o ciclo econômico**. São Paulo: Nova Cultura, 1982.

SCHUMPETER, J. A. **History of economic analysis**. Edited by Elizabeth Boody Schumpeter, New York, Oxford University Press, 1954. [Also: London, George Allen & Unwin, 1967, 6th ed.]

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SCHUMPETER, J. A. **Economic theory and entrepreneurial history, in Change and the entrepreneur: postulates and patterns of entrepreneurial history**. Cambridge: Harvard U.P., 1949. (republicado, na introdução de Tamás Szmrecsányi, Revista Brasileira de Inovação, vol 1 (2): 2002).

SCHUMPETER, J. A. **The creative response in economic history**. 1947. Journal of Economic History, 149-159.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. **Perfil empreendedor e desempenho organizacional**. Revista de Administração Contemporânea, v. 13, n. 3, p. 450-467, Jul./Ago.2009.

SCIELO. **Scientific Electronic Library Online**. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 24 nov 2016.

SEBRAE. **Desafios da Educação: Contribuições Estratégicas para o Ensino Superior**. 2016 Disponível em: <<https://books.google.ca/books?isbn=8576502062>>. Acesso em: 26 set 2016.

SEBRAE . **Global Entrepreneurship Monitor 2015**. 2016 Disponível em: <www.bibliotecas.sebrae.com.br/bis/download.zhtml?t=D&uid>. Acesso em 27 set 2016.

SEBRAE. **O empreendedorismo nas universidades brasileiras**. 2017. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-empreendedorismo-nas-universidades-brasileiras,6ad3352450608510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em 13 abr 2017.

Secretaria dos Assuntos Metropolitanos do Estado de São Paulo <http://www.sdmropolitano.sp.gov.br/portalsdm/jundiai.jsp>. Acesso em:

SERASA EXPERIAN, 2016. Disponível em: <<http://noticias.serasaexperian.com.br/com-crise-e-desemprego-abertura-de-empresas-cresce-53-em-2015-revela-serasa-experian/>>. Acesso em: 25 set 2016

SHANE, S. **Reflections on the 2010 AMR decade award: delivering on the promise of entrepreneurship as a field of research**. Academy of Management Review, v. 37, n. 1, p. 10-20, 2012.

SHANE, S. A. **“Why do some societies invent more than others?”**, Journal of Business Venturing, 7, 29–46, 1992.

SHANE, S.; VENKATARAMAN. S. **The promise of entrepreneurship as a field of research**. Academy of Management Review, 2000, Vol. 25, p. 217-226.

SHAPERO, A. The entrepreneurial event. In: C. A. Kent (Ed.) **The environment for entrepreneurship**. Lexington, Mass: Lexington Books, 1984.

SHAPERO, A. **The social dimensions of entrepreneurship**. In: Encyclopedia of Entrepreneurship. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. p. 1982. Disponível em: //papers.ssrn.com/sol3/Papers.cfm?abstract_id=1497759#. Acesso em: 23 out. 2016.

SHAPERO, A.; SOKOL, L. **The social dimensions of entrepreneurship**. In: Encyclopedia of Entrepreneurship. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. p. 72-90. 1982.

SHARLANOVA, V. **Experiential learning**. Trakia Journal of Sciences, v. 2, n. 4. p. 36-39, 2004.

SILVEIRA, A. et al. **Intenção empreendedora dos participantes do Startup Weekend: o antes e depois da capacitação empreendedora**. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 39, 2015, Belo Horizonte. Anais...Rio de Janeiro, ANPAD, 2015.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1967.

SOUZA, R. dos S. **Intenção Empreendedora: Validação de Modelo em Universidades Federais do Mato Grosso do Sul, Brasil**. São Paulo, 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Administração - PPGA, Universidade Nove de Julho - UNINOVE. São Paulo, SP, 2015.

SOUZA, E. C. L. de; SOUZA, C. C. L. de ; ASSIS, S. de A. G.; ZERBINI, T. **Métodos e técnicas de ensino e recursos didáticos para o ensino do empreendedorismo em IES brasileiras** In: ENANPAD - Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 28. Anais...Curitiba, PR, 2004.

SPELL - **Scientific Periodicals Eletronic Library** (2016). Disponível em: <https://www.google.ca/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=books&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwik5N3ZjbLPAhVFf5AKHYmDCeEQFggtMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.spell.org.br%2F&usg=AFQjCNG_BKoMRmKX02wJG13032IUAtUHsQ. A>. Acesso em: 24 set 2016

TASIC, I. A. B. **Estratégia e Empreendedorismo: decisão e criação sob incerteza**. Dissertação de Mestrado. FGV: São Paulo, 2007.

TIMMONS, J.A. **New Venture Creation: Entrepreneurship for 21st Century.** Chicago, IL: Irvin, 4th ed. 1994.

TOULOUSE, J. M. e BRENNER, G. A. **Activités d'affaires et groupes ethniques à Montréal.** Research paper 92-09-02, Maclean Hunter Chair of Entrepreneurship, HEC, The University of Montreal Business School, 1992.

TRIOLA, M. F. **Introdução à Estatística.** 7a. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VANEVENHOVEN, J. **Advances and Challenges in Entrepreneurship Education.** Journal of Small Business Management, v. 51 (3), p. 466-470, 2013.

VERGARA, S. C. (2009). **Projetos e relatórios de pesquisa em administração** (10a ed.). São Paulo: Atlas.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem.** 3.ed. São Paulo: M. Fontes, 1991.

WEBER, M. **The Protestant Ethics and the Spirit of Capitalism.** New York: Scribner's. 1958.

WEINER, B. **A theory of motivation for some classroom experiences.** Journal of Educational Psychology, 71, 3-25, 1979.

YIN, R.K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman. 2001.

YUNUS, M. **Microcrédito para população de baixa renda.** 2000. disponível em: <http://www.rodovia.fapesp.br/materia/12/entrevistados/Acesso> em 20 dez. 2016.

ZARPELLON, S. C. **O empreendedorismo e a teoria econômica institucional.** Revista Iberoamericana de Ciências Empresariais y Economía, 1(1), pp. 47-55, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Carta ao Universitário

APÊNDICE 2 Modelo Presencial - Dados Pessoais e Questionário de Perfil sócioeconômico

APÊNDICE 3 Modelo Presencial - Questionário de Intenção Empreendedora

APÊNDICE 4 Modelo Presencial - Inventário de Estilo de Aprendizagem de Kolb

APÊNDICE 2.1 Versão *on line*- Dados Pessoais e Questionário de Perfil sócioeconômico

APÊNDICE 3.1 Versão *on line* - Questionário de Intenção Empreendedora

APÊNDICE 4.1 Versão *on line* - Inventário de Kolb

APÊNDICE 1

CARTA AO UNIVERSITÁRIO

Prezado Respondente;

Desde já agradeço sua disposição em contribuir com as pesquisas do Mestrado Profissional em Administração da FACCAMP.

Este questionário anexo, validado pela pesquisadora Souza (2015), tem como objetivo ajudar na revelação de você ter ou não Intenção Empreendedora. Enquanto você responde as questões rapidamente, estas te levarão a uma reflexão pessoal.

Além disso, retornarei a você, por e-mail, o resultado do seu questionário. Sugere-se considerá-la, caso positivo, que há Intenção Empreendedora, no momento de escolha para um trabalho ou abertura/desenvolvimento do seu negócio próprio. Para tanto, se identificada sua Intenção Empreendedora, passaremos para a segunda parte da pesquisa que será aplicado o questionário, Inventário de Estilo de Aprendizagem, onde será avaliado o seu estilo de aprendizagem predominante.

As questões são de escolha única e peço que seja o mais honesto possível. Suas respostas se manterão em anonimato sendo tabuladas por numeração do questionário e e-mail.

As orientações de como proceder, estão mencionadas na própria folha do questionário, não sendo necessário a orientação e presença da pesquisadora.

É **MUITO** importante completar o questionário, somente assim se tornará válido. Peço que tenha paciência que valerá a pena, mesmo sendo 20 questões de múltipla escolha, não levará mais de 10 minutos.

**** DICA:** Para você receber o resultado do seu questionário, é de suma importância que preencha as informações de caráter facultativo.

Muito agradecida

Mestranda Daniela Cabez Santos Pereira Noda

APÊNDICE 2 (Modelo Presencial)

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA

QUESTIONÁRIO N°: _____

DATA: ____/____/____

DADOS DO ENTREVISTADOR
Nome: Daniela Cabez Santos Pereira Noda
Caracterização: Mestranda em Administração das Micro e Pequenas Empresas
Linha de Pesquisa: Empreendedorismo e Negócios
Motivo da Pesquisa: Identificar a Intenção Empreendedora e o Perfil de Aprendizagem dos alunos que cursaram a disciplina de Empreendedorismo.

Parte I - Dados pessoais e características socioeconômicas

INSTRUÇÕES
<ul style="list-style-type: none">• Para cada item do questionário assinale uma única alternativa de resposta.• Responda o questionário preenchendo a sentença de resposta correta assinalando a lacuna (quadrado) correspondente a sentença escolhida como correta

1. GÊNERO:

Masculino

Feminino

2. IDADE:

Entre 18 e 21 anos

Entre 22 e 25 anos

Entre 26 e 29 anos

Entre 30 e 33 anos

Entre 34 e 37 anos

Acima de 37 anos

3. ESTADO CIVIL:

Solteiro/a

Casado/a

Viúvo/a

Separado(a)/Divorciado(a)

4. Selecione a opção que melhor se adequa à sua situação de trabalho atual (apenas uma opção):

4.1. Empregado

Empresa Privada Setor Público - Concursado

Setor Público - Não Concursado ONG ou associação

4.2. Empregado Autônomo

Trabalhador independente Empreendedor com parentes

Iniciando um novo empreendimento

4.3. Não trabalha

Desempregado Estudante Outros

5. Algum dos seus familiares mais próximos são empreendedores?

Pai e/ou Mãe Irmãos Tios e/ou avós Primos Não

Se sim, que tipo de negócio _____

6. Você já participou de atividades de empreendedorismo? (pode marcar mais de uma opção)

Palestras Seminário Workshop Congresso

Curso de curta duração Disciplina de Empreendedorismo Bota pra fazer

Empretec Startup Incubadora de empresa

Centro de Empreendedorismo Empresa Junior

Não. Nenhuma atividade até o momento Outros

7. Renda Mensal Própria:

Ainda não tenho renda própria Até R\$ 880,00

Entre R\$ 880,01 a R\$ 1.760,00 Entre R\$ 1.760,01 a R\$ 2.640,00

Acima de R\$ 2.640,01

8. Renda Mensal Familiar:

Não tenho renda familiar Até R\$ 880,00

Entre R\$ 880,01 a R\$ 1.760,00 Entre R\$ 1.760,01 a R\$ 2.640,00

Acima de R\$ 2.640,01

9. Atualmente está cursando qual semestre e qual curso de graduação?

Semestre atual da graduação: _____

Curso: _____

10. Já se formou? Em que ano e qual curso?

Semestre e ano da conclusão da graduação: _____

Curso: _____

11. Quanto a sua Educação Empreendedora:

A) Na sua percepção a disciplina de Empreendedorismo, cursada na graduação da Faccamp, foi fundamental para sua formação? Promoveu transformações em sua vida pessoal, profissional e acadêmica?

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo em partes	Discordo um pouco	É indiferente para mim	Concordo um pouco	Concordo em partes	Concordo totalmente

B) Na sua percepção as ações pedagógicas e metodológicas de ensino, ministradas na disciplina de Empreendedorismo, contribuíram para o conhecimento que tens hoje sobre Empreendedorismo.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo em partes	Discordo um pouco	É indiferente para mim	Concordo um pouco	Concordo em partes	Concordo totalmente

12. Informações de caráter facultativo (opcional):

Nome completo: _____

Telefone fixo: _____ Telefone celular: _____

e-mail: _____

Endereço para contato: _____

APÊNDICE 3 (Modelo Presencial)

EIQ Questionário de Intenção Empreendedora - VERSÃO EM PORTUGUÊS, SOUZA 2015 – Os itens a seguir apresentam frases que representam, em geral, atitudes e pensamentos sobre o empreendedorismo.

Nesta pesquisa não existe resposta certa ou errada, apenas marque um X na opção que mais se encaixa com os pensamentos e atitudes.											
1	2	3	4	5	6		7				
Discordo totalmente	Discordo em partes	Discordo um pouco	É indiferente para mim	Concordo um pouco	Concordo em partes		Concordo totalmente				
A 01	Começar e manter um negócio próprio seria fácil para mim.				1	2	3	4	5	6	7
A 02	Uma carreira como empreendedor não é atraente para mim.				1	2	3	4	5	6	7
A 03	Meus amigos aprovariam minha decisão de começar um negócio.				1	2	3	4	5	6	7
A 04	Estou preparado para fazer qualquer coisa para ser um empreendedor.				1	2	3	4	5	6	7
A 05	Acredito que seria completamente incapaz de começar um negócio próprio.				1	2	3	4	5	6	7
A 06	Farei todo o esforço necessário para iniciar e manter meu próprio negócio.				1	2	3	4	5	6	7
A07	Sou capaz de controlar o processo de criação de um novo negócio.				1	2	3	4	5	6	7
A08	Meus parentes mais próximos aprovariam minha decisão de começar um novo negócio.				1	2	3	4	5	6	7
A09	Tenho sérias dúvidas em algum dia começar um negócio próprio.				1	2	3	4	5	6	7
A10	Se eu tivesse oportunidade e recursos, eu adoraria começar um novo negócio próprio.				1	2	3	4	5	6	7

A11	Meus colegas de trabalho aprovariam minha decisão de abrir um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A12	Diante de várias opções, preferiria qualquer coisa, exceto começar um negócio próprio.	1	2	3	4	5	6	7
A13	Estou determinado a criar um negócio inovador no futuro.	1	2	3	4	5	6	7
A14	Se eu tentasse começar um negócio, teria uma grande chance de ser bem sucedido.	1	2	3	4	5	6	7
A15	Ser um empreendedor me traria grande satisfação	1	2	3	4	5	6	7
A16	Seria muito difícil para eu desenvolver uma ideia de um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A17	Meu objetivo profissional é ser um empreendedor.	1	2	3	4	5	6	7
A18	Ser um empreendedor implica mais em vantagens do que em desvantagens para mim.	1	2	3	4	5	6	7
A19	Tenho muita pouca vontade de começar um negócio algum dia.	1	2	3	4	5	6	7
A20	Conheço todos os detalhes práticos para começar um negócio.	1	2	3	4	5	6	7

APÊNDICE 4 (Modelo Presencial)

INVENTÁRIO DE ESTILO DE APRENDIZAGEM (DAVID A. KOLB)

Instruções

O Inventário de Estilo de Aprendizagem descreve a maneira pela qual você aprende e como você lida com as ideias e as situações do dia a dia em sua vida. Abaixo, você encontrará 12 sentenças.

Cada sentença tem quatro terminações (A, B, C, D). Classifique as terminações de cada sentença de forma a retratar a maneira como você atua ao ter que aprender algo.

Procure recordar algumas situações recentes em que teve que aprender algo novo, talvez em seu trabalho ou na universidade.

Então, fazendo uso do espaço disponível, classifique com "4" a terminação da sentença que descreve a situação de como você aprende melhor, descendo até chegar a "1" para terminação da sentença que você considera que é a maneira menos provável como você aprenderia algo.

Assegure-se de classificar todas as terminações de cada sentença.

Exemplo de uma sentença completa:

1. Enquanto aprendo: (2) sou feliz; (1) sou rápido; (3) sou lógico; (4) sou cuidadoso.

LEMBRE-SE:

4 = a maneira como você aprende melhor; **3** = segunda melhor maneira que você aprende; **2** = terceira melhor maneira como você aprende; **1** = maneira menos provável como você aprende.

OBSERVAÇÕES: Dê uma resposta para cada uma das quatro terminações. Não repita valores na mesma sentença. Responda sinceramente, porém pense na sua última experiência ao aprender algo novo.

Não passe para a sentença seguinte antes de terminar a que você já começou. As suas respostas ficarão totalmente anônimas.

INVENTÁRIO DE ESTILO DE APRENDIZAGEM (DAVID A. KOLB)

Versão traduzida e adaptada por Cerqueira (2000)

1. Enquanto aprendo:	Gosto de lidar com meus sentimentos	Gosto de pensar sobre ideias	Gosto de estar fazendo coisas	Gosto de observar e escutar
2. Aprendo melhor quando:	Ouçoo e observo com atenção	Me apoio em pensamento lógico	Confio em meus palpites e impressões	Trabalho com afinco para executar a tarefa
3. Quando estou aprendendo:	Tendo buscar as explicações para as coisas	Sou responsável acerca das coisas	Fico quieto e concentrado	Tenho sentimentos e reações fortes
4. Aprendo:	Sentindo	Fazendo	Observando	Pensando
5. Enquanto Aprendo:	Abro-me a novas experiências	Examino todos os ângulos da questão	Gosto de analisar as coisas, desdobrá-las em suas partes	Gosto de testar as coisas
6. Enquanto estou aprendendo:	Sou uma pessoa observadora	Sou uma pessoa ativa	Sou uma pessoa intuitiva	Sou uma pessoa lógica
7. Aprendo melhor através de:	Observação	Interações pessoais	Teorias racionais	Oportunidades para experimentar e praticar
8. Enquanto aprendo:	Gosto de ver os resultados de meu trabalho	Gosto de ideias e teorias	Penso antes de agir	Sinto-me pessoalmente envolvido no assunto
9. Aprendo melhor quando:	Me apoio em minhas observações	Me apoio em minhas impressões	Posso experimentar coisas por mim mesmo	Me apoio em minhas idéias
10. Quando estou aprendendo:	Sou uma pessoa compenetrada	Sou uma pessoa flexível	Sou uma pessoa responsável	Sou uma pessoa racional

11. Enquanto aprendo:		Gosto de me envolver		Gosto de observar		Avalio as coisas		Gosto de estar ativo
12. Aprendo melhor quando:		Analiso as ideias		Sou receptivo e de mente aberta		Sou cuidadoso		Sou prático

APÊNDICE 2 (Modelo *on line*)

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA

QUESTIONÁRIO Nº: _____

DATA: ____/____/____

DADOS DO ENTREVISTADOR
Nome: Daniela Cabez Santos Pereira Noda
Caracterização: Mestranda em Administração das Micro e Pequenas Empresas
Linha de Pesquisa: Empreendedorismo e Negócios
Motivo da Pesquisa: Identificar a Intenção Empreendedora e o Perfil de Aprendizagem dos alunos que cursaram a disciplina de Empreendedorismo.

Parte I - Dados pessoais e características socioeconômicas

INSTRUÇÕES
<ul style="list-style-type: none">• Para cada item do questionário assinale uma única alternativa de resposta.• Responda o questionário preenchendo com negrito a sentença de resposta correta ou tarjando de amarelo a lacuna (quadrado) correspondente a sentença escolhida como correta

1. GÊNERO:

Masculino

Feminino

2. IDADE:

Entre 18 e 21 anos

Entre 22 e 25 anos

Entre 26 e 29 anos

Entre 30 e 33 anos

Entre 34 e 37 anos

Acima de 37 anos

3. ESTADO CIVIL:

Solteiro/a

Casado/a

Viúvo/a

Separado(a)/Divorciado(a)

4. Selecione a opção que melhor se adequa à sua situação de trabalho atual (apenas uma opção):

4.1. Empregado

Empresa Privada Setor Público - Concursado

Setor Público - Não Concursado ONG ou associação

4.2. Empregado Autônomo

- Trabalhador independente Empreendedor com parentes
 Iniciando um novo empreendimento

4.3. Não trabalha

- Desempregado Estudante Outros

5. Algum dos seus familiares mais próximos são empreendedores?

- Pai e/ou Mãe Irmãos Tios e/ou avós Primos Não
 Se sim, que tipo de negócio _____

6. Você já participou de atividades de empreendedorismo? (pode marcar mais de uma opção)

- Palestras Seminário Workshop Congresso
 Curso de curta duração Disciplina de Empreendedorismo Bota pra fazer
 Empretec Startup Incubadora de empresa
 Centro de Empreendedorismo Empresa Junior
 Não. Nenhuma atividade até o momento Outros

7. Renda Mensal Própria:

- Ainda não tenho renda própria Até R\$ 880,00
 Entre R\$ 880,01 a R\$ 1.760,00 Entre R\$ 1.760,01 a R\$ 2.640,00
 Acima de R\$ 2.640,01

8. Renda Mensal Familiar:

- Não tenho renda familiar Até R\$ 880,00
 Entre R\$ 880,01 a R\$ 1.760,00 Entre R\$ 1.760,01 a R\$ 2.640,00
 Acima de R\$ 2.640,01

9. Atualmente está cursando qual semestre e qual curso de graduação?

Semestre atual da graduação: _____

Curso: _____

10. Já se formou? Em que ano e qual curso?

Semestre e ano da conclusão da graduação: _____

Curso: _____

11. Quanto a sua Educação Empreendedora:

A) Na sua percepção a disciplina de Empreendedorismo, cursada na graduação da Faccamp, foi fundamental para sua formação? Promoveu transformações em sua vida pessoal, profissional e acadêmica?

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo em partes	Discordo um pouco	É indiferente para mim	Concordo um pouco	Concordo em partes	Concordo totalmente

B) Na sua percepção as ações pedagógicas e metodológicas de ensino, ministradas na disciplina de Empreendedorismo, contribuíram para o conhecimento que tens hoje sobre Empreendedorismo.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo em partes	Discordo um pouco	É indiferente para mim	Concordo um pouco	Concordo em partes	Concordo totalmente

12. Informações de caráter facultativo (opcional):

Nome completo: _____

Telefone fixo: _____ Telefone celular: _____

e-mail: _____

Endereço para contato: _____

APÊNDICE 3 (Modelo *on line*)

EQ Questionário de Intenção Empreendedora - VERSÃO EM PORTUGUÊS, SOUZA 2015 – Os itens a seguir apresentam frases que representam, em geral, atitudes e pensamentos sobre o empreendedorismo.

Nesta pesquisa não existe resposta certa ou errada, apenas marque um X ou tarje de amarelo na opção que mais se encaixa com os pensamentos e atitudes.												
	1	2	3	4	5	6			7			
	Discordo totalmente	Discordo em partes	Discordo um pouco	É indiferente e para mim	Concordo um pouco	Concordo em partes			Concordo totalmente			
A 01	Começar e manter um negócio próprio seria fácil para mim.					1	2	3	4	5	6	7
A 02	Uma carreira como empreendedor não é atraente para mim.					1	2	3	4	5	6	7
A 03	Meus amigos aprovariam minha decisão de começar um negócio.					1	2	3	4	5	6	7
A 04	Estou preparado para fazer qualquer coisa para ser um empreendedor.					1	2	3	4	5	6	7
A 05	Acredito que seria completamente incapaz de começar um negócio próprio.					1	2	3	4	5	6	7
A 06	Farei todo o esforço necessário para iniciar e manter meu próprio negócio.					1	2	3	4	5	6	7
A07	Sou capaz de controlar o processo de criação de um novo negócio.					1	2	3	4	5	6	7
A08	Meus parentes mais próximos aprovariam minha decisão de começar um novo negócio.					1	2	3	4	5	6	7
A09	Tenho sérias dúvidas em algum dia começar um negócio próprio.					1	2	3	4	5	6	7
A10	Se eu tivesse oportunidade e recursos, eu					1	2	3	4	5	6	7

	adoraria começar um novo negócio próprio.							
A11	Meus colegas de trabalho aprovariam minha decisão de abrir um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A12	Diante de várias opções, preferiria qualquer coisa, exceto começar um negócio próprio.	1	2	3	4	5	6	7
A13	Estou determinado a criar um negócio inovador no futuro.	1	2	3	4	5	6	7
A14	Se eu tentasse começar um negócio, teria uma grande chance de ser bem sucedido.	1	2	3	4	5	6	7
A15	Ser um empreendedor me traria grande satisfação	1	2	3	4	5	6	7
A16	Seria muito difícil para eu desenvolver uma ideia de um novo negócio.	1	2	3	4	5	6	7
A17	Meu objetivo profissional é ser um empreendedor.	1	2	3	4	5	6	7
A18	Ser um empreendedor implica mais em vantagens do que em desvantagens para mim.	1	2	3	4	5	6	7
A19	Tenho muita pouca vontade de começar um negócio algum dia.	1	2	3	4	5	6	7
A20	Conheço todos os detalhes práticos para começar um negócio.	1	2	3	4	5	6	7

APÊNDICE 4 (Modelo *on line*)

INVENTÁRIO DE ESTILO DE APRENDIZAGEM (DAVID A. KOLB)

Instruções

O Inventário de Estilo de Aprendizagem descreve a maneira pela qual você aprende e como você lida com as ideias e as situações do dia a dia em sua vida. Abaixo, você encontrará 12 sentenças.

Cada sentença tem quatro terminações (A, B, C, D). Classifique as terminações de cada sentença de forma a retratar a maneira como você atua ao ter que aprender algo. Não utilize fonte maior que 10 para não desconfigurar a tabela.

Procure recordar algumas situações recentes em que teve que aprender algo novo, talvez em seu trabalho ou na universidade.

Então, fazendo uso do espaço disponível, classifique com "4" a terminação da sentença que descreve a situação de como você aprende melhor, descendo até chegar a "1" para terminação da sentença que você considera que é a maneira menos provável como você aprenderia algo.

Assegure-se de classificar todas as terminações de cada sentença. Exemplo de uma sentença completa:

1. Enquanto aprendo: (2) sou feliz; (1) sou rápido; (3) sou lógico; (4) sou cuidadoso.

LEMBRE-SE:

4 = a maneira como você aprende melhor; **3** = segunda melhor maneira que você aprende; **2** = terceira melhor maneira como você aprende; **1** = maneira menos provável como você aprende.

OBSERVAÇÕES: Dê uma resposta para cada uma das quatro terminações. Não repita valores na mesma sentença. Responda sinceramente, porém pense na sua última experiência ao aprender algo novo.

Não passe para a sentença seguinte antes de terminar a que você já começou. As suas respostas ficarão totalmente anônimas.

INVENTÁRIO DE ESTILO DE APRENDIZAGEM (DAVID A. KOLB)

Versão traduzida e adaptada por Cerqueira (2000)

1. Enquanto aprendo:	Gosto de lidar com meus sentimentos	Gosto de pensar sobre ideias	Gosto de estar fazendo coisas	Gosto de observar e escutar
2. Aprendo melhor quando:	Ouçó e observo com atenção	Me apoio em pensamento lógico	Confio em meus palpites e impressões	Trabalho com afinco para executar a tarefa
3. Quando estou aprendendo:	Tendo buscar as explicações para as coisas	Sou responsável acerca das coisas	Fico quieto e concentrado	Tenho sentimentos e reações fortes
4. Aprendo:	Sentindo	Fazendo	Observando	Pensando
5. Enquanto Aprendo:	Abro-me a novas experiências	Examino todos os ângulos da questão	Gosto de analisar as coisas, desdobrá-las em suas partes	Gosto de testar as coisas
6. Enquanto estou aprendendo:	Sou uma pessoa observadora	Sou uma pessoa ativa	Sou uma pessoa intuitiva	Sou uma pessoa lógica
7. Aprendo melhor através de:	Observação	Interações pessoais	Teorias racionais	Oportunidades para experimentar e praticar
8. Enquanto aprendo:	Gosto de ver os resultados de meu trabalho	Gosto de ideias e teorias	Penso antes de agir	Sinto-me pessoalmente envolvido no assunto
9. Aprendo melhor quando:	Me apoio em minhas observações	Me apoio em minhas impressões	Posso experimentar coisas por mim mesmo	Me apoio em minhas idéias

10. Quando estou aprendendo:	Sou uma pessoa compenetrada	Sou uma pessoa flexível	Sou uma pessoa responsável	Sou uma pessoa racional
11. Enquanto aprendo:	Gosto de me envolver	Gosto de observar	Avalio as coisas	Gosto de estar ativo
12. Aprendo melhor quando:	Analiso as ideias	Sou receptivo e de mente aberta	Sou cuidadoso	Sou prático